



**ADORO ROMANCES EM E-BOOKS
APRESENTA!
JULIA- 1521- VOTOS DE CASAMENTO-
ALLISON KNIGHT**



Inglaterra, 1830 Uma questão de confiança... E de amor!

Ao desembarcar sozinha na Inglaterra, Abigail Moore esperava por tudo; menos arranjar um marido. Além de saber que nenhum homem era digno de confiança, seu passado a impediria que fizesse um casamento decente. Por isso, quando um encontro fortuito com o atraente Bradford St. James comprometeu sua reputação, ela ficou horrorizada ao saber que teria de se casar com ele... Por mais que se sentisse enfeitiçada pelo charme daquele homem!

Brad não podia negar sua atração pela adorável americana: No entanto, ela não parecia ser o tipo de mulher em quem pudesse confiar... E quando ele começou a ser vítima de atentados à sua vida, suspeitou que Abby estivesse por trás de tudo.

TÍTULO ORIGINAL: VOW TO CHERISH





CAPÍTULO I

Durley, Inglaterra, 1830

Mais uma carruagem se aproximava. Dessa vez tinha que ser ele! Abigail Moore afastou um pouco a cortina da janela e olhou através do vidro sujo, esperando enquanto o veículo percorria o caminho até a porta de entrada da estalagem.

Seu irmão chegara e finalmente estaria segura naquele país desconhecido. Logo ele bateria à sua porta, reuniria seus pertences e partiriam.

Olhou de relance para a bolsa que deixara em cima do criado-mudo. Restavam-lhe apenas algumas moedas, que com certeza não seriam suficientes para o custeio de mais uma noite naquele lugar. Oh, por que ele demorava tanto a bater?

Num impulso, tirou da bolsa a mensagem que o irmão lhe enviara.

Se, por qualquer razão, eu não estiver no porto quando chegar, siga até a Rua Durley. Encontro-a assim que chegar na cidade. Harry Whitmore, conde de Carrington.

Não havia erro, não podia ter se enganado.

Voltou à janela. Quem quer que estivesse naquela carruagem já havia descido. O cocheiro cuidava dos cavalos. O coração de Abigail estava disparado. Correu à penteadeira para prender novamente a fita que enlaçava os longos cabelos loiros. Ajeitou o chapéu, o vestido, e esperou pela batida na porta, que logo viria.

Seu meio-irmão insistira muito para que deixasse a América e viesse, como dizia ele, "ocupar seu lugar de direito" na Inglaterra. Havia até mesmo lhe enviado uma quantia mais do que suficiente para a viagem. Pensando nisso, Abby se arrependeu. Não devia ter usado parte daquele dinheiro antes de partir, saldando as dívidas que sua mãe contraía durante o período da doença.

Abigail suspirou. Os últimos meses da mãe haviam sido difíceis e seria egoísmo desejar que ainda estivesse viva. Mas sentia tanto sua falta... Através da janela podia sentir a noite escura e silenciosa. Esperou um pouco mais, e nada. Nada quebrava aquela sensação medonha de solidão. Abby nunca se sentira tão desprotegida em sua vida.

Não podia fraquejar. Só contava consigo mesma e precisava decidir o que fazer. Resolveu ir novamente até o senhorio e perguntar-lhe se o conde havia chegado ou enviado alguma mensagem. Talvez ele não se lembrasse de que era ela quem esperava notícias do conde de Carrington.



A taberna no andar de baixo estava cheia, e uma dama desacompanhada atraía a atenção. Procurando controlar o medo, Abby puxou o xale com força e tentou avistar o proprietário do lugar. Percebeu que ele conversava com um homem baixo e atarracado, impecavelmente vestido. Parecia fazer parte da corte de um príncipe, tal a sua elegância. Estava sério e discutia com ele algum assunto de importância, que Abby não se sentia à vontade para interromper. Ele não podia ser seu irmão, podia? Lembrou-se de como sua mãe descrevera seu pai. Alto e esguio, pele muito branca, cabelos claros... Não, seu meio-irmão não podia ser aquele homem. Talvez fosse um mensageiro.

Ante o olhar insistente de Abby, os dois se voltaram em sua direção. Confusa, ela imediatamente deu um passo em direção ao salão, procurando disfarçar o interesse. Sem perceber, aproximou-se de um homem que a olhava fixamente. Quando o viu, Abby ficou por um instante como que hipnotizada. Os olhos dele eram escuros e penetrantes, e seu interesse por ela tão vivo que não havia como se desviar.

Era muito bonito, talvez o homem mais bonito que ela já vira. Muito alto, forte, diferente de todos os outros. Embora sob a luz fraca fosse impossível distinguir exatamente a cor de seus olhos, eles a fitavam com tal intensidade que qualquer distância entre eles se dissipava. Abby estremeceu. Sabia exatamente como os homens eram egoístas e cruéis, principalmente os que tinham esse estilo arrojado. Por sorte, o homenzinho que antes conversava com o senhorio passou rapidamente por ela e se dirigiu a ele. Abby lembrou-se de seu objetivo e, envergonhada, dirigiu-se ao proprietário.

— Senhor — começou em voz baixa, posso lhe perguntar se Harry Whitmore enviou alguma notícia?

O senhorio olhou-a com arrogância.

— Eu já lhe disse, *senhorita*, que se ouvir algo a respeito desse Whitmore, avisarei. Agora, se me der licença, estou ocupado. Por que aquela entonação irônica ao pronunciar a palavra "senhorita"? Abby sentiu que o sangue lhe subia às faces.

— Talvez, senhor — ela disse, levantando a cabeça com raiva —, ele tenha deixado alguma mensagem com o nome de conde de Carrington. Eu espero pelo conde de Carrington — ela enfatizou, fazendo com que o tom de sua voz se elevasse ao pronunciar as últimas palavras.

O senhorio pareceu avaliá-la por alguns segundos.

— Sim, a *senhorita* espera por um conde — disse devagar, para depois quase gritar, conclusivo:



— Não, nenhuma palavra nem de seu Whitmore nem do conde de Carrington. E eu espero o pagamento de seu quarto pela manhã, logo cedo.

Abby sentiu que todos se voltavam para ela, e, procurando manter alguma dignidade, dirigiu-se às escadas e subiu os degraus quase correndo.

Seria uma longa noite, ainda mais terrível do que aquela em que sua mãe falecera. Onde estaria seu meio-irmão? Será que nem com ele podia contar? O que faria ali sozinha?

Bradford St. James, o conde de Lynbrook, contemplou a jovem que subia as escadas. Ouvira, assim como todos os presentes, que ela esperava por notícias de Carrington. Não pôde conter a curiosidade.

— Aquela jovem perguntava pelo conde de Carrington, Harry Whitmore?

— Sim, milorde. — O senhorio deu um sorriso sarcástico.

— Se é que o tal homem existe.

— Existe sim, e eu o conheço muito bem — Brad respondeu com a expressão fechada. O rosto do homem se avermelhou até as orelhas.

— Perdão, senhor. Não quis ofendê-lo.

— Não considerarei como ofensa. Fale-me sobre a jovem.

— Sim, milorde. — O peito do velhote se inflou, cheio de importância.

— Ela chegou há três dias. Das colônias, segundo ela. Disse que Whitmore orientou que esperasse por ele aqui, que viria buscá-la. Ela pagou pelo quarto e fez suas refeições lá mesmo. Mas ele não veio e não lhe enviou nenhuma mensagem.

Bradford fixou o olhar no vazio, com um sorriso nos lábios.

— Obrigado pela informação. Jantarei em meus aposentos.

— Ao gesto de anuência do senhorio, dirigiu-se para as escadas, mas subitamente voltou ao homem: — A propósito, qual é o quarto da jovem?

— Eu lhereservei um pequeno quarto no último andar. E a última porta à direita. Eu nunca ouvi falar do conde, milorde. Espero não ter cometido nenhum erro.

Brad se afastou um pouco antes de dizer ao criado: — Carrington mandou trazer uma nova amante da América! Curioso, não acha?

— Começou a subir de dois em dois os degraus de madeira. — Quero que vá ver minha bagagem e cuide para que alimentem os animais. Depois quero mais informações sobre a americana.

Já no quarto, Brad andava de um lado para o outro, ansioso. Jamais perdoaria o que acontecera com Rosemarie. Oferecera-lhe todo o conforto, uma casa montada, suas atenções.



Nunca entenderia por que havia preferido a proteção de Carrington. Bodkins bateu levemente na porta e entrou.

— Bodkins! Conseguiu encaminhar o que lhe pedi? Ótimo. Agora pense comigo: Carrington leva Rosemarie, bem debaixo do meu nariz, e, além disso, tem outra mulher esperando por ele em Durley? Não faz o menor sentido. Mal posso acreditar.

Bodkins serviu-lhe um cálice de conhaque, sem nada responder.

— Quero que converse com ela. Descubra exatamente de onde veio e se há realmente uma possibilidade de Carrington ter mandado buscá-la.

— Sir, acha que é realmente o melhor a fazer? — Bodkins perguntou com a expressão séria. — O senhor já teve muitos problemas com esse assunto.

— Sei que perdi Rosemarie, Bodkins. O navio partiu nenhuma explicação. Não há nada a ser feito a não ser aceitar isso. — Brad se sentia realmente injustiçado. — Mesmo assim, se a jovem está aqui a mando de Carrington, será bom para ele que eu a tire de seu caminho. Terá que se desvencilhar dela e tudo o mais...

— A jovem parecia muito triste, senhor.

— Bem, mais uma razão para ir vê-la. Se ela é realmente americana, não podemos deixá-la pensar que os ingleses são assim tão cruéis.

— Ele se levantou, deixando o paletó na cadeira.

— Veja o que descobre com ela, Bodkins. E depois me conte.

Sem se voltar, Brad ouviu o criado fechar a porta. Sorriu. Não demoraria nada até que ele descobrisse quem era aquela mulher e o que queria com Carrington. Sentia uma estranha excitação, mal podia se sentar. Logo saberia. Talvez sua sorte estivesse mudando.

A batida na porta fez com que Abby saltasse da cama, assustada.

— Oh, graças a Deus! — ela exclamou e correu à porta.

— Achei que você não viria nunca!

Não era alto, nem ruivo. O homenzinho atarracado que ela vira minutos antes era quem estava ali. Seus pequenos olhos cinzentos a fitaram, cheios de simpatia. Será que não fora mesmo enviado por Harry?

— Quem é você? — perguntou sem entender.

— Meu nome é Bodkins, milady. Estou a serviço do conde de Lynbrook, Bradford St. James.

Abby sentiu sua última réstia de esperança se esvaindo. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela precisou de todas as suas forças para controlar o choro. Levantou a cabeça, mas foi novamente tomada pelo terror. Deus do céu tinha aberto a porta para um homem totalmente estranho. Onde estava com a cabeça?



Engolindo em seco, procurou disfarçar sua apreensão:

— O que o senhor deseja?

— O conde de Lynbrook teme que milady esteja com alguma dificuldade. Se me permitir, gostaria de lhe oferecer sua assistência.

— Obrigada, mas estou bem — ela mentiu, enquanto uma pequena voz soava em sua mente: *Precisa sim, de toda a ajuda que puder conseguir.*

— Por favor, realmente gostaríamos de ajudá-la. Como eu disse, estou a serviço do conde de Lynbrook. Ele a ouviu conversando com o senhorio e acredita que possa lhe ser útil.

Abby olhava para o homem à sua frente sem saber o que fazer. A vergonha era quase tão forte quanto o medo de continuar ali, naquele lugar, sozinha. Harry não tinha aparecido, ela não tinha com quem contar, e com toda a certeza o senhorio a colocaria para fora de seu estabelecimento na manhã seguinte. E, por incrível que parecesse, o homenzinho tinha um ar sincero.

— Por favor, senhor, qual é mesmo o seu nome?

— Bodkins, milady.

— Bodkins... Só isso?

— Sim, apenas Bodkins. Agora me diga: há algo que o conde possa fazer pela senhorita?

Abby engoliu em seco. O que poderia dizer? Será que o conde realmente poderia ajudá-la?

— Eu... estou aqui à espera de Harry Whitmore, o conde de Carrington

— Abby conseguiu dizer, mordendo os lábios em seguida.

— Harry Whitmore?

— Sim. Ele me disse para vir para cá quando chegasse.

— Para cá? — Bodkins fez uma expressão de desagrado. Abby assentiu.

— De onde a senhorita é? Certamente não é inglesa.

— Não, sou americana. Da Filadélfia.

— Oh, sim, já ouvi falar muito da Filadélfia. Mas ainda não entendo.

Lorde Carrington pediu que viesse e lhe dissesse que aguardasse por ele nessa estalagem.

— Recebi uma carta, o dinheiro, a passagem e instruções para que o aguardasse em Durley. Ele devia ter me encontrado há três dias. Mas ainda não veio — Abby disse com a voz embargada. Será que o homenzinho acreditaria nela?

— Não quero que pense que desconfio do que me diz, milady, mas sei que lorde Carrington está em Londres. A senhorita o espera há três dias? Ele lhe enviou dinheiro suficiente para alimentação e hospedagem?



Abby lembrou-se da xícara de chá e das torradas que pedira pela manhã e sentiu o vazio no estômago. Conseguiria pagar por mais aquela noite de acomodação, mas depois...

O criado pareceu ler seus pensamentos.

— Ainda não jantou. — Era uma afirmação. — Qual foi sua última refeição?

— Hoje de manhã — Abby disse baixinho, enrubescendo de vergonha. O homenzinho olhou mais uma vez para ela e passou a mão pelos cabelos.

— Isso não pode ser, não, de forma alguma. Rapidamente, ele alcançou a escada. Abby queria gritar de frustração. Não queria que ele se fosse, precisava que ficasse.

Percebendo o que fizera, ele se voltou com um sorriso acolhedor:

— Estarei de volta em instantes.

Abby observou enquanto ele descia as escadas. Em seguida fechou a porta e encostou-se na madeira fria. Precisava raciocinar encontrar um meio de localizar Harry.

Brad andava de um lado para o outro. Bodkins demorava uma eternidade. Estava sem paciência, aquela fora uma semana muito difícil.

Deu um murro na porta ao lembrar-se da noite de domingo. Havia recebido a notícia de que um de seus melhores capitães aportara em Southampton, tendo perdido parte da carga do navio. Ao chegar ao porto, o navio não estava lá e não conseguira nenhuma informação. Exausto, decidira buscar ânimo nos braços de Rosemarie. Estivera com ela cinco ou seis meses antes. Mantinha-a como amante, não deixava que nada lhe faltasse, mas não tinha tempo de vê-la com muita frequência.

A mulher o recebera na porta, com total frieza. Disse-lhe que tinha um novo protetor e que ele não devia mais visitá-la. Sua irritação e seu cansaço eram tamanhos que Brad não conseguira prestar atenção aos detalhes de quando ela deixaria a casa e tudo o mais. Resolvera sair dali o quanto antes. Soube depois, através de conhecidos do clube, que a magnífica Rosemarie Marchand havia saído com Carrington diversas noites...

O barulho dos passos de Bodkins na escada interrompeu seus pensamentos.

— Ela vem mesmo da América, sir. Carrington pagou para que viesse, mas ainda não veio buscá-la. Duvido que tenha uma moeda na bolsa ou que tenha para onde ir, e fez sua última refeição hoje de manhã.



Bodkins parecia comovido e Brad quase se irritou.

— Bem, ela não teria problemas em conseguir dinheiro. Praticamente todos os homens aqui pagariam muito bem por seus favores.

— Sir... Claro que não estou certo, mas poderia jurar que se trata de uma donzela.

— Isso nunca impediu ninguém de...

Antes de terminar a frase, Brad já alcançava seu casaco.

— Esperando por Carrington? Sem dinheiro? Sem ter para onde ir?

Hum... Interessante.

Aproximando-se do espelho, ajeitou o colarinho. Não podia negar. A amante de Carrington despertava-lhe algo mais do que mera curiosidade.

— Bodkins, vamos até o quarto da jovem. Você me apresenta, dizendo-lhe que estou encantado em poder lhe servir. Sim — ele disse categoricamente quando percebeu que Bodkins hesitava. — Vamos até ela assegurar-lhe que podemos ajudar. Na verdade, eu mal posso esperar para discutir com ela seu futuro.

Brad nem mesmo tentou esconder o prazer que a situação lhe causava.

Olho por olho, uma mulher por outra, ele disse a si mesmo ao cruzar o hall. Se ela fosse mesmo desejável, daria a ela a casa que Rosemarie ocupara. Mulheres adoravam roupas. Ele a vestiria como uma rainha. Brad praticamente correu à frente de Bodkins até o segundo andar. Deixou então, mesmo ansioso, que o outro tomasse a frente.

A mulher que lhes abriu a porta era mais do que atraente. Era deslumbrante! Tinha a pele alva e rosada, como uma flor. Pequena, delicada, bem-feita... Brad imaginou-se abraçando-a. Com atenção, percebeu os olhos azuis brilhantes, amedrontados.

Bodkins o apresentou, e ele, como que acordando de um sonho, deu um passo à frente. Desejava poder tranquilizá-la.

— Asseguro que não lhe farei nenhum mal, senhorita. Acredito que possa ajudá-la. Percebeu a hesitação dela e, caindo em si, correu a acrescentar: — Senhorita sou Bradford St. James, conde de Lynbrook. Conheço Carrington e acredito que possa ajudá-la nessa situação difícil em que se encontra.

Abby olhou para Bodkins, que estava à sua esquerda, e então de volta para Brad. Ele esperou vários segundos antes que ela lhe dirigisse um sorriso frágil, com alguma esperança no olhar.

— O senhor conhece Harry Whitmore, conde de Carrington? — E, antes que ele pudesse responder, continuou: — Sir, eu aceito sua ajuda. Meu nome é Abigail Moore. — Sua voz era um murmúrio suave. — Meus amigos me chamam de Abby.



Seu criado me disse que o senhor também é conde.

Brad assentiu e sorriu ao ouvir a voz dela. A forma clara com que pronunciava as palavras sugeria uma boa educação. A musicalidade daquela voz e o suave perfume de flores que chegava até ele provocaram-lhe uma súbita onda de desejo.

— Posso então chamá-la de Abby? Quero ser seu amigo — disse, usando o charme que sabia ter. Vislumbrou o pequeno quarto. Ela não devia estar nada confortável ali. — Jantarei daqui a minutos em meus aposentos. Não quer me acompanhar? Poderíamos jantar juntos, Bodkins nos fará companhia.

Ele lhe deu alguns segundos para considerar a oferta. Apreciou o rosto que ficava ainda mais corado ao ponderar o que fazer. Esperou pacientemente, sabendo que, de uma verdadeira dama, só havia uma resposta a esperar.

— Agradeço o convite, sir... E aceito.

Brad suprimiu um sorriso de triunfo. Com que, então, ela não era uma dama. Isso facilitava muito as coisas... Mas lhe causava uma certa frustração. Difícil de entender... Ficava excitado só de olhar para ela. Fez sinal para que descesse a escada à sua frente e esperou que Bodkins abrisse a porta. Indicou que se sentasse no sofá aveludado de dois lugares e acomodou-se em seguida à sua frente.

— Fale-me um pouco sobre lorde Carrington.

— Depois que minha mãe faleceu, ele escreveu e me disse que viesse à Inglaterra, que ele me pegaria na estalagem. Mas cheguei há três dias, e estou sem notícias e... Sinceramente, não sei o que fazer.

Ela parecia realmente confusa. Brad escondeu novamente um sorriso e levantou-se. Alcançou a garrafa de conhaque e dois cálices.

— Não se preocupe. Recomendo que se aqueça e se acalme... — disse gentilmente, estendendo-lhe o cálice.

— Não, sir — ela recusou horrorizada. — Não posso fazer isso!

— Desculpe Abby. Em uma situação normal eu jamais ofereceria conhaque a uma... Dama. — Ele hesitou propositalmente na palavra, mas ela pareceu não perceber. — Mas você está quase em estado de choque. Seria recomendável que se tranquilizasse um pouco.

Ainda hesitante, ela aceitou o cálice, levando-o timidamente aos lábios. Brad observou enquanto tomava um gole e tossia os olhos se enchendo de lágrimas. Não, ela não confiaria nele de pronto. Precisaria ganhar sua confiança aos poucos.

— Enquanto esperamos pelo jantar, por que não me fala um pouco sobre você? Sei apenas que vem da América, perdeu sua mãe... E seu pai?



Essa questão o interessava sobremaneira. Se ela aceitasse tornar-se sua amante, deveria ter garantias de que nenhum pai irado chegaria da América em algumas semanas, exigindo um casamento. Brad relaxou nas almofadas e esperou que ela respondesse.

Abby voltou a experimentar o licor, balançando a cabeça como se tentasse clarear a mente.

— Meu pai e minha mãe morreram. Antes de minha mãe falecer, morávamos numa cidadezinha próxima à Filadélfia...

Brad ouviu quando ela lhe contou que era professora na América, descreveu suas aulas, o amor por seus pequenos alunos. Ele sorria com uma admiração sincera. Oh, sim, ela era inteligente, culta, e devia ser talentosa, pois ensinava música. Era justamente a tonalidade de sua voz que o deliciava! Queria descobrir como Carrington a havia encontrado.

Se ela tivesse alguma lealdade a Carrington, fazê-la concordar com sua proposta poderia se tornar um tanto mais difícil. Precisava antecipadamente descobrir se ela era tão sensual quanto acreditava que fosse.

Bodkins abriu a porta para a criada da hospedaria e orientou-a a colocar mais um lugar à mesa.

— Senhor... — Bodkins inclinou-se ligeiramente para ele. — A refeição será servida.

Brad indicou a Abby um lugar na mesa e, enquanto jantavam, observou que ela já falava mais livremente. Ah, o conhaque...

Não conseguia desviar os olhos da boca de Abby, do movimento sensual dos lábios rosados, que formavam palavras que ele não mais distinguia. Não demoraria a prová-los...

Suspirava antecipadamente de prazer. Sob a luz das velas, apreciava o aspecto travesso dos cachinhos loiros que vez ou outra escapavam da fita e cobriam os olhos azuis expressivos. Teria de encontrar uma safira, ou uma esmeralda, que realçasse ainda mais aquele brilho. Iria cobri-la de seda. Azul ou verde?

— Não está com fome, sir? Sua comida está esfriando... Arrebatado de seus pensamentos, Brad tentou encontrar o que dizer. Não conseguiu e serviu-se de algumas batatas. Só sabia que Abby era perfeita e que ele a possuiria.

O pensamento despertou-lhe uma excitação tão intensa que foi obrigado a afastá-lo. Notou que a apreensão de Abby diminuía quase que totalmente, diria mesmo que estava à vontade, ali, com ele. Era hora de retomar a conversa, Brad decidiu.



— Abby, ao amanhecer podemos pensar em levá-la diretamente a Londres.

— Londres? Não, sir. Preciso esperar aqui por lorde Carrington. Ele sorriu e falou gentilmente:

— Eu lhe disse que conhecia Carrington, Abby. Você não devia pensar muito nele. Por mais duro que possa parecer, ele já tem...

— O senhor sabe como encontrá-lo, não é? — ela o interrompeu.

— Sabe como posso enviar-lhe uma mensagem, fazê-lo saber que cheguei? — A empolgação fazia com que seus seios arfassem.

— Nem posso lhe dizer o quanto isso significaria para mim. Estava com tanto medo...

Brad afastou-se da mesa, irritado. Não era aquela a reação que esperava. Decidiu aguardar até que ela se acomodasse novamente no sofá, mas ao se levantar, Abby esbarrou nele e ele a segurou. Droga! Ela teria mesmo que ser beijada para perceber que Carrington não era para ela.

Sem dar tempo para que esboçasse qualquer objeção, tomou-a nos braços e colou ferozmente seus lábios aos dela. A princípio, Abby o empurrou fortemente, mas, sem soltá-la, Brad diminuiu a pressão e passou a beijá-la suavemente, apreciando a pele macia. Provava seus lábios, contornava-lhe a boca, o queixo. Quase gemeu de prazer quando percebeu que ela relaxava e se inclinava em sua direção.

Tirando vantagem desse pequeno gesto e sem deixar de beijá-la, ele sentou-se e gentilmente puxou-a para seu colo. Beijou-a no pescoço, na base da nuca, seu perfume o inebriando. Voltou aos lábios para mais um beijo, e mais um, e mais outro, cada vez com maior intensidade e maior entrega.

Sentiu o gosto suave do conhaque quando pressionou seus lábios com cuidado para que Abby abrisse a boca. Quando ela o fez, brincou com sua língua, provocando-a. A tensão dela se desfazia em seus carinhos e Brad queria gritar de satisfação. Abby era feminina e sensual e ele adorava aquilo.

A surpresa foi tão grande que Abby não conseguiu protestar quando o conde a beijou. Antes que pudesse dissuadi-lo, seus lábios já lhe despertavam uma forte sensação, que a tornou incapaz de afastá-lo.

Uma energia que nunca sentira antes se apoderou de seu corpo. Sentia-se dissolver naquele toque, suas preocupações se desvaneciam. Pensar era completamente impossível, naquele momento.

O calor que ele provocava a aquecia por inteiro e ela queria mais e mais a proximidade do corpo masculino, seu perfume, a pele macia. Nunca fora tocada daquela forma.



Entregue ao prazer, Abby sentia vibrar cada ponto sensível de seu corpo.

Havia sido beijada pela primeira vez... E tinha adorado.

Sem nada dizer, Brad levantou a cabeça e olhou-a bem dentro dos olhos. Demorou algum tempo até que ela se desse conta do que estava acontecendo.

— Você não devia ter feito isso. Eu não devia ter deixado... — ela murmurou, finalmente caindo em si.

Afastando-se dele, Abby disse a si mesma que o prazer que sentira não tinha nada a ver com aquele homem que mal conhecia. Estava feliz porque ele sabia onde encontrar seu irmão. Nervosa, levou o cálice de conhaque aos lábios, sentindo que não eram mais os mesmos depois dos beijos trocados. Percebeu que Brad falava com ela, mas não conseguia prestar atenção. Olhou para ele por um momento antes de perguntar.

— Desculpe, o que você disse?

— Perguntei se você não gostaria de ignorar suas relações com Carrington e aceitar a minha proteção — Brad repetiu com um leve sorriso nos lábios, como se soubesse exatamente o que estava acontecendo com ela. — Tenho uma casa em Londres, pronta para você...

Proteção? Do que ele estava falando? Abby levantou-se de um salto, atônita. Como podia julgá-la assim? No mesmo instante voltou a ficar sóbria, e as palavras daquele crápula se perderam em seu acesso de fúria. Proteção! Bradford St. James propunha a ela que se tornasse sua amante! A raiva que sentiu foi indescritível! Os homens não passavam mesmo de animais...

— Você quer que eu seja sua... Amásia? — Ela engasgou com a palavra, o cristal do cálice colado a peito. — Pois enganou-se. Muito!

Ela jogou o que sobrara do conhaque no rosto dele, alcançando a porta em seguida. Abby poderia esmurrar um urso quando passou por aquela porta, tal sua raiva ao ouvir a proposta indecente do conde de Lynbrook. Correu pelo corredor e bateu de frente com um homem que vinha na direção contrária. Furiosa e completamente fora de controle, ela o empurrou com toda a força e continuou correndo, com o único pensamento de alcançar a segurança de seu quarto.

Mal havia dado alguns passos quando sentiu uma mão em seu pulso.

Puxou com força, mas não conseguiu se soltar.

— Me largue! — gritou, fora de si.



— Abigail? Abigail Moore? — As palavras dele causaram-lhe um sobressalto. Virou-se e olhou diretamente para o homem que ainda mantinha seu braço preso.

— Bem, Carrington... — Ouviu o conde de Lynbrook dizendo do corredor e confirmando suas suspeitas. — Por que demorou tanto?

— V-você? — Abby ouviu sua própria voz atrapalhada. — Você é Harry Whitmore, lorde Carrington? Oh, não! — ela gemeu. Decidiu que era melhor se desculpar. — Não quis empurrá-lo daquela maneira. Estava furiosa, perdi o controle e...

Calou-se porque não sabia mais o que dizer ao olhar para o rosto preocupado do homem que ainda segurava seu braço.

— Abigail, porque está aqui em Durley? Estava quase louco tentando imaginar o que havia acontecido a você. Já fui três vezes ao porto de Southampton. Só mesmo por acidente encontrei o homem cuja carruagem você contratou.

— Mas sua carta dizia que eu devia vir para Durley.

— *Rua* Durley, Abigail. Está a vinte quilômetros de lá. Espero por você há três dias. E... — Ele olhou em torno —... Onde está a acompanhante que lhe disse para contratar? O cocheiro me disse que viajava sozinha.

— Acompanhante? Oh...

Abby queria morrer de frustração. Não tinha como dizer a ele que não tinha dinheiro. E podia jurar que estava escrito Durley na carta.

Começou a explicar, mas seu meio-irmão a puxou antes que pudesse dizer mais uma palavra.

— Não agora, Abigail.

Ela se irritou, mas realmente não disse mais nada quando percebeu que os dois homens se encaravam, a tensão entre eles tão forte que a fez prender a respiração.

Eram pura fúria, Bradford St. James ainda limpando o conhaque do queixo. Abby desejava tê-lo empurrado na parede ao invés de seu irmão.

— Lynbrook, explique-se agora mesmo. O que Abigail fazia em seu quarto?

— Por que pergunta? Eu a estava entretendo em sua ausência. Já tem Rosemarie. Uma troca justa, não acha?

Abby estava dura como uma estátua, o rosto em chamas. Percebeu quando Harry fechou os punhos e cerrou os dentes. Parecia à beira de um acesso. Olhou para o conde de Lynbrook, que ainda exibia um sorriso malicioso. Seu sangue ferveu. O que aconteceria se ela própria voasse em seu pescoço?

Harry finalmente soltou seu braço.



— Você pensou em fazê-la sua amante? Propôs isso a ela?

— Por que não? Poderia lhe retribuir o favor. Mas relaxe, Carrington. Essa mulher é muito leal a você. Ela me rejeitou.

Harry abriu um sorriso mecânico. Abby não sabia o que ele tinha em mente, mas tinha certeza de que não seria nada agradável.

— Oh, ela vai aceitar você — ele disse com uma frieza calculada.

— E você vai oferecer muito a ela.

Abby sentiu que o sangue sumia de seu rosto. O que ele estava dizendo? Subitamente sua raiva se transformou em terror.

— Na verdade, você vai propor a ela, neste instante, que se torne sua esposa.

Aquilo não podia estar acontecendo. Tal sucessão de loucuras só podia ser um pesadelo.

— Harry, o que está dizendo? Eu jamais poderia me casar com esse homem. Você não entende? Não vim à Inglaterra para me casar e muito menos dessa maneira.

O conde de Carrington nem sequer olhou para ela. Abby falava e ele permanecia imóvel, com os olhos fixos em Bradford. — Desculpe, mas sabe que um conde não se casa com prostitutas. — Lynbrook tentava ser assertivo, mas sua fala traía certa hesitação.

As palavras dele foram como uma ferroada para Abby. Por um instante a humilhação foi tão intensa que ela ficou sem ação. Ao lado dela, Harry se enrijeceu e encarou o conde com fúria.

— Eu poderia matá-lo por isso, Lynbrook, mas sei que não tem a menor idéia do que está falando. Já que não quero destruir o futuro de Abigail, até que você resgate a reputação dela, vou ignorar seus comentários. Irá se casar com ela o quanto antes.

— O que está dizendo?

— Com certeza, Lynbrook, sabe que não pode levar a filha do conde de Carrington ao seu quarto sem que esteja comprometido com ela. Destruíu sua reputação e tem o compromisso de honra de resgatá-la.

— Ora, vamos, Carrington. Filha de quem? Ela tem pelo menos vinte anos. Você não pode ser pai dela. — Brad olhou de soslaio para Harry e depois para Abby, com certa insegurança.

— Não, eu não sou o pai dela. Abigail é filha legítima de meu pai, nascida de um casamento legal ocorrido em Maryland, há vinte e três anos.

Ao ouvir aquelas palavras, Abigail encolheu-se, sentindo-se terrivelmente culpada. O que Harry sabia sobre o casamento de seus pais? Jamais poderia se casar com o conde.



— O casamento de meu pai com a mãe dessa moça ocorreu cerca de um ano após o falecimento de minha mãe — Harry acrescentou.

— Segundo ele escreveu, foi a mãe de Abigail quem lhe deu motivos para continuar vivendo. Abigail nasceu pouco mais de um ano depois que eles se casaram. — Fez uma pausa, mantendo o sorriso forçado nos lábios. — Não fique tão surpreso, Lynbrook. Eu mesmo só soube disso há seis meses, quando o testamento de meu pai foi aberto.

Abby mordeu o lábio. Ainda lhe doía saber que seu pai morrera sem que ao menos tivesse podido conhecê-lo. Harry sabia o que o conde deixara escrito, e ela não poderia lhe dizer mais nada, já que assim prometera à sua mãe.

— Portanto, a menos que queira ser publicamente conhecido como um canalha, não vai manchar a reputação de minha irmã. Você se casará com ela no final desta semana.

— Não! — Abby gritou.

Nenhum dos dois lhe prestou qualquer atenção.

— Harry, precisamos conversar. — Abby tocou seu braço. Dadas as circunstâncias, talvez tivesse que esquecer a promessa feita à sua mãe.

— Eu não sou...

— Abigail! — Harry repreendeu em um tom cortante, que a fez calar-se. — Não há mais nada a dizer aqui. Conversaremos em casa.

Abby olhou para ele e depois para Lynbrook. Ambos a ignoravam.

— Meio-dia? — Harry perguntou.

Abby não pôde acreditar quando viu que Bradford concordava com um gesto de cabeça.

— Ao meio-dia, daqui a quatro dias, nos encontraremos para a celebração na capela da Rua Durley. Não percamos tempo, Abigail. Há muito o que fazer.

— Harry... — Abby começou, reunindo suas forças — ...não vou me casar com este homem em quatro dias, um mês ou um ano. Não aconteceu nada neste quarto. Apenas conversamos, pergunte a ele ou ao criado, ele lhe dirá. — E como nenhum dos dois lhe prestou qualquer atenção, ela elevou a voz: — Nós só conversamos! Harry, volto para a Filadélfia se necessário, mas não vou me casar com este homem!

— Vejo que tem um temperamento forte — seu irmão apenas comentou, deixando claro que isso não fazia qualquer diferença. Mais um olhar em seu rosto, e Abigail soube que não adiantaria dizer mais nada naquele momento. A um sinal, ela o seguiu de forma submissa pelo corredor. Voltaria a conversar com ele quando Bradford St. James não estivesse presente.



O aroma familiar da casa onde passara sua infância fez com que o coração de Brad se apertasse. Sabia que a notícia que trazia afetaria muito o humor de seu tio. Embora não sentisse nenhuma vontade de lhe falar sobre aquele casamento absurdo, não podia omitir a informação ao homem que o tinha como filho. Se bem o conhecia, ficaria chocado a princípio, e furioso em seguida.

— Sir? — Brad esperou até que Francis St. James abaixasse o jornal que tinha nas mãos. — Vim lhe dizer que neste sábado... — Fez uma pausa, sentindo-se subitamente culpado. Pigarreou e continuou: — Eu vou me casar, mediante uma licença especial, na Rua Durley.

— Casar? — A expressão de total confusão do velho senhor mostrou que aquela era realmente uma notícia inesperada.

— Sim, um casamento for... — Brad fez uma nova pausa, enquanto o rosto de Abigail Moore dançava em sua mente. Piscou os olhos, procurando afastar a imagem. Francis com certeza insistiria em saber os motivos e era melhor lhe dizer logo. Continuou com um sorriso sem graça. Seu tio ficaria mais do que aborrecido. — Parece que fiz propostas à mulher errada... Ofereci minha proteção à irmã legítima de Harry Whitmore, lorde Carrington.

— Não é possível! — Francis declarou categórico, como se o problema estivesse resolvido. — Carrington casou-se com Constance Haverly, em 1798. Alguém o está enganando, meu jovem. Carrington morreu deixando um único herdeiro: Harry.

— Isso era o que todos nós pensávamos. — Brad inspirou profundamente, tentando ganhar forças. Teria de contar toda a história ao tio, mesmo sabendo que ele não suportava americanos. — Parece que Carrington deixou seu filho com parentes e foi para a América depois da morte da esposa. Casou-se novamente por lá e teve uma filha. Carrington mandou buscá-la, mas houve uma confusão sobre o lugar onde se encontrariam. Antes que ele chegasse, eu a encontrei em uma hospedaria e pensei que fosse apenas sua amante.

— Isso não pode significar que dará o título de condessa de Lynbrook a uma americana! — A expressão de raiva de seu tio confirmava o desgosto.

Brad olhou para ele, desolado. A única forma de suavizar um pouco a situação era dizer a ele que não tinha a intenção de apresentar sua condessa à alta sociedade.

— Não faz sentido! — Seu tio esmurrou o braço da cadeira. — Sei que disse que já era passado o tempo de você se casar e ter um herdeiro, mas oferecer o título a uma americana tola... Porque cometeu um ato impróprio... Não posso acreditar!



— Tio — Brad o interrompeu. — O senhor mesmo diz. É tempo de ter um herdeiro. Comprometi-me com a filha legítima de Harold Whitmore, lorde Carrington. Não há o que fazer.

— Compromisso com uma americana? Isso não existe!

Brad suspirou. Numa reação inesperada, quase a defendeu. Sentia ainda um arrepio ao se lembrar dos beijos que trocara com ela.

— Ofereci conhaque a ela, em meu quarto. Estávamos sozinhos. — Ele respirou fundo. — Mas o senhor não tem com o que se preocupar. Não tenho a intenção de deixar que esse erro me atrapalhe. Pretendo levá-la a Gray Lands e ela viverá lá. Retornarei a Londres e seguirei normalmente minha vida. Tenho bons empregados que a manterão sob controle. Uma vez que me der um herdeiro, poderá fazer o que melhor lhe convier.

Brad levantou-se e olhou para Francis. Já haviam discutido diversas vezes suas opiniões sobre casamento, e o tio sabia que ele sempre fizera planos de não morar com a esposa.

— Não se preocupe, tio. Ela vai gostar do campo. Vem de uma pequena cidade perto da Filadélfia. Não haverá nenhum problema.

Pelo olhar preocupado de Francis, Brad soube que ele ainda tinha algo a dizer. Encostou-se à parede e esperou.

— Bradford. Eu sei que sua mãe...

— Tio, já falamos diversas vezes sobre esse assunto.

— Seu pai não soube...

Brad o interrompeu, o assunto era muito doloroso.

— Perdoe-me. Essa é uma discussão encerrada. — Já alcançando a maçaneta, continuou: — Queria apenas que o senhor soubesse que me casarei no sábado. E que depois mantereí minha esposa em Gray Lands. Se chegar a levá-la a Londres, trago-a aqui, para que a conheça.

Ele se recusava a falar novamente de seus pais. Sabia o que era necessário e tinha suas idéias formadas. Determinados assuntos tinham de ser encerrados. Sabia também que deveria ter convidado seu tio para o casamento, que deveria ter-lhe apresentado Abigail Moore antes do sábado. Um casamento forçado fazia com que regras de etiqueta parecessem absurdas.

Além de tudo, como dissera o tio, já era tempo de se casar. O tempo que passaria com Abby não seria desagradável, já que a desejava. Se fosse honesto consigo mesmo, teria de admitir que a desejava mais do que a qualquer outra mulher que conhecera. Não seria nada penoso conceber seu herdeiro.



Brad entrou na carruagem e olhou diretamente para o amigo.

— Tire esse sorrisinho do rosto. Só lhe contei porque preciso que venha comigo.

— Me quer como testemunha de seus votos? Meu Deus, Lynbrook, não achei que veria esse dia! — Nicholas Turner não se conformava.

— Já lhe expliquei o que aconteceu! — Brad quase gritou com o amigo, sem poder conter a irritação. Estava com os nervos à flor da pele. Não bastasse a proximidade do casamento, desde que tudo acontecera a sensação dos beijos que trocara com Abby ainda lhe voltava a todo tempo. Se Nick soubesse disso, aí sim, estaria perdido. — Você teria feito o mesmo — sentenciou.

— Bem... — Nick pareceu considerar o que ele dizia e então balançou a cabeça. — Não, acho que não. Em primeiro lugar, não tenho nenhuma dívida com Carrington.

— Nem eu!

— Ora vamos, Brad! Carrington investiu em seus dois primeiros navios. Ele triplicou sua fortuna por isso, mas mesmo assim você não esquece e acha que ele lhe fez um favor.

Brad não respondeu. Perguntava-se por que contara a Nick sobre o casamento.

— Admita — Nick continuou. — Tem uma parte de você que acha mesmo que tem a obrigação de se casar com a pobre donzela por Carrington. Seu orgulho é grande demais! Você cometeu um erro, Brad. Todos nós cometemos erros ocasionalmente. Por que acha que tem de pagar tão caro?

Brad resolveu ignorar o que o amigo dizia. Já tomara sua decisão, o assunto estava encerrado.

— Lynbrook, está me ouvindo? — Nick se aproximou mais e bateu em seu ombro. — Não tem de sacrificar a si mesmo por um maldito erro. Não tem de se casar com a tal mulher.

Brad olhou para a luz da carruagem, que se refletia na neblina escura. Não tinha intenção de explicar a Nick que aquela mulher, mais do que qualquer outra, havia despertado algo dentro dele. Desejava-a demais. Claro que nunca viria a confiar nela, mas a teria para si.

— Nick, preciso de um herdeiro. Ela fará isso tão bem quanto qualquer outra — Tentou dizer em um tom casual. — E basta! Vamos aproveitar a noite no clube. Ah, e eu apreciaria muito se você guardasse seus comentários para si mesmo. Não quero ninguém fazendo piada sobre esse assunto. Na verdade, não quero que ninguém saiba, de forma alguma, desse casamento.



Abby estava a ponto de explodir de ansiedade. Desde que chegaram à casa de Harry, não havia conseguido encontrar-se com ele para que desmarcassem aquele casamento fora de propósito! Ele parecia desaparecer logo depois do nascer do sol e só voltava para casa na madrugada seguinte. O que ela sabia era que não tinha qualquer intenção de se encontrar com o conde de Lynbrook na capela no sábado.

A governanta era uma senhora amável, prestativa, que, se sabia onde Harry se escondia, recusava-se a dizer. Já estavam na tarde de quinta-feira e Abby tinha vontade de gritar!

O pior era que, por onde quer que andasse naquela enorme mansão, a imagem de Bradford a perseguia. Consequia lembrar-se com detalhes do momento em que ele a tomara nos braços, dos arrepios que sentira... Os sentimentos pareciam mais fortes cada vez que pensava nele.

Não!, gritou intimamente. Não podia deixar que aquele homem a afetasse tanto. Não se casaria com um estranho, ainda mais um homem que tinha sobre si o peso de um título de conde da realeza. Prometera à mãe que não revelaria seu segredo, mas não podia se casar com aquele homem. Além disso, antes de morrer sua mãe também lhe falara sobre alguns detalhes da vida de casal. A idéia de deixar que um estranho fizesse aquilo com ela, era abominável.

— Não posso fazer isso.

— Disse alguma coisa, querida? — a governanta perguntou.

— Não. — Abby suspirou.

— Bem, minha menina, sua costureira chegou. Ela e as assistentes vão precisar de você em seus aposentos. Suba e eu lhe servirei um chá.

— Costureira? Não preciso de uma costureira!

— Lorde Carrington insistiu que ela viesse e trouxesse consigo suas assistentes. Com apenas um dia para terminar seu vestido, elas já deveriam ter começado. Apresse-se, vamos!

Abby foi até o quarto que Harry lhe havia destinado e percebeu que havia se transformado em um caos de tecidos, *strass* e rendas. Quatro mulheres a cumprimentaram, e a mais velha e baixinha do grupo deu um passo à frente.

— A noiva!

Abby sentiu-se congelar.

— Desculpem, mas não preciso de nenhum vestido — falou apressadamente. — Não vai haver casamento.



— Bem, eu estou aqui para tirar suas medidas e rápido. E preciso que aprenda logo que, na Inglaterra, uma jovem faz o que lhe mandam fazer. Lorde Carrington vai me pagar muito bem por esse vestido, e estou decidida a fazê-lo. Se ele não lhe servir, não terá ninguém a culpar a não ser você mesma.

Abby ficou chocada. Elas tencionavam fazer-lhe um vestido de noiva, independentemente de sua vontade. Não lhe davam alternativa a não ser ficar imóvel e deixar que a medissem como a uma boneca.

Mas enquanto as mulheres cortavam e costuravam, ela planejava sua própria versão da cerimônia. Não se casaria, se recusaria a fazer seus votos. Afinal, se não queria se casar, não tinha que se casar essa era a lógica.

Oh, claro que deixaria seu irmão embaraçado, e o conde, mas não podia estar atada a nenhum homem, especialmente ao conde. Não podia nem considerar a importância que aquele beijo tivera para ela. Se, por algum acidente, o conde de Lynbrook descobrisse seu segredo tudo seria muito pior. Oh, não suportava nem mesmo pensar nisso. De alguma forma tinha que convencer seu irmão. O casamento não era para ela.

Por um milagre, Harry estava à mesa para o café da manhã, no dia seguinte.

— Você vai se casar com ele, Abigail — Harry disse assertivamente assim que a irmã tocou no assunto.

— Harry, por favor, me ouça. Nunca pretendi me casar. Tampouco Bradford St. James. Ele só concordou porque você o obrigou.

— Abby, não quero ouvir mais nem uma palavra. — Ele lançou-lhe um olhar glacial, tomou um gole de chá e continuou: — Lynbrook está fazendo a única coisa honrada possível. Está aceitando a responsabilidade que lhe cabe, e você também aceitará a sua. Você estava naquele quarto sozinha com ele e havia várias outras pessoas da cidade na hospedaria. É a única forma de salvar sua reputação. — Fez um gesto com a cabeça em direção ao corredor, e a chegada de uma nova empregada distraiu Abby por um momento.

— Não era isso o que eu queria para você — ele continuou, recolocando sua xícara no pires. — Mas você terá de tudo. O conde é bastante rico e eu lhe farei uma provisão de fundos, é claro. Além disso, dei minha palavra. Se você recusar agora, Lynbrook será obrigado a me desafiar.

— Desafiar? Como assim? Para um duelo?

Um arrepio perpassou-lhe a coluna. Um duelo significava sempre a morte de um dos participantes.



— Sim, Abigail, é exatamente isso. Na Inglaterra, a honra de um homem é seu bem mais precioso. A maioria preferiria morrer a enfrentar a perda de sua honra. — Harry falava em um tom dramático, embora ao mesmo tempo passasse despreocupadamente manteiga e mel em sua torrada.

Atônita, ela endireitou-se na cadeira. Estava mesmo ouvindo aquilo? Harry lhe dizia que se se recusasse a casar, ele teria de enfrentar o conde em um duelo?

— Harry — perguntou com a voz trêmula. — Haveria um duelo se eu me recusasse a casar?

— Muito provavelmente.

— E você tem habilidade com a espada ou pistolas?

— Lynbrook é muito melhor que eu. — Harry tomou um gole de chá.

— **Oh!**

Abby se reclinou na cadeira. Aquele arrogante do Bradford St. James seria com certeza vencedor em um duelo. Seu irmão poderia perder a vida se ela recusasse o conde. Não podia deixar que isso acontecesse. Harry podia ter assumido compromissos sem dar qualquer importância aos seus sentimentos, mas era seu último parente de sangue. Não podia ser responsável por uma desgraça. Bom Deus! E o que St. James faria a

Harry se descobrisse a verdade sobre ela? Com certeza, exigiria satisfações.

Ela olhou abatida para a mesa. Não havia o que fazer. Teria de se casar com Bradford St. James, afinal. Só lhe restava rezar para que nem seu irmão nem seu futuro marido descobrissem seu segredo.

CAPÍTULO II

A capela ficava no alto de uma trilha. Com o céu intensamente azul ao fundo, parecia ter sido pintada ali por um artista invisível. Diversos tons coloriam as árvores que se erguiam de ambos os lados e estavam muito floridas naquela época do ano, parecendo querer despertar desde logo a felicidade no coração dos noivos.

A construção era antiga, pequena e toda de pedra. Havia ali uma aura de mistério, de poder. Abby, ao entrar, fez uma prece rápida, pedindo que aquele pudesse ser o início de algo bom tanto para ela como para Brad. Naquele momento, sentia-se enternecida ao avistá-lo no fundo da capela.



A iluminação fraca e o cheiro doce da cera de abelha aguçavam seus sentidos. Ela observou o noivo, que agora conversava com um homem a seu lado e com um senhor em vestes do clero, obviamente o vigário. Seu coração pareceu parar de bater por um instante. Estava prestes a aceitar Bradford como parceiro para o resto de sua vida.

Permitindo-se observá-lo cuidadosamente pela primeira vez, ela não podia negar que era um homem muito bonito. Mais alto que a maioria dos homens, ele combinava perfeitamente força e elegância. Os cabelos escuros e encaracolados brilhavam sob a luz suave dos candelabros, os ombros largos eram um convite para um abraço.

Lembrou-se da expressão de seus olhos quando conversava com ela naquele jantar, quando se aproximou para beijá-la... Uma mescla de interesse, vivacidade e inteligência, que fez com que ela, por vários momentos, se sentisse contente e segura. Não podia negar que se sentira especial aos olhos dele.

— Pronta?

A pergunta de Harry a fez despertar de um sonho. Abby procurou respirar para quebrar a apreensão que parecia fazê-la sufocar. Fez um gesto afirmativo com a cabeça, e, ainda com receio de cair, seguiu a passos lentos pelo corredor, bem apoiada ao braço do irmão.

Ao recebê-la, Brad tinha uma expressão muito séria.

— Abigail — disse, indicando o homem a seu lado. — Gostaria de lhe apresentar Nicholas Turner, visconde de Nettleton, que será minha testemunha. Nick, esta é Abigail Moore.

Antes que ela tivesse a chance de dizer qualquer coisa, Brad se dirigiu ao vigário.

— Podemos começar.

Ao ouvir aquilo, Abby quis correr, sair da capela, tomar um navio para longe, bem longe. Seu coração batia descompassado, seu corpo todo tremia. Brad pareceu perceber sua ansiedade, pois tomou sua mão e apertou-a fortemente. O gesto provocou em Abby uma reação instantânea. Seu calor fez com que em poucos instantes ela deixasse de tremer.

Abby olhou para suas mãos unidas. Que tipo de magia ele usava? O olhar passou das mãos ao rosto dele e, quando seus olhos se encontraram, ela teve certeza de que Brad havia sentido o mesmo calor. Mordeu nervosamente os lábios para conter as lembranças, mas a sensação do beijo que haviam trocado voltou, causando um arrepio. O vigário a chamou para que fizesse os votos. Repetiu as palavras dele com a voz rouca, pouco mais alta que um sussurro.



Brad, pouco depois, colocou uma aliança em seu dedo e roçou levemente os lábios em seu rosto.

Estava terminado. Os juramentos trocados a uniam a Bradford St. James, conde de Lynbrook, pelo resto de seus dias. Um sentimento de horror se apoderou novamente dela. O que tinha feito? Sua vida estava ligada à de um homem que não conhecia.

Na verdade, Abby tinha de admitir que não sabia nada sobre seu meio-irmão também. Os dois podiam ser igualmente cruéis, vingativos, egoístas. O que fariam se descobrissem seu segredo?

Se Bradford não fosse o homem honrado que Harry mencionara, ela teria de achar um jeito de sobreviver por conta própria. Talvez pudesse escapar dele. Afinal, era americana.

Brad fitava os grandes olhos azuis de Abby. Bom Deus! Sua expressão era tão intensa que ele mal podia respirar ao fitá-los. Pânico, angústia, horror. Podia quase tocar o medo que transparecia neles.

Seria medo dele? Brad podia sentir alguma coisa errada. Subitamente viu-se cheio de raiva. Nenhuma mulher o faria de tolo.

— Lynbrook. — Harry o interrompeu. — Um banquete nos espera em Çarrington. Levo o seu cavalo e você e Abby podem usar a carruagem e levar o vigário, o que acha?

Brad fez apenas um gesto afirmativo com a cabeça e conduziu a esposa para a carruagem que os esperava. Chegaram à propriedade antes mesmo de Harry. O vigário desceu e ele parou ao lado da carruagem, esperando para ajudar Abby. Quando pegou sua mão, percebeu que de novo ela tremia. Parecia uma pequena folha arrancada em uma tempestade de inverno, as mãos frias como gelo. Conduziu-a à sala de jantar e fez com que se sentasse ao lado de Harry. Talvez estar ao lado dele pudesse tranquilizá-la.

Foi em vão. Quando a viu mordendo o lábio inferior, percebeu que Harry não tinha qualquer influência sobre a irmã. Repentinamente, uma profunda preocupação se instalou nele, uma preocupação que ele não queria sentir. Droga! Não houvera entre eles nenhum encontro amoroso! Haviam se casado apenas para salvar a reputação de um e manter a honra do outro. Não precisava se preocupar com ela, de forma alguma!

Balançou a cabeça, desgostoso. Novamente olhava para ela. Estava sentada à mesa como que congelada. Não comera nem dissera nada. Ele ficou por sua vez absolutamente tenso. O que acontecera àquela mulher brilhante, interessante, que ele conhecera três dias antes?



Claro, Brad admitiu relutante, que ela fora forçada a se casar com um desconhecido, poucos dias após a chegada em um país estrangeiro, sem amigos e com um irmão, também praticamente um estranho, como seu único parente. Seria razão suficiente ou haveria algo mais?

Os pensamentos de Brad fervilhavam concentrados na mulher sentada a seu lado. Mal percebia os empregados que lhe ofereciam os belos pratos do banquete. O vinho também parecia excelente, Harry e Nick pareciam se deliciar, mas ele não conseguia beber. A preocupação não lhe permitia relaxar. Suspirou e voltou a olhar para Abby.

Silenciosamente, esperava ansioso pelo fim daquela refeição.

Finalmente, terminada a sobremesa, Harry se levantou, sugerindo que os homens se retirassem para fumar e beber conhaque. Brad não conseguiria apreciar o conhaque deixando sua esposa sozinha. Olhou para os homens que se divertiam conversando e para o rosto tenso de Abby. A raiva novamente apoderou-se dele.

Droga! O que havia de errado com ela? Ele era um conde, afinal, considerado um excelente partido por todas as mães da cidade. Ela deveria estar pelo menos grata por ele a ter salvado da desgraça. Mas permanecia imóvel e muda, como se estivesse condenada à morte.

— Acho que já podemos ir — Brad disse secamente, ignorando o efeito que suas palavras teriam sobre ela. — Mandarei chamar a carruagem. Sentado em frente à esposa e balançando suavemente com a carruagem, Brad decidiu que Abby, como sempre faziam as mulheres, estava tentando puni-lo por ter sido forçada a casar-se. Não dissera uma palavra desde que haviam partido. Ele não tinha o que fazer, a não ser tentar desviar o pensamento da excitação que crescia dentro de si. Precisava se controlar, pois não tinha a intenção de dividir a cama com ela tão cedo,

O tempo havia piorado muito e ele não conseguia avistar uma hospedaria decente. Chovia muito e a neblina era densa. Talvez devesse mesmo cavalgar a descoberto sob a chuva fria para esfriar a cabeça. Teria preferido mandar Abby diretamente a Gray Lands, por conta própria, naquela mesma noite. Talvez assim conseguisse encontrar algum conforto em Londres.

Mas os empregados em Gray Lands nem a conheciam.

Tinha de lhes passar instruções sobre como lidar com ela, manter tudo sobre controle. Somente quando conseguiram um lugar para descansar, pôde recuperar o bom senso.

— Cuide dos cavalos — disse ao rapaz do estábulo.

Relutante, voltou à carruagem para ajudar a esposa a descer.



A chuva inundava seu casaco, a água corria por dentro de seu colarinho, estava totalmente incomodado. Mas finalmente, Abby desceu e ele a apoiou.

— Bem vindo, milorde. — O senhorio correu a saudá-los, curvando-se em uma reverência e depois apressando-se a conduzi-los para dentro.

— Precisam de acomodação para esta noite?

— Sim — Brad respondeu sem maiores detalhes.

A mulher apoiada em seu braço voltou a tremer. Ele se impressionava com a tristeza que ela aparentava. Seu medo era do que pensava que aconteceria naquela noite? Bem, devia tranquilizá-la então, já que não tinha qualquer intenção de tocá-la.

— Por favor, mande servir o jantar o quanto antes em nossos aposentos.

— Sim, milorde. Por aqui, por favor. — O homem indicou o caminho.

— Temos um excelente quarto, já com a lareira acesa.

Ele abriu a porta e em seguida os deixou sozinhos, para providenciar o jantar.

Brad observou que Abby olhava para cada detalhe do quarto com desespero. Podia perceber sua palidez sob a luz suave das velas.

— Quando o empregado trazer a refeição, quero que coma — ele disse de modo pausado e imperativo, enquanto tirava o casaco molhado. — Jantarei com você e depois pedirei a uma das empregadas que venha lhe dar assistência.

— Não será necessário — ela murmurou.

Brad sentiu sua raiva crescer. Tentava ser cuidadoso e ela continuava a agir como vítima. Cerrando os dentes, anunciou:

— Estou certo de que o senhorio poderá encontrar uma outra cama para mim. — Queria medir exatamente as reações dela. — Não vou dividir seu leito esta noite.

A cor de Abby não voltou num primeiro momento. Na verdade, ela pareceu ficar ainda mais abatida. Algo que não tinha nenhuma relação com sua noite de núpcias a perturbava.

Uma batida forte na porta lhe interrompeu os pensamentos, e a voz estrondosa do senhorio anunciou o jantar. O criado organizou os diversos pratos sobre a mesa e Abby olhou para as travessas cobertas. Ficava enjoada só de imaginar o que havia ali.

Brad agradeceu ao criado e afastou a cadeira para que ela pudesse sentar. Abby se afundou na cadeira acolchoada. A despeito da ordem dada pelo marido, sentia que não conseguiria comer. Aceitou, entretanto, o prato que ele lhe estendeu, servindo-se de um pedaço de faisão e uma colherada de legumes.



O restante foi rapidamente devorado por Brad. O mal-estar causado pelo casamento não parecia ter afetado seu apetite.

Abby pediu licença e levantou, depois de ter provado uma ou duas porções. Estava tensa, enjoada, e ao passar por Brad ficou tão atrapalhada que terminou por enganchar o salto do sapato na barra rendada do vestido. Ao tentar dar outro passo para livrar o pé, perdeu o equilíbrio.

No momento seguinte estava segura nos braços dele, perto o suficiente para sentir o calor de seu peito. Não se conteve e olhou bem dentro dos olhos escuros, que assumiam o mesmo brilho de quando a beijara pela primeira vez. Olharam-se por instantes intermináveis e, quando Brad se moveu em sua direção, ela percebeu como desejava que a beijasse novamente. Sentiu-se derreter quando os lábios dele a tocaram. Algo naquele homem despertava-lhe uma profunda emoção e ela se entregou ao prazer que ele lhe dava. Logo um beijo se transformou em dois, em três. Sem se dar conta, seus braços o enlaçaram e ela se inclinou para ele. Seus seios se arrepiavam ao tocar o peito forte. Sabia que suas pernas não continuariam a sustentá-la e deixou que ele a puxasse para mais perto.

Brad fez com os lábios o contorno de sua boca, de seu queixo, fazendo com que o sangue corresse rapidamente em suas veias. Ela gemeu baixinho, quase um suspiro, e ele passou a beijar intensamente sua boca, provocando-a, aprofundando a carícia.

Abby se sentia deliciosamente aquecida. Respirou fundo. Aquele beijo era ainda melhor que o primeiro. Deixou que sua língua brincasse com a dele, ingenuamente excitando-o ainda mais. Brad apertou-a com força, o coração batendo forte, cada vez mais quente, impulsionado pela paixão.

De repente ele se afastou, sem nada dizer, pegando-a de surpresa. Abby ficou em desespero. Por que tinha parado? Lembrou-se então de quem era e com quem estava. Queria chorar de frustração. Nunca devia ter se submetido àqueles beijos, não importava o quão prazerosos fossem. Alguém estava batendo na porta. Até então não tinha ouvido, mas Brad sim. O rosto dela ficou vermelho de vergonha. O que seu marido pensaria dela agora?

Mas ele não lhe deu mais qualquer atenção. Irritado, atravessou a sala e com mais força do que o necessário abriu a porta. Era o senhorio quem batia.

— Posso falar com o senhor, milorde?

As notícias que o homem trazia quase o enlouqueceram.



Não só não havia uma criada para ajudar sua esposa, como não havia outro quarto para ele. Até mesmo o espaço do bar estava lotado.

— É o mau tempo, senhor... Todos querem se aquecer. Brad fechou a porta sem saber o que fazer. Voltou-se para

Abby, descarregando imediatamente seu mau humor.

— O senhorio veio informar que eles não têm camas extras. Como posso adoecer se dormir no estábulo com esse tempo, dividirei esta cama com você.

— Mas... Mas... Você disse que... — ela gaguejava, sem poder completar a frase.

— Eu sei o que disse. Fique descansada, vou deixar que durma em paz. Só terá de confiar em minha palavra.

Abby olhou-o com o mesmo terror de horas atrás. Abominava a idéia de dormir com ele. Estava envergonhada, entregara-se àqueles beijos e fora rejeitada, mal podia olhar em sua direção.

Brad voltou a perceber que alguma coisa estava muito errada. Muitas idéias vieram-lhe à mente, principalmente a de que ela podia ser tudo, menos uma donzela inocente. Não fora uma donzela inocente que o beijara minutos atrás. Tinha apenas que se lembrar do que planejava para aquele casamento e manter-se no caminho certo.

— Quero estar de volta à estrada logo ao raiar do sol — ele disse, num tom que soava rude até para seus próprios ouvidos. — Já passamos muito da hora de nos recolhermos. E também não consegui ninguém para lhe dar assistência. Escolha entre a minha ajuda ou nenhuma.

— Eu me arrango sozinha — ela respondeu prontamente.

— Muito bem então, tem quinze minutos. Tire sua roupa, deite e durma. Não tem com que se preocupar esta noite.

Abby continuou imobilizada enquanto ele batia a porta com força e a deixava sozinha. Confiar nele? Jamais. Lembrava-se muito bem das decepções que sofrerá com homens.

Eles não eram dignos de confiança. Seu próprio pai nunca se importara em voltar para conhecê-la, para dar assistência à sua mãe. Ela perdera seu trabalho como professora porque um dos pais de seus alunos julgara que deveria dormir com ele e passara a chantageá-la. Seu próprio irmão a forçara a casar-se com um estranho, mesmo depois de ela ter dito que não podia se casar. Confiar em um homem? Nunca.

Olhou para o relógio que estava na mesinha e gemeu. O tempo corria, restavam-lhe poucos minutos antes que ele estivesse de volta.

Rapidamente, começou a tentar desabotoar os minúsculos botões da parte de trás do vestido, e logo viu que não conseguiria fazer aquilo sozinha. Entrou em desespero.



Jamais aceitaria a ajuda de Brad para se despir. Desistindo de desabotoá-los um a um, começou a puxar o vestido com força, percebendo, sem se importar, que a seda rasgava em alguns pontos. Melhor assim, desde que fosse rápido.

Com o vestido finalmente aberto, tentou tirá-lo pelos ombros, tarefa também impossível, por causa do volume da saia rodada. Aflita, puxou-o para baixo, tentando fazê-lo escorregar por seu corpo. Se Brad a pegasse daquele jeito, ela morreria! Forçou o mais que pôde, não se importando que descosturasse, e por fim, conseguiu. Quando finalmente abriu a valise para tirar sua camisola, lembrou-se do envelope que trouxera, com o remédio que sua mãe costumava tomar. Era daquilo que precisava para dormir a noite toda.

Abby olhou de relance para a porta, torcendo para ter tempo suficiente. Sabia que Brad não aprovaria o que estava prestes a fazer, mas era necessário. Agarrou o envelope e correu ao aparador. A pequena jarra de vinho do jantar ainda estava na mesa, ao lado do que restara da comida. Pegou uma taça vazia e com movimentos apressados serviu um pouco do vinho, abriu um envelope e derramou seu conteúdo na taça. O pó flutuava no vinho, ela precisava de algo para misturar. Ao buscar uma colher, percebeu o marido parado à porta, observando-a.

Brad deu um passo para dentro do quarto. Apenas com o olhar poderia transformar seu sangue em gelo. Parecia furioso o suficiente para matá-la.

— Mal podia esperar para se livrar do marido indesejado, não é? O tom perturbado lhe doeu nos ouvidos. Oh, Deus! O que ele estaria pensando?

— E... E um remédio para dormir... E para... mim... Eu vou... Eu ia tomar...

— Você não espera que eu acredite nisso, não é? — Fuzilando-a com os olhos, Brad deu um passo à frente, arrancou a taça das mãos dela e atirou o vinho na parede. —Vá para a cama! — gritou descontrolado. Abby começou a tremer. Ele insistiria em deitar-se na cama com ela? Deu um passo e ficou imobilizada.

— Eu disse, vá para a cama!

As palavras dele feriam como facas. Sentia uma dor profunda no peito. Num impulso lançou-se ao lugar que seria, estava certa, o cenário de sua próxima humilhação.

Como que lendo sua mente, Brad desferiu:



— Se eu tocar em você, morro com seu veneno! Dizendo isso, passou a reunir as cadeiras que haviam usado para o jantar e se acomodou nelas.

Abby mergulhou por entre as cobertas e fechou os olhos. Soube naquele momento que tipo de casamento teria. Sem amor, e sem confiança, não haveria futuro para eles.

Foi difícil para Abby abrir os olhos naquela manhã. A luz fraca que passava por entre as cortinas anunciava mais um dia nublado, cinzento como o seu coração.

Percebeu com alívio que Brad não estava a seu lado, e por um breve momento ficou a olhar para o teto, repassando cada momento do dia anterior. Sempre sonhara com o dia de seu casamento, que seria o mais feliz de sua vida, mas a realidade era bem diferente.

Lembrou-se de que havia decidido permanecer acordada, vigilante, mas em algum momento o sono a tinha vencido. Olhou para as cadeiras onde Brad teria passado a noite. Estavam vazias.

Ela estava sozinha. Respirou fundo e se levantou. A mancha de vinho na parede lhe deu calafrios. Será que Brad realmente acreditava que ela quisesse lhe fazer mal? Talvez devesse se desculpar, explicar a ele suas razões. Mas ficava indignada ao pensar que ele era capaz de desconfiar dela àquele ponto. Talvez, quando chegassem a se conhecer melhor, ele percebesse como havia sido injusto.

Enquanto enxaguava o rosto, começou a se perguntar por que o marido não enviara alguém para acordá-la... Terminava de escovar os cabelos e prendê-los, quando lhe veio um pensamento perturbador. E se Brad tivesse partido para Londres sem ela? Seu irmão dissera que Bradford St. James era um homem honrado, mas...

Saindo do quarto, ela desceu alguns degraus e ouviu:

— Bom dia, lady Lynbrook!

Teve de pensar por alguns instantes até decidir se o homem realmente falava com ela ou não.

— Milady, vai tomar seu café da manhã agora? O que posso lhe servir?

— o criado perguntou.

Ainda não tinha fome, mas sentia-se fraca.

— Por favor, prepare uma xícara de chá e alguns bolinhos de aveia.

— Sirva-lhe o mesmo que pedi — uma voz forte soou ao lado dela.

Abby estremeceu novamente ao reconhecer a voz de Brad. Pelo tom dele, a raiva do dia anterior permanecia inalterada. Oh, como poderia enfrentar tudo aquilo?

Brad estava com os cabelos molhados e ela percebeu que a chuva caía forte.



Ficaria confinada com ele por horas numa carruagem e essa era a última coisa que desejava naquele momento. Mas não tinha escolha. Ele estava segurando uma cadeira para ela, e ela se sentou.

— Espero que tenha dormido bem — Brad disse secamente.

— Muito bem — Abby respondeu no mesmo tom, consciente da tensão que pairava entre eles. Brad não a faria sentir-se culpada por ter dormido em uma cama enquanto ele tivera que se contentar com as cadeiras.

— Terminaremos de comer e partiremos. Sua bagagem está pronta? Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, aceitando uma xícara de chá do criado. Tomou um gole e pensou no que poderia dizer para suavizar o clima entre eles. Antes que encontrasse alguma coisa, Bodkins já aparecia por trás dos ombros do conde.

— Está tudo pronto, sir.

— Leve as malas da condessa para a carruagem.

O tom agressivo fez com que seu peito doesse. Como tudo tinha sido diferente na noite anterior, enquanto ele a beijava! A mera lembrança fez com que seu rosto corasse.

Por que toda aquela desconfiança em relação ao vinho? Seu apetite desapareceu ao se lembrar do modo como Brad a olhara ao atirar o vinho na parede. Pela vontade dele, com certeza estaria a quilômetros de distância dela. Abby olhou para o prato à sua frente e teve certeza de que não conseguiria comer. Afastou-o um pouco e levantou-se.

— Não tenho fome.

O olhar de Brad foi fulminante.

— Sente-se — ele ordenou.

A revolta cresceu em Abby. Como ele se atrevia a falar com ela daquela forma? Como responderia? Respirando fundo, pensou que teria de estar ao lado dele durante todo o restante da viagem. Melhor seria não enfrentá-lo naquele momento. Tornou a sentar-se utilizando todo o seu autocontrole e não disse nada.

Como o garfo, tocou nos ovos, mas eles lhe davam enjoô. O pão, entretanto, estava morno e crocante. Com um pouco de manteiga e geléia, pareceu-lhe apetitoso, e Abby terminou por comer toda a fatia. Tomou também o chá e esperou pelo marido sem que trocassem uma só palavra.

Quando Brad se levantou, ela o acompanhou. Ele pegou-lhe a mão com firmeza e a colocou em seu braço. Estranhamente, o coração e a respiração de Abby aceleraram. Ele a olhou com uma expressão um tanto confusa, parecendo ter experimentado algo semelhante, mas logo readaptou a postura de indiferença.



— Vamos embora.

Conduziu-a à carruagem, abriu as portas e segurou sua mão enquanto ela subia. Ela se acomodou na carruagem e olhou através da janela, ponderando se deveria tocar no assunto do remédio da noite anterior, falar sobre as suspeitas que ele tivera e defender-se. Mas logo optou por encolher-se em seu lugar e ficar quieta. Pouco tempo depois o silêncio se tornou insuportável.

— Brad — ela disse depois de tossir baixinho. — Para onde estamos indo?

Ela tinha certeza de que ele responderia "Londres", mas a resposta foi:

— Gray Lands, minha propriedade de campo.

— E onde fica essa... Propriedade?

— Ao norte, perto de Lancaster.

Abby assentiu em silêncio, buscando desesperadamente por algo inteligente para dizer.

— Acha que o céu vai clarear ou teremos mais chuva? — perguntou, depois de muito pensar.

— Chuva — respondeu Brad, sem fitá-la.

Abby mordeu o lábio. O que mais poderia fazer? Pelos céus, que situação mais difícil! Várias horas se passaram e ela não conseguiu arrancar mais do que três palavras do homem com o qual estava comprometida pelo resto da vida. Aquilo não podia continuar, ela pensou e, como se lesse sua mente, Brad mandou que a carruagem parasse. Abriu a porta e disse, ajudando-a a descer:

— Descanse até a hora do almoço.

— Por quê? E-e... Eu quero... Acho que devo... — Abby gaguejou ao responder. A última coisa em que podia pensar era descansar.

Sentia-se como uma menina falando com um adulto, como se houvesse voltado no tempo. A resposta poderia ter sido simplesmente "sim" ou "não", mas ela havia ficado novamente atrapalhada e trêmula.

Brad não esperou por ela. Foi até os criados e Abby percebeu que a conversa entre eles parecia animada. Cerrou os dentes com raiva. O marido conversava com os outros e se recusava a falar-lhe.

Mesmo depois da refeição, continuava perturbada. Permitiu que Brad a ajudasse a entrar na carruagem e viu com surpresa que, apesar do mau tempo, ele se acomodava em seu cavalo, deixando-a sozinha ali dentro. Brad olhou fixamente para a porta fechada da carruagem. Não iria mais ficar ali com ela, mesmo se fosse obrigado a tomar toda a chuva que ameaçava cair.

Deu sinal ao cocheiro para que partissem e olhou para o céu cinzento, praguejando.



Mesmo cavalgando, Brad não conseguia deixar de pensar sobre a mistura que Abby pusera no vinho na noite anterior. O que seria aquilo? Um remédio para dormir, como ela havia dito? Para quem? Estaria grávida de outro homem? Teria sido sua intenção fazê-lo dormir para depois insistir que haviam se relacionado naquela noite e que ele a tinha feito conceber uma criança? Seria bem típico de uma mulher. Brad as conhecia. Ricas ou pobres, não eram confiáveis. O pensamento o deixou abalado. Ele não lhe daria outra chance de enganá-lo. Bodkins seguiria à frente deles e só parariam em hospedarias que tivessem mais de um quarto disponível. Nunca mais passaria outra noite como aquela. Tinha a intenção de descansar decentemente naquela noite.

Uma chuva fria começou a cair, e Brad praguejou, enquanto fechava o colarinho e o casaco.

Começava a anoitecer quando pararam novamente. Bodkins conseguira arranjar dois quartos e Brad ordenou que lhe preparassem um banho quente. Jurou a si mesmo que não pensaria na mulher que estava no quarto ao lado. Sabia que devia jantar com ela, mas decidiu não fazê-lo. Ela que jantasse sozinha. Não queria que nenhum outro pensamento sobre Abby atrapalhasse seu descanso.

Entretanto, o banho, a refeição e o conhaque não surtiram o efeito que ele esperava. Brad se deitou com todo o conforto, mas não conseguia pegar no sono. Virou-se insistentemente na cama, sem poder encontrar posição e sem relaxar, por horas, até que a luz pálida da madrugada iluminou a janela.

— Droga — ele resmungou mais confuso que nunca. Quanto mais cedo chegassem a Gray Lands, mais cedo ele poderia deixar Abby longe de seus olhos e de seus pensamentos.

A viagem ficava mais difícil a cada hora que se passava. O cansaço de Brad aumentava, o tempo piorava, seu mau humor crescia. Já era tempo de pararem. Brad deu um sinal ao co-cheiro e desmontou. Bodkins vinha em direção a eles, com um ar preocupado. Havia algo errado. Ele seguira na frente para se assegurar de que teriam quartos seguros, refeição e banho quente quando chegassem.

— Sir. — Bodkins veio para seu lado. — Temos problemas.

— Sim?

— Eles não têm dois quartos disponíveis.

— Não têm?!



Brad não podia mais agüentar de irritação. Estava cansado, desanimado. Não tinha a menor intenção de dormir no mesmo quarto que Abby e aquela era a única hospedaria num raio de vários quilômetros.

— Não, sir. Esta hospedaria é muito pequena. Tem apenas cinco quartos, e quatro estão ocupados.

Brad praguejou de novo.

— Está bem. Vou informar lady Lynbrook que dividirei o quarto com ela esta noite.

Ele entregou as rédeas de seu cavalo ao cocheiro e parou em frente à carruagem, contrariado. Ajudou Abby a descer e percebeu que sua própria expressão dizia muito mais do que gostaria.

— O que há de errado? — ela perguntou no mesmo instante.

— Bodkins só encontrou um quarto disponível esta noite. Abby continuou olhando para ele como que congelada.

— Infelizmente, teremos de dividir um quarto.

— Não... — Abby começou. Brad a ignorou.

— Vou levá-la ao quarto e depois pedir que lhe providenciem uma refeição. Jante, deite-se e durma. Demorarei a voltar.

Brad esperou mesmo bastante tempo para se recolher e quando decidiu entrar viu que Abby estendera algumas colchas no chão e deitara-se ali.

— O que é isso? — Ele sentiu que sua irritação triplicava.

— Peguei alguns cobertores, espero que não se importe — ela respondeu sem se mover.

— Escute, seja razoável. Eu não gosto desta situação mais do que você. Como ela não respondesse, Brad gritou:

— Você não vai dormir no chão!

— Não vou dormir com você!

— Você é minha esposa e vai dormir nesta cama comigo.

— Se me forçar a isso vou gritar bem alto, e então teremos o escândalo que você tanto quis evitar quando se casou comigo — Abby desafiou, encolhendo-se debaixo do cobertor.

— Droga! Eu durmo no chão.

Brad atirou sua camisa em uma das pequenas poltronas e pegou um dos cobertores que ainda estavam na cama.

— Isso é ridículo — murmurou. — Nenhum de nós dois conseguirá descansar. Podemos dividir a cama. Não vou tocar em você, se é isso que a preocupa.

Abby não se moveu. Obviamente, não diria mais nada.



— Já disse que eu durmo no chão — ele repetiu em voz baixa. Quando ela o ignorou, Brad deu dois passos e a levantou nos braços, silenciando-a com um beijo quando ela tentou protestar. Foi um erro. O desejo, quente e forte, o arrebatou. Sabia que não podia fazer aquilo e quase a jogou na cama, terminando forçadamente o beijo, agradecido porque Abby parecia confusa demais para gritar.

— Eu durmo no chão — sussurrou.

Já no fim da tarde, Brad sentou-se ao lado de Abby na carruagem.

— Estamos entrando em Gray Lands. Seu novo lar — ele anunciou, indicando o caminho à frente. A despeito do tom de voz áspero, Abby notou certo orgulho em suas palavras.

Sentiu um misto de curiosidade e apreensão. Pouco a frente pôde divisar um portal suntuoso, de enormes pedras escuras, que pareciam estar ali havia muito tempo. A paisagem era belíssima! As montanhas ao longe, as árvores floridas, bosques densos entrecortados por lavouras. Ela se debruçou na janela, esquecendo-se de qualquer etiqueta. Queria respirar! A vegetação e a suave ondulação das colinas faziam com que se lembrasse da terra onde nascera. Sentiu o peito aliviado, pensando que poderia ser feliz ali.

Passaram por pequenas casas ao longo do caminho e Abby se angustiava por não ouvir nenhum sinal de que a carruagem havia chegado a seu destino. Andaram ainda por um bom tempo, até que, no alto de uma colina, a imagem de uma enorme mansão foi se tornando cada vez mais clara. Conforme se aproximavam, ela se admirava mais e mais com sua suntuosidade.

Aquele lugar devia ter uma centena de quartos e salas, pensou ao se aproximar da residência, construída em três níveis. O andar superior possuía várias chaminés, cobertas com telhas avermelhadas, assim como todo o telhado. Havia diversas colunas em pedras que se alternavam entre grandes e numerosas janelas. A porta principal, de madeira maciça, era dupla e imensa, no topo de uma larga escada de mármore.

O cocheiro parou e Brad desceu no mesmo instante, esperando por ela. Abby olhou para a entrada e perguntou se conseguiria passar por ali sem se desequilibrar. Em cada degrau, um criado uniformizado os esperava. Brad deu-lhe o braço e quando passavam cada um deles fazia uma reverência e murmurava "bem-vindos".

Por um momento, Abby sentiu orgulho de si mesma. Abigail Eliza Moore, a professora americana de um vilarejo perto da Filadélfia, morando em um palácio como aquele! Mas poderia realmente aquele lugar se transformar em seu lar?



Seu marido não a suportava, e sem seu apoio ela jamais saberia lidar com aquilo tudo. E o que era pior, se ele viesse a descobrir seu segredo, o que faria? Qualquer prazer que ela pudesse experimentar por estar ali se dissolveu naquele momento.

Abby manteve-se o tempo todo à direita, enquanto Brad fazia as apresentações. Procurava memorizar os nomes dos criados tão bem quanto podia, mas eram muitos. Hannah Overmyer, a governanta, Doris e Sally, as criadas que a auxiliariam pessoalmente... Quando Brad a deixou, dizendo que precisava conversar com o gerente da propriedade, Hannah deu um passo à frente.

— Milady, devo mostrar-lhe seus aposentos ou quer conhecer a casa primeiro?

— Obrigada, Hannah. Preciso caminhar um pouco, tomar ar fresco.

— Como quiser. Jason acompanhe a senhora. Mostre-lhe os jardins.

Abby seguiu o rapaz até um ponto do caminho e o dispensou.

— Quero ver por mim mesma, Jason, obrigada. Encontrarei o caminho de volta, não se preocupe.

Caminhou pelas trilhas bem cuidadas, recortadas com diversos tipos de flores. Chegou a uma forte estrutura de madeira, já mais longe da casa. Um estábulo, ela suspeitou ao se aproximar. Ou o lugar onde guardavam a carruagem. De qualquer forma, parecia silencioso e tranquilo. Ela se dirigiu até ali, precisando de algum tempo sozinha. Naquela noite, após um jantar formal, Brad lhe disse.

— Amanhã logo cedo partirei para Londres com Bodkins. Hannah irá providenciar o que quer que precise.

Londres? Ele só viera ali para deixá-la?

— Já vai partir? — ela perguntou, surpresa.

— Tenho negócios em Londres.

— Por quanto tempo ficará fora?

— Por algum tempo.

Brad não iria responder-lhe diretamente. E nem lhe diria que viveriam separados, ela em Gray Lands, enquanto ele continuava sua vida em Londres. Aquilo era de sua conta, não da dela. Eram seus negócios, não os dela. Lutava fortemente contra o sentimento de culpa que ameaçava brotar em seu peito. Sempre planejara deixar sua esposa em Gray Lands. Fazia tempo que decidira que nenhuma mulher faria dele uma criatura confusa e sem vontade própria como aquela em que seu pai se transformara. Depois do jantar, acrescentou:

— Bodkins virá periodicamente, para ver se você necessita de algo em especial.



Abby olhou para ele, parecendo nada entender, e mais uma vez o sentimento de culpa atravessou o peito de Brad. Ao subir as escadas para seus aposentos, lembrou a si mesmo que não tinha qualquer razão para sentir-se mal. Até que tivesse a certeza de que ela não carregava o filho de outro homem, não iria mesmo dormir com ela.

Já cedo na manhã seguinte, Brad chamou seu secretário, Alan Marks, na vila vizinha, onde o jovem estivera visitando seus parentes. Partiram na mesma carruagem que os havia trazido a

Gray Lands. Já na estrada, Brad começou a instruir o secretário sobre o que deveria ser feito quando chegassem a Londres.

— Tenho também urgência em colocar a correspondência em dia.

— Ele começou a procurar uma de suas pastas.

Subitamente ouviu-se uma pancada surda e a carruagem chacoalhou fortemente. Os solavancos foram muitos, o veículo ficou fora de controle até quase tombar. Assustado, o cocheiro conseguiu pará-lo, o lado esquerdo afundado em um ângulo de quarenta e cinco graus.

Brad desceu rapidamente para averiguar o que ocorrera.

— Não conseguiremos tirá-la daqui, milorde. A roda quebrou e estamos dentro de um buraco.

— Como assim, a roda quebrou?

— Foi o que aconteceu, sir.

Brad não conseguia entender. A carruagem não era assim tão antiga, sua manutenção era cuidadosa. E ele precisava chegar a Londres com urgência! Tentava imaginar o que faria, quando ouviu o barulho de campainhas... Um rebanho de carneiros.

— O Sr. McPherson, milorde. Deve ter percebido que estamos em apuros. Está com dois ajudantes, pode nos emprestar um cavalo.

Brad suspirou. Era uma sorte ter bons amigos por perto.

— Preciso enviar uma mensagem a Gray Lands — disse a McPherson.

— Ian deve nos trazer ferramentas e uma roda nova.

Antes que Brad terminasse a frase, o rapaz já havia partido e o cocheiro chamou:

— Milorde, é melhor que veja isto.

Brad foi até o lugar onde o criado segurava a roda quebrada.

— Milorde, não foi um acidente.

Brad olhou para a roda sem poder acreditar. Alguém deliberadamente serrara dois raios dela. Quem quer que houvesse feito aquilo não era habilidoso com ferramentas. Os dentes da Berra podiam ser vistos em vários pontos além do lugar onde realmente tencionara quebrar. Olhou para o cocheiro e depois para Bodkins.



— Pensando melhor, Bodkins, diga a McPherson para pedir a Ian que traga meu cavalo. Vou voltar para Gray Lands.

CAPÍTULO III

Brad andava de um lado para o outro na estrada enquanto esperava que lhe trouxessem seu cavalo. Precisava se acalmar e refletir. O que havia realmente acontecido?

Olhava para o eixo da roda da carruagem apoiado nas pedras, os raios danificados. Alguém queria vê-lo morto, ou pelo menos seriamente ferido, com certeza. Mas quem? Em seus negócios havia feito alguns inimigos, mas quem o odiaria a ponto de provocar um acidente daquela gravidade?

O rosto de sua esposa lhe veio à mente, bem como a visão dela misturando uma substância no vinho. Para ela própria, como insistia, ou para ele?

Eram muitas as marcas de serra desnecessárias deixadas na roda quebrada. O trabalho havia sido feito por mãos tão inábeis que ele se perguntava se seriam mãos femininas. Balançou a cabeça, desolado, sentindo-se muito só. Não poderia comentar suas suspeitas com ninguém.

O som distante de uma carroça trafegando em velocidade pela estrada desviou a atenção de Brad. Ele se concentrou no barulho e respirou aliviado ao identificar Ian, que conduzia a carroça, e seu cavalo que vinha imponentemente atrás dele. Tudo aquilo seria colocado em pratos limpos.

Em poucas palavras, explicou a Bodkins e a Ian o que queria que fosse feito e colocou seu cavalo a galope. Quanto mais cedo conseguisse respostas, mais cedo poderia partir para Londres. Sozinho.

Chegando em Gray Lands conversou logo com os dois criados que cuidavam dos cavalos, e eles insistiram que haviam sido os únicos a entrar no estábulo. Nenhum dos outros empregados havia visto alguém de fora entrar, tampouco no local onde se guardava a carruagem.

No momento em que chamou Jason, Brad sentia-se exausto e desanimado. Começava a duvidar se a roda não se danificara sozinha.

— Jason, você viu alguém estranho aqui na propriedade ontem?

— Não, milorde.

— Para onde foi depois que cheguei? Jason pensou por um instante.

— Eu estava aqui dentro, milorde. Ajudei na cozinha e depois com a bagagem. Ah, e fui mostrar o jardim a lady Lynbrook.

— Lady Lynbrook foi aos jardins?



— Sim, senhor. Ela queria um pouco de ar fresco, então a levei ao jardim. Quando fui entregar o recado da Sra. Overmyer, não a encontrei, mas ela havia me dito que encontraria o caminho sozinha, que eu não me preocupasse.

Brad estremeceu.

— E que recado era esse? — perguntou, receoso.

— Ela queria saber se lady Lynbrook jantaria em seus aposentos ou com o senhor.

Brad olhou fixamente para o rapazinho.

— Quando ela saiu de casa?

— Logo depois que o senhor foi para o escritório. Disse que queria andar um pouco depois da longa viagem de carruagem.

Brad ficou olhando para a superfície brilhante da mesa de mogno. Eles tinham chegado perto de três horas da tarde, e o jantar não fora servido antes das oito.

Cinco horas! Onde Abby teria passado todo esse tempo? Ele agradeceu ao rapaz e o dispensou, pedindo-lhe que chamasse Hannah.

— Quero que me traga o vestido que minha esposa usou ontem.

— Brad tossiu baixinho e mal olhou para ela, ciente de que era um pedido bastante estranho. Mas era uma tentativa. Talvez encontrasse uma mancha de graxa ou alguma outra marca que comprovasse de uma vez por todas que Abby era a culpada, pensou, e novamente sentiu-se péssimo.

— O vestido de milady? — A governanta franziu a testa.

— Sim, Hannah. O vestido que ela usava ontem quando chegou.

— Certamente, milorde — ela disse e deixou o escritório. Brad se recostou na poltrona, esticando os braços para o alto. Nada daquilo podia ser verdade. Sua vida se transformara em um drama de mau gosto.

Em poucos minutos Hannah reapareceu com o vestido nos braços. Sem pronunciar uma palavra, estendeu o vestido para ele.

— Obrigado, Hannah. Pode se retirar.

Depois que a governanta saiu e fechou a porta, Brad se levantou e segurou o vestido à sua frente. Observou atentamente a saia, sem nada encontrar. Passou então a examinar o corpete, e um pequeno rasgo na manga esquerda chamou sua atenção. Parecia ter sido puxada depois de se prender em um gancho fino. Os dentes de uma serra? Ele não queria acreditar nisso, mas que outra explicação poderia haver?

Ele não sabia, mas tinha de haver uma outra razão. Abby poderia ter enganchado a manga em um galho ou em alguma outra coisa enquanto caminhava.



Claro que não se estivesse caminhando pelas trilhas, já que ele era extremamente exigente com seus empregados sobre a limpeza e segurança daqueles caminhos.

Examinou com cuidado a renda desfeita e tentou imaginar Abby serrando os raios da roda e depois, ao tentar um movimento rápido, enganchando a manga esquerda no dente da serra. Não conseguia, ela não faria isso. Mas nunca poderia ter certeza...

Como iria deixá-la sozinha em Gray Lands sem saber do que era capaz? Não podia dizer a nenhum de seus empregados que a vigiasse porque ela podia machucar alguém. E também não podia levá-la a Londres. Lembrou-se da vontade que tinha de tocá-la e gemeu. Não havia outra maneira. Somente mantendo-a por perto saberia o tipo de risco que representava.

Jogou-se na poltrona de couro e olhou para o vazio. Por um instante permitiu-se pensar que em seu íntimo desejava que Abby não tivesse qualquer culpa e que pudesse aquecer seu coração frio e solitário. Era tudo que queria!

Olhou para o vestido na mesa. Sentiu seu perfume e lembrou-se do quanto ela era feminina, provocante. Não sabia nada sobre ela, desejava-a com loucura e estava comprometido com ela pelo resto da vida. Sonho ou pesadelo?

Brad levantou-se. Já que não lhe restava opção, melhor seria comunicar a Abby sua decisão. Saiu do escritório, deixou o vestido com Hannah e foi em busca da esposa.

— Onde você esteve na tarde de ontem?

Abby levou um susto enorme ao vê-lo. De onde teria surgido, com aquele olhar acusador? O que teria acontecido? Pousou no colo o livro que começara a ler e olhou para o marido.

— Pensei que tivesse partido para Londres.

Abby sentia-se extremamente desconfortável com aquele olhar. Brad parecia querer ver além de seus olhos, responsabilizá-la por algum ato terrível.

— Houve um problema com a carruagem. O que fez ontem à tarde depois que chegamos?

— Caminhei, fui ao estábulo, me sentei para pensar um pouco... Jantei e fui me deitar. Por que pergunta?

Ela dizia que tinha ido ao estábulo com um ar de total ingenuidade. Ou tinha enorme habilidade para a mentira, ou não fazia idéia do que se passara. Brad decidiu que a conversa com ela não o levaria a lugar algum. Jamais chegaria a uma conclusão.

— Pensei melhor e decidi que você deve me acompanhar à capital.



Abby sentiu-se congelar. Sequer podia pensar em passar mais tempo com ele em viagem. Não sobreviveria.

— Não tenho nenhuma vontade de ir para Londres. — Ela esforçou-se por ser assertiva.

Era mentira. Adoraria conhecer a cidade da qual tanto já ouvira falar, mas não diria isso ao marido.

— Ora, vamos! Uma americana sempre quer conhecer Londres! Oh, que arrogância irritante! Julgaria ele que sua cidade era o centro do universo?

— Não eu. Prefiro ficar em Gray Lands, que me recorda a terra de que realmente gosto. — Abby pegou novamente o livro, esperando que ele entendesse o recado e a deixasse em paz.

Claro que não seria tão simples. O tom dele era cortante quando ordenou:

— Partiremos ao raiar do dia. Esteja pronta. — E sem esperar por resposta, virou-se e saiu da sala.

Abby refletiu por algum tempo se não seria mais sensato confessar ao conde seu segredo e insistir com ele para que anulasse aquela caricatura de casamento. Mas prometera à sua mãe! Não havia como, devia ficar para sempre aprisionada àquele segredo. Não podia contar nada.

Suspirando, levantou-se da poltrona e recolocou o livro na prateleira.

Sabia que sua vontade não tinha qualquer importância e que certamente iria para Londres se Brad assim o desejasse. Tinha de recolocar seus pertences nas malas. Por sorte, era pouca coisa.

Não precisava optar pelo sofrimento de um jantar longo e formal ao lado de Bradford St. James, quando sabia que teria outra vez de viajar ao lado dele nos dias seguintes. Jantaria em seus aposentos. Estava com os nervos à flor da pele, e, se tivesse de encará-lo em uma mesa de jantar naquela noite, correria um risco bem alto de lhe atirar uma das finas porcelanas da casa na cabeça.

Não houve descanso para Abby naquela noite. Virava-se de um lado para outro na cama, com passagens da viagem a Gray Lands atormentando-a. Por alguma razão, a presença de seu marido tinha um efeito desconcertante sobre ela. A honestidade sempre havia sido seu maior guia na vida, e tinha de admitir, pelo menos para si mesma, que ele a atraía como nenhum outro homem jamais o fizera.

Depois de beijá-lo, não tivera mais sossego. Ah, e os sonhos... corava até mesmo de se lembrar deles.



Estava esgotada na manhã seguinte, quando partiram para Londres. Na carruagem, Brad ditava uma carta após outra para Alan, seu secretário, e ela parecia estar invisível, pois nem um nem outro prestou atenção ou se dirigiu a ela.

Esperava poder dormir a maior parte do dia depois da noite em claro, mas a voz de Brad a perturbava de tal forma que não conseguia pregar os olhos. Sentia seu cheiro, o perfume do couro, a fragrância do cachimbo que ele ocasionalmente fumava. Tinha de obrigar-se continuamente a desviar os olhos dele, a preencher sua mente com idéias que não incluíam envolver-se em seus braços a qualquer custo. Sabia que estava sonhando. Cerrando os dentes, trouxe de volta a lembrança do último dia em que lecionara e do desprezível pai de Sally Prichard. Será que o conde ficaria chocado se soubesse que ela já havia recebido uma oferta de proteção antes da dele?

Seu peito doía ao lembrar-se da figura do Sr. Prichard, do quanto a ofendera insistindo que se tornasse sua amante. Quando teve certeza da recusa de Abby, fora ao diretor conforme ameaçara, e afirmou que cortaria o apoio financeiro à escola se ele não a demitisse. Abby foi sumariamente despedida naquele mesmo dia.

Foi por isso que, quando a carta de seu irmão chegou, convidando-a para vir à Inglaterra, Abby julgou tratar-se de uma bênção dos céus. Percebia agora como fora tola, colocando-se à mercê de um destino que não podia controlar.

Mas procuraria tirar o maior proveito de sua nova condição de esposa de um nobre inglês. Começaria por planejar sua estada em Londres. A cidade tinha milhares de tesouros e ela pretendia conhecê-los todos. Ela não pronunciou mais do que meia dúzia de palavras nos dois dias que se seguiram. Os homens conversavam e agiam como se ela não estivesse presente. Enfraquecida pelas viagens e por todo o tumulto que envolvera seu casamento, suspirou aliviada quando Bodkins anunciou que chegariam a Londres naquela tarde. Tomaria seu café da manhã e só teria mais um dia a suportar.

A primeira visão de Londres foi decepcionante. O tempo estava sombrio, e espessas nuvens de neblina pairavam sobre a cidade. Abby ficou apreensiva, amedrontada. E se algo acontecesse e ela fosse abandonada ali, sozinha? Ninguém parecia se importar com ela. Só o cheiro da sujeira e do entulho lhe chegava às narinas naquele momento. A carruagem tinha de andar devagar porque havia um grande fluxo nas ruas.

Conforme seguiram, as nuvens se dissiparam um pouco e os odores desapareceram.



A região onde Brad morava possuía muitas praças, lindas casas de pedra e tijolo circundadas por enormes jardins. Os raios do entardecer voltavam a oferecer algum calor quando pararam no número 48 de Berkeley Square.

A estrutura simétrica da casa a fez lembrar-se de Gray Lands, a fachada de pedra cinzenta adornada pelo mármore claro das janelas, as chaminés de pedra que apontavam para o céu. Mas o que realmente deixou-a admirada foi o lindo parque arborizado que havia à sua frente, onde as flores da primavera se multiplicavam, alegrando sua chegada. Mesmo sendo uma casa na cidade grande, as muitas árvores a faziam pensar na casinha que dividira com a mãe numa terra distante, que também tinha enormes carvalhos como guardiões. Abby suspirou. Poderia ter aquele parque como refúgio.

Ela voltou a observar a casa ao mesmo tempo que Brad parou a seu lado.

— Ficarei até que se acomode e então irei para o escritório. Tenho muito que fazer.

O tom grosseiro de suas palavras incomodou tanto Abby que ela não disse nada. Afinal, ele não havia se dirigido a ela nos últimos quatro dias daquela jornada a Londres, e quando o fazia tinha que demonstrar tanta antipatia?

Mas não seria indicado perder o controle exatamente no momento em que cumprimentaria os criados, de forma que esforçou-se para ficar indiferente a ele.

— Apenas me apresente e eu cuidarei de me acomodar — ela disse em tom firme. Não tinha a menor vontade de passar mais tempo com Bradford.

Ele subiu os cinco degraus, alcançando a porta, e ela o seguiu. Brad pareceu pensar por um momento antes de se voltar para ela.

— A governanta é cunhada de Hannah Overmyer. Eu contratei Edith Clark por recomendação dela e considero-a extremamente eficiente. Abby ficou imediatamente tensa. Brad parecia tentar deliberadamente irritá-la. Ela tinha gostado muito de Hannah pelo breve tempo que haviam convivido, e sabia que provavelmente gostaria também de sua cunhada. Por que aquele homem arrogante queria envenenar a relação entre elas?

— Ela gerencia muito bem a casa e não está acostumada com interferências.



— Interferências? — explodiu Abby. — Não tenho nenhuma intenção de interferir na organização da casa. Tenho minha próp... — ela se interrompeu, com a sensação de que havia dito mais do que desejava. Claro que o lorde cínico a seu lado era o responsável por aquele destempero. Para Brad, ela nunca passaria de uma ameaça de aborrecimentos.

— Qualquer plano que você tenha precisa ser discutido comigo primeiro — ele continuou.

Antes que ela pudesse pensar em uma resposta adequada, a porta se abriu e uma mulher pequena e gorducha olhou para eles com grandes olhos castanhos e um sorriso afetuoso. Tinha em seus braços o maior gato que Abby já vira.

— Oh, milorde! Por que não mandou me avisar que estava chegando? Algum problema em Gray Lands? O que aconteceu?

— Tenha calma, Edith. Está tudo bem. Quero lhe apresentar minha esposa, lady Abigail St. James, condessa de Lynbrook.

— Sua esposa? Oh, milorde! — Edith parecia atônita e Abby observou o enorme gato saltar de seu colo para o chão.

A surpresa da outra fez com que ela compreendesse que Brad tinha a intenção de manter o casamento deles em segredo e ficasse ainda mais indignada. Por que então não a deixara em Gray Lands? Ninguém saberia de sua existência se o tivesse feito. Ela não se conteve e transformou seus pensamentos em palavras:

— Devia ter me deixado em Gray Lands. Ninguém saberia que está agora atrelado a uma esposa — disse e se voltou para a governanta.

— Como vai, Edith? É seu nome, não? Que lindo gato! Se você puder me mostrar meus aposentos, vou adorar descansar um pouco. Meu marido tem muito trabalho a ser feito, não é, querido?

Abby dirigiu-se a ele da forma mais afetada que conseguira.

Dominando novamente a raiva, dirigiu-se à escada, sem se importar para onde a levaria.

— Seria ótimo que minhas malas fossem desfeitas e que eu pudesse tomar uma xícara de chá enquanto nos familiarizamos, Edith. Você tem muito a me contar sobre a rotina da casa e suas obrigações — acrescentou e continuou a subir as escadas.

Não se importava nem um pouco se o conde ainda permanecia no hall de entrada, com a boca aberta engolindo moscas. *Interferir com a criadagem?* Pois ela daria a ele coisas mais importantes para pensar enquanto estivesse trabalhando.

As nuvens começavam a se tingir de cinza em Londres quando Abby saiu da cama.



Precisava de um ou dois minutos com Brad antes que ele saísse para o escritório. Pretendia provocar a fera. Ela o obrigaria a olhar para ela, falar com ela, dar-lhe algo para fazer. Por toda a sua vida, Abby fora extremamente ocupada, e aquela inatividade forçada a deixava louca! Desde que Brad se recusara a deixá-la andar por Londres sem sua companhia, estava confinada naquela casa. Oh, sim. Ele teria de concordar que sua rotina precisava mudar.

Fazia duas semanas que estavam em Londres, e Abby não vira ninguém, não havia visitado lugar algum e não tinha absolutamente nada para fazer exceto se vestir pela manhã, escrever cartas para algumas amigas da escola e tocar piano. Raramente via o marido, que sempre partia para o escritório antes que ela se levantasse e voltava apenas quando ela já tinha se recolhido. Mas naquele dia seria diferente. Ela não só iria vê-lo, como iria falar com ele!

Brad sentou-se à mesa, admirando a alva toalha de linho que sempre lhe dera a gostosa sensação de estar em casa. Por que não se sentia como antes? Suspirou e colocou mais açúcar em seu café. Abigail Moore o tinha amarrado com tantos nós que jamais poderia escapar. Por que a presença da mulher naquela casa o perturbava tanto? Oh, ele a desejava! Desejava tanto que sentia seu corpo doer só de pensar. Mas já havia decidido que não dormiria com ela nos próximos meses.

Sabia que só o desejo não explicava a razão de o rosto dela lhe vir à mente a cada negócio que fechava, a cada carta que respondia, a cada orientação que precisava dar a seus gerentes. E menos ainda as noites sem descanso em que desejava saber o que fazia no quarto ao lado do dele.

Nick havia lhe aconselhado na noite anterior que procurasse outras mulheres, o que seria bastante oportuno. Mas apenas pensar em estar com outra mulher já lhe era desagradável. Brad passou fortemente as mãos pelo rosto. Bom Deus! O que Abby tinha feito com ele?

Não bastasse esse sentimento de que algo lhe faltava, ainda tinha de lidar com Nicholas, que não conseguia manter a boca fechada. Todos os colegas mais próximos já sabiam que havia se casado, e os homens mais velhos do clube já haviam lhe perguntado sobre a esposa. Brad disfarçava, esperando que esquecessem as perguntas que ele não tinha intenção de responder. Mas por quanto tempo?

Mesmo Carrington, maldito fosse, havia piorado a situação perguntando-lhe, na frente de todos, quando Abby seria apresentada à sociedade.

Teria de providenciar algum tipo de festa para apresentá-la pelo menos a seus parceiros de negócios, aos capitães dos navios.



A sociedade poderia esperar. Nunca se importara mesmo com aquele diz-que-diz sobre a vida de tudo e de todos. Mas também sempre odiara estar no foco das atenções. Estava casado, esse era o fato, e cada vez um número maior de amigos e conhecidos descobriam isso. Não podia demorar a tomar alguma providência.

— Bom dia.

Brad ouviu a voz de Abby e pensou se ainda sonhava. Tudo o que ele precisava era ter de encará-la logo pela manhã. Sem nem mesmo olhar para ela, sentiu uma súbita excitação. Quando percebeu que ela se aproximava, contraiu involuntariamente todos os músculos, procurando se conter.

— Estou saindo para o escritório.

— Não antes que eu possa lhe falar — Abby disse em um tom baixo, mas firme.

Brad fez uma careta e se voltou para olhar o rosto ainda sonolento da mulher que o estava levando à loucura. Seus grandes olhos azuis brilhavam de raiva. Ele baixou novamente os olhos para a xícara de café.

— O que tem a dizer?

Ela falou tudo e mais um pouco e ele percebeu seu desespero. Estava entediada. Mas ele não podia fazer nada a respeito, exceto...

— Abby — começou, sem saber direito como ia terminar. — Já é tempo de você conhecer alguns de meus amigos, clientes. Pensei que deveríamos planejar um jantar, para apresentá-la às pessoas mais próximas. Você pode organizar todos os detalhes com Edith e depois eu lhe darei uma lista de todos os que devem ser convidados.

Olhando para ela, percebeu que seu rosto se iluminava. Deus, como ela era linda! Os olhos azuis brilhavam como água cristalina... Ele não precisava daquilo. Rapidamente se levantou.

— Preciso ir. Pedirei a Alan que prepare uma lista ainda hoje.

— Quando?

— Quando, o quê?

— Quando será o jantar?

Brad estava confuso, tenso. Apenas um olhar para ela e todos os pensamentos pareciam fugir de sua mente. Tinha de se afastar daquela mulher.

— Vou verificar meus compromissos e mando avisá-la. Ele praticamente voou para fora da sala. Que droga! Ela ainda seria sua desgraça, pensou, estremecendo em seguida. Seria esse o objetivo dela?



Estava se sentindo tão infeliz que esquecera o motivo para ela estar em Londres. Bem, nada havia acontecido ainda que indicasse que ela tinha alguma intenção criminosa em mente.

Desceu a escada aos saltos e montou em seu cavalo. Frustração, medo, raiva e uma emoção que ele ainda não compreendia se misturavam em seu interior.

Abby continuou parada, em pé, na sala de jantar, os punhos fechados. Será que seu marido se importaria em ficar em uma festa tempo suficiente para apresentá-la a seus convidados? Não conseguiria, sairia antes. Ela cerrou os dentes, tentando imaginar por que ele lhe tinha tanta antipatia. Bastava se aproximar para que ele arranjasse algum pretexto para sair da sala e, quase sempre, da casa.

Ela suspirou e foi para seu quarto. Pelo menos ele havia lhe dado algo para se ocupar por algum tempo. Claro que não poderia fazer nada até que tivesse a lista em mãos, mas... Abby decidiu, pensando melhor, que poderia ver com Edith que tipo de festas seu marido dava antes de sua chegada.

— Edith! — Ela encontrou a governanta organizando os jogos de cama recém-lavados e perfumados. — O conde decidiu dar um jantar para me apresentar a alguns de seus amigos. Que tipo de jantar ele costuma oferecer?

Edith ficou olhando para ela, com expressão intrigada.

— Um jantar? Como assim, uma festa? — Edith colocou Fiona, sua gata, para fora do armário e fechou a porta. — Milady, o conde nunca deu um jantar.

Foi a vez de Abby olhar para ela com estranheza.

— Nunca?

— Estou aqui há cinco anos — lembrou a mulher. — Não, nunca houve festa alguma, em todo esse tempo.

— Você sabe que tipo de eventos sociais ele frequenta, então? — Abby perguntou.

— Milady, até onde eu sei, ele vai ao clube com os amigos. Mas nunca os trouxe aqui. Oh, com exceção do sr. Nicholas... — Edith corou.

— Quero dizer, o visconde de Nettleton. Ele vem visitar milorde, tomar um drinque às vezes, mas ninguém mais. E também seu tio, Francis St. James. Ele já veio aqui uma ou duas vezes.

— Brad tem um tio?

— Sim, senhora. Um autêntico lorde inglês. — Edith sorriu. — Pensei que a senhora já conhecesse lorde St. James.



Abby desviou o olhar, embaraçada. Ela não havia mencionado nem a Edith, nem a Hannah, a razão de seu casamento apressado com o conde. Era outro segredo que manteria guardado.

Pouco depois da conversa inquietante com Edith, Bodkins chegou.

Trazia uma lista de nomes, na verdade vinte e quatro nomes, e um recado de Brad. O jantar aconteceria dali a uma semana.

Abby agradeceu e foi novamente procurar Edith. Precisava de papéis de carta, um mensageiro para entregar os convites e planos para aquele jantar. Seu vestido não seria problema, já que ela poderia usar o mesmo de seu casamento. Brad e Nicholas já o conheciam, mas ela não dava nenhuma importância a roupas. Só teria de costurá-lo onde rasgara na viagem. Finalmente tinha algo com que se ocupar, pensou, sorrindo satisfeita.

A semana passara voando, Abby pensava enquanto terminava de se arrumar para o jantar. Tinha de agradecer a Edith por ter lhe enviado Grace, que a ajudou a vestir-se e a pentear os cabelos. A jovem realmente tinha talento! Olhou-se no espelho e ajeitou os cachinhos sedosos que lhe caíam na testa. Grace trançara seus cabelos com fitas, na mesma tonalidade do vestido, e deixara esses cachinhos soltos para dar mais graça a seu rosto. Beliscando as bochechas para acentuar a cor rosada, desceu as escadas.

Esperava que Brad ficasse pelo menos satisfeito com seus esforços para aquela noite, já que a tinha evitado durante toda a semana.

Bodkins viera diversas vezes, a pedido dele, verificar se estavam precisando de alguma coisa, mas pessoalmente ele não havia feito nenhuma pergunta sobre a organização da festa. Edith tinha sido de um valor inestimável na escolha do menu para o jantar. De ascendência irlandesa, a governanta instruíra as cozinheiras a preparar alguns pratos típicos, entre eles um guisado irlandês e panquecas de batata que Abby considerou simplesmente maravilhosos. Brad esperava por ela no hall da escada. — Eu devia ter lhe comprado uma jóia, talvez pérolas, para que usasse com esse vestido — ele lamentou, depois de avaliar brevemente sua aparência.

Abby levantou a cabeça, irritada, e olhou para Brad. Esperava algum tipo de cumprimento, algum sinal de que aprovara sua aparência. Pelo menos, podia ter dito simplesmente que ela estava bem.

Ele lhe deu as costas e ela ficou realmente irada. Mordeu a língua para conter-se. Não queria ser pessimista, mas o jantar não começava bem. Por sorte, não tinha tempo para refletir sobre as ações do marido, já que os convidados começaram a chegar naquele instante.



Abby ficou satisfeita com a receptividade que as pessoas tiveram ao convite dela e de Brad. Na primeira meia hora praticamente todos os convidados já haviam chegado. Conhecera muitos dos capitães de navio que trabalhavam com Brad, bem como suas esposas, e ouvira muitas de suas histórias no mar. Reencontrara o visconde de Nettleton e, diferentemente do dia do casamento, pôde realmente começar a conhecê-lo e a admirar sua simpatia. O mordomo estava pronto a tocar a campainha para o início do jantar, quando chegou o último convidado.

O capitão Vincent Rolarde cumprimentou primeiro Brad e depois dirigiu-se a Abby, pedindo desculpas pelo atraso. Quando ela lhe ofereceu um cálice de vinho, ele a olhou demoradamente, antes de aceitar a bebida e dizer:

— O conde de Lynbrook teve muita sorte. Você é linda!

Ela agradeceu e foi para o lado do marido, incomodada com a forma como o homem a tinha encarado. Não podia dizer com certeza, mas parecia haver algo de alucinado em sua expressão.

Ao toque da campainha, ela aceitou o braço que Brad lhe oferecia e juntos dirigiram-se à sala de jantar. Ocupou seu lugar à mesa e olhou em torno. Os convidados pareciam bem acomodados e a conversa fluía normalmente. Apenas reparou que o capitão Rolarde continuava a olhá-la fixamente, com uma intensidade que a fazia estremecer.

Por várias vezes durante o jantar, voltou a perceber que ele tinha os olhos fixos nela, o que, com o transcorrer da noite, foi se tornando cada vez mais desagradável. Foi necessário muito autocontrole para não perder a naturalidade ao conversar com os outros convidados. Por sorte, ela se interessava muito em conhecê-los. Queria saber dos costumes daquele povo, confirmar até que ponto eles eram diferentes dos americanos, saber como pensavam os ingleses, assunto tão comentado na América.

Ao se despedir, o capitão Rolarde curvou-se numa reverência, segurando a mão dela por algum tempo antes de lhe dizer boa-noite. Quando ele se levantou, Abby novamente estremeceu. Não sabia por quê, mas sentia que aquele homem ;i odiava. As palavras que ele sussurrara para que apenas ela escutasse aumentaram seu medo:

— Aproveite sua vida, milady. Ela pode ser mais curta do que você imagina.

Abby não respondeu e ficou paralisada, acompanhando-o com os olhos enquanto atravessava a porta. Vincent Rolarde lhe fizera uma ameaça? Olhou em torno e viu que ninguém mais percebera o ocorrido.



Podia estar se comportando como uma estrangeira medrosa, mas aquele homem realmente lhe imitia medo.

Abby olhou para o lugar vazio à mesa, percebendo que Brad não estava mais em casa. Novamente, ela não conseguira acordar a tempo.

Já se passara uma semana desde o jantar com os capitães i' v\ a só tinha visto o marido uma vez, na manhã seguinte, quando ele a cumprimentara pelo evento.

Conseguira pelo menos lhe falar de sua preocupação com Vincent Rolarde, repetindo as palavras do homem no final daquela noite. Brad apenas balançou a cabeça.

— Ele estava no mar quando sua esposa e o filho recém-nascido morreram de uma febre. Está ainda muito perturbado. Culpa-se por não ter ficado em terra, a esposa havia lhe dito que não se sentia bem. Acredito que estivesse apenas a prevenindo de que a vida dá voltas, muitas vezes inesperadas. Ele está comigo há muito tempo, sempre foi muito leal.

Antes que Abby pudesse responder, Brad pedira licença e se afastara para o escritório. Sua rotina voltara a ser a mesma de antes do jantar. Ele saía antes de ela acordar e retornava depois que ela se recolhia.

Certa tarde, não suportando mais o tédio, Abby resolveu caminhar por Berkeley Square, o bonito parque do outro lado da rua. Pegando seu xale, dirigiu-se à porta, avisando a Sra. Clark que iria ao parque. Caminhou por algum tempo, apreciando a brisa fresca e o canto dos passarinhos, antes de estender o xale ao pé de uma linda árvore e sentar-se nele, disposta a observar as pessoas que por ali passavam.

Quando viu um grupo de crianças que brincavam juntas, lembrou-se de seus alunos e de sua vida na América. Como tudo era diferente por lá! Sua vida mudara da água para o vinho, e ela não tinha certeza se fora para melhor.

De quando em quando, voltava o olhar para a residência, que podia avistar perfeitamente do outro lado da rua. Observou quando a carruagem de seu marido entrou nos jardins e quando dela desembarcou uma jovem em trajes de viagem, apoiando-se no braço dele.

Intrigada, rapidamente se levantou, ajeitou a saia e atravessou a rua. Seria alguma parente de Brad que ele ainda não mencionara, ou algum tipo de amiga? Ela estremeceu. Brad não se atreveria!

Conforme pensava, apressava-se mais e mais, até que alcançou os degraus e Bodkins lhe abriu a porta.

— Estou feliz que tenha voltado por livre e espontânea vontade. Tive receio de ter de ir ao parque resgatá-la.



Abby lançou um olhar raivoso ao marido. Por que lhe falava daquela maneira? Antes que pudesse se acalmar e pensar numa resposta apropriada, ele se virou para a jovem a seu lado.

— Eileen MacMahon, gostaria de lhe apresentar minha esposa, lady Abigail St. James, condessa de Lynbrook. Abby, esta é Eileen, irmã de Ian, que cuida de meus animais em Gray Lands. Pedi que ela viesse para Londres como sua dama de companhia.

Abby olhou surpresa, primeiro para Brad e depois para a jovem a seu lado. Um sorriso de gratidão se formou em seu rosto. Eileen devia ter a sua idade, tinha um belo rosto arredondado, iluminado por olhos muito vivos. Era alta e corpulenta, mas tinha uma expressão extremamente gentil.

— Espero que possamos ser amigas — foi a primeira coisa que Eileen disse, em um tom melodioso e afetivo, que desfez qualquer impressão de desconfiança que Abby pudesse ter tido.

Brad murmurou algo sobre assinar documentos no escritório, chamou Bodkins e se dirigiu para lá. Abby fez um gesto afirmativo com a cabeça, sem desviar seu olhar de Eileen.

— Milady — Eileen começou —, minha bagagem está ainda na carruagem. Será que alguém pode me ajudar?

— A sra. Clark mandará alguém apanhá-la. Por favor, me chame de Abby, está bem?

— Oh, eu não poderia! A senhora é uma condessa — observou Eileen, enrubescendo.

— Esqueça esse título. Não vou mesmo a lugar algum onde precise utilizá-lo.

Edith Clark as interrompeu.

— Pedi a Bodkins que levasse a bagagem da Srta. MacMahon para o quarto rosa, milady. Quer me acompanhar para que eu lhe mostre o quarto? — perguntou, dirigindo-se a Eileen.

Abby resolveu segui-las. O quarto rosa era pequeno, mas confortável e aconchegante. Eileen pareceu ficar feliz com os novos aposentos.

— Jantaremos às oito horas — Abby avisou. — Descanse nos veremos mais tarde.

Abby deixou o quarto excitada, pensando em todos os lugares que poderia visitar em companhia de sua nova amiga. Enumerava-os, ainda andando pelo corredor, quando avistou Brad, entrando em seu escritório. Ela parou, notando-lhe a expressão muito séria, quase preocupada.



O constrangimento superou a vontade de Abby de aproximar-se e tentar conversar, por isso recuou um passo e ficou imóvel, retomando o passo somente depois que ele fechou a porta. Pé ante pé, e com a respiração suspensa, passou diante da porta fechada do escritório e desceu, apressada, a escada.

Com passos decididos, Brad dirigiu-se à sua mesa e colocou à sua frente os dois livros de controle dos navios que haviam chegado e o livro de controle de entrada de mercadorias no armazém. Em poucos minutos constatou o que já temia: alguém o estava roubando, os lançamentos não batiam! Mas quem poderia ser? Brad tinha uma excelente relação tanto com os empregados da doca quanto com os do armazém. Todos o respeitavam, o salário que recebiam era superior ao que era pago por outros comerciantes, Brad conhecia suas esposas, suas famílias...

De novo a imagem de Abby surgiu em sua mente. Desde que ela chegara, coisas estranhas não paravam de acontecer. O problema com a carruagem, esses roubos. Ela seria a herdeira de seus negócios caso ele viesse a falecer. Será que tinha vindo com mais alguém da América? Teria um cúmplice?

Naquela noite, Nicholas Turner apareceu para uma visita. Após o jantar, ele, Brad, Abby e Eileen se sentaram na sala de estar, e Nick e Eileen se entretiveram numa conversa que girou sobre vários assuntos, desde culinária até política, e da qual Brad e Abby não participaram, limitando-se a escutar somente, com expressão desconsolada no rosto. Nos dias que se seguiram, mesmo decidido a descobrir o que havia de errado em seus negócios, Brad precisava de todo o seu autocontrole para desviar a atenção das lembranças do perfume, da suavidade do toque, do desejo por sua esposa. Eram poucas as vezes em que tinha êxito. Flagrava-se em diversos momentos, com o olhar perdido, pensando em Abby.

Com certeza, se ela estivesse grávida, algum sinal já teria se manifestado. Já não seria hora de consumir seu casamento? Eileen havia ido a Gray Lands para visitar as irmãs. Seria uma noite perfeita para estar com sua esposa. Não, não esperaria mais.

Decidido a seduzi-la, Brad não conseguiu esperar até o horário habitual para sair do escritório. Chegou em casa mais cedo e ficou bastante desconcertado ao descobrir que Abby havia saído e que estivera fora a maior parte da tarde.



Decidiu esperá-la em seu escritório, checando a variação de estoque nos livros de controle mais antigos do armazém. Trabalhou por cerca de duas horas e assustou-se quando bateram à porta, tão concentrado que estava.

— Milorde — Bodkins chamou, colocando apenas a cabeça pela porta.

— Chegou uma encomenda para o senhor.

— Para mim? Aqui? — Brad ficou surpreso, pois a maioria de suas encomendas eram entregues no escritório.

— Sim, senhor.

— Bem, peça ao mensageiro que entre.

A caixa foi trazida por um empregado de uma adega próxima dali; Brad reconheceu o uniforme que ele usava.

— Obrigado. — Brad estendeu-lhe uma moeda.

— Obrigado digo eu, senhor.

Brad examinou o envelope preso à caixa. Nenhum sinal conhecido, nem de Nick, nem de seu tio, as únicas pessoas que já haviam lhe enviado presentes. Talvez fosse de um dos capitães, agradecendo a ele e a Abby o jantar oferecido. Retirou o cartão, e leu: *Podemos começar de novo? Sua esposa.*

Brad ficou olhando para o cartão. Algo estava errado. Sabia que aquela não era a letra de Abby e por que ela falaria em "começar de novo"?

Observou com cuidado o nome e o endereço escritos com força no papel. Alguma coisa o incomodava naquele bilhete, aquele estilo de escrita parecia conhecido e não era o de Abby.

Dentro da caixa estavam três garrafas de um vinho do Porto muito fino e antigo, um presente caríssimo, Brad pensou. Mais um quebra-cabeça a ser solucionado?

Edith bateu na porta antes que Bodkins a fechasse.

— Milorde, lady Lynbrook chegou, mas ela mandou dizer que está muito indisposta e que já vai recolher-se.

Brad fez um gesto afirmativo com a cabeça, mas queria gritar de frustração. Seus planos de sedução haviam ido por água abaixo. Não seria mesquinho a ponto de procurá-la se ela não se sentia bem.

Dispensou Bodkins, ordenando-lhe que lhe servisse o jantar ali mesmo no escritório e que deixasse aberta uma das garrafas de vinho que recebera. Provaria um cálice após o jantar.

Empurrou a gata de Edith para fora de sua poltrona favorita, perguntando-lhe se não sabia que devia caçar ratos em vez de encher as poltronas de pelos. Logo em seguida Bodkins já chegava com o jantar e com uma bandeja, com o vinho do Porto e um cálice.

— Pode se recolher, Bodkins. Não precisarei de mais nada esta noite.



Brad serviu uma dose do vinho, mas deixou o cálice na bandeja ao perceber que a gata já se apossara de outra poltrona. Tirou-a de lá e sentou-se novamente, relaxando na maciez do estofado. Por um momento, todo o resto foi esquecido e apenas a imagem de Abby passou a ocupar seus pensamentos. Nunca em sua vida pensara tanto no rosto de uma mulher. Os olhos expressivos, a pele alva... Brad sentia novamente seu perfume ao fechar os olhos, e não sabia explicar isso. Alguém bateu na porta e, ainda com um misto de interrogação e culpa, levantou-se bruscamente, sem o menor cuidado com a gata, que dessa vez havia se acomodado em seu colo. Para evitar pisar no animal, acabou se desequilibrando e esbarrando no canto da bandeja, jogando garrafa e cálice para o chão.

— Maldita! — gritou, e depois voltando-se para a porta: — Pare de bater e entre logo!

Edith colocou a cabeça para dentro da sala.

— Oh, milorde, sinto muito, estou procurando Fiona. Oh, aí está você, sua traquinas. Vamos, pare com isso. Não pode beber vinho.

Brad olhou para o chão. A gata estava lambendo o vinho derramado.

Edith pegou-a do chão, assustando-se quando ela se contraiu fortemente e começou a miar desesperada, como se sentisse dor. Ele aproximou-se para ajudar, tentando acariciá-la para que se acalmasse, mas Fiona o arranhou, deixando marcas de sangue em sua mão.

Edith voltou-se para Brad, aflita.

— Oh, milorde... Há algo muito errado com Fiona!

Brad olhou para o animal, que se contorcia no colo da dona, e para a mancha vermelha no chão. Aquilo era bastante suspeito.

— Edith — ele disse gentilmente, deixe-me vê-la.

Cuidadosamente, Brad tirou a gata dos braços da governanta. O animal ainda tentou escapar dos braços dele, mas não teve mais forças. Em seguida parou totalmente de se mover. Brad colocou os dedos sobre o peito da gata, pressionou levemente algumas vezes, virou-a de lado, mas nada. Com todo o cuidado, colocou o ouvido junto à boca da gata e não ouviu sua respiração, o odor fazendo com que comprovasse suas suspeitas. Ele pegou uma pequena manta de lã que estava no sofá e cobriu a gatinha, devolvendo-a à sua dona.

— Edith, eu sinto muito. Fiona me prestou o maior dos favores, deu sua vida para salvar a minha.

Edith começou a soluçar. Brad bateu levemente em suas costas, procurando oferecer-lhe apoio.

— Ela era um animalzinho muito especial.



Edith assentiu, e Brad, cobrindo a mão machucada com um lenço, dirigiu-se para a porta. Teria de descobrir, de uma vez **por** todas, se sua esposa tinha realmente a intenção de matá-lo.

CAPÍTULO IV

Pensativo, Brad fechou com cuidado a porta do escritório, procurando respeitar a dor da Sra. Clark. Se Abby fosse a responsável pelo vinho envenenado, não tinha como saber que alguém já o provaria. E se não fosse, também seria melhor que não se preocupasse com o presente que ele recebera. Tinha de avisar Edith e Bodkins para que não fizessem qualquer comentário acerca do que ocorrera.

Edith estava onde a havia deixado, segurando a gata ainda envolta na manta. Bodkins supervisionava a limpeza do chão. Brad esperou até que ele dispensasse a criada.

— Quero que me ouçam com atenção — começou. — Este incidente não deve ser comentado com ninguém. Até que eu tenha certeza...

— Ele fez uma pausa. — Até que eu tenha certeza de ter encontrado o culpado, não quero nem mesmo que comentem que recebi a encomenda e que uma das garrafas foi aberta.

— O que digo em relação a Fiona? — Edith perguntou com voz trêmula.

— Realmente sinto muito por você, mas ainda não quero que ninguém saiba sobre o vinho. Vamos dizer que ela amanheceu morta. Que fique bem claro: ninguém deve saber sobre o vinho.

Ele olhou seriamente nos olhos de Bodkins e de Edith, e eles assentiram em silêncio.

Brad os dispensou e então foi até sua mesa. Pegou o cartão que acompanhava o vinho e voltou a examiná-lo. Definitivamente, Abby não escrevera aquilo. Ele relembrou a letra suave e arredondada com que ela havia assinado os registros na igreja depois do casamento. Mas alguém poderia ter escrito aquilo a mando dela? Era pouco provável. Que Brad soubesse, com exceção de Eileen, ela não conhecia ninguém em Londres. Além disso, esses não eram planos que se pudesse confiar a alguém. Só se ela estivesse acompanhada no navio que a trouxera da América. Mas até aquela data, ele ainda não teria percebido nada?

Brad tinha uma vaga lembrança daquela letra, conhecia aqueles traços fortes e simplificados, feitos como se não houvesse tempo a perder.

Podia até mesmo ser uma pessoa próxima a ele, mas não conseguia se lembrar. Alguém que sabia ou tinha informações sobre as circunstâncias de seu casamento. Mas quem? E, por Deus, por quê?



Deixou o cartão na mesa e se recostou novamente na poltrona. Será que a pessoa que mandara o vinho era a mesma que estava roubando suas mercadorias?

Olhava para um lado e para outro em busca de respostas, mas não as encontrava. Viu então a pilha de cartas que esperavam por uma resposta sua no canto da mesa. Alan havia deixado separados diversos convites para que aceitasse ou não. Desesperado por alguma coisa prática para fazer, Brad voltou a atenção para eles.

Examinou os diversos envelopes, praguejando pela quantidade de desculpas que teria de arrumar para não aceitar os convites. Ele e Abby haviam sido convidados para vários jantares, dois saraus e diversos bailes. Um dos cartões era de seu tio, chamando-os para um jantar em sua casa dali a uma semana.

Mais cedo ou mais tarde teria mesmo de levar Abby à casa do tio. Aceitaria mais um ou dois dos outros convites. Não queria ser objeto de mais fofocas, especialmente em relação à sua esposa, então não podia trancá-la em casa por completo. Tinha de apresentá-la à sociedade.

Brad separou alguns dos convites que julgou mais convenientes e deixou um bilhete a Alan dizendo que logo recusaria os demais. Tomou nota da data do jantar de seu tio e voltou a pensar no roubo de suas mercadorias. Ainda não tinha nenhuma idéia de quem era o culpado e isso o enfurecia. Antes que a semana terminasse, pretendia já ter empreendido uma armadilha contra o homem. Olhou para o hall à sua frente e por alguma razão o rosto de Abby voltou à sua mente. Tinha de esquecê-la e se concentrar em seus objetivos.

Originalmente, pensara em só se casar depois de completar trinta anos, quando estivesse mais estabilizado. E sempre pretendia casar-se com a filha de um membro da sociedade, fazer-lhe um herdeiro, enviá-la para Gray Lands e continuar sua vida em Londres.

Naquele momento, tudo que planejava antes para o futuro estava descartado. De alguma maneira, mandar Abby para o Norte enquanto ele permanecia em Londres parecia não fazer mais sentido.

Surpreso, Brad se endireitou na cadeira. Não lhe bastassem os problemas com aquele casamento, ainda tinha de lidar com alguém que tentava destruir seus negócios e sua própria vida.

Abby pulou da cama quando percebeu os primeiros raios de sol.

Respirou fundo, aliviada. Nunca tivera uma dor de cabeça tão forte em sua vida! Edith insistira para que pusesse uma compressa fria na testa e isso lhe trouxera algum alívio. O quarto escuro e silencioso também ajudou.



Virou a cabeça para um lado e para outro, e teve certeza de que a dor havia passado.

Vestiu-se rapidamente e desceu para o café da manhã. Tinha de agradecer a Edith.

— Sra. Clark—Abby começou a dizer, quando a encontrou na cozinha —, preciso lhe agradecer... O que houve? — perguntou, olhando para o rosto que sempre lhe oferecia um sorriso de bom-dia. Não havia sorriso algum e os olhos da governanta estavam inchados e lacrimejantes. Parecia ter chorado a noite toda.

— Estou bem, milady. Fiona morreu ontem à noite. Deve ter comido algo que lhe fez mal. — Edith fungou e Abby envolveu-a em seus braços.

— Oh, sra. Clark, eu sinto tanto! Nunca tive um bichinho de estimação, mas imagino que deve ser como perder um velho amigo. Gostaria de ter um novo gatinho? O visconde de Nettleton me disse que a gata de sua irmã teve filhotes. Tenho certeza de que Brad não iria se opor se lhe pedíssemos um deles.

— Eu gostaria sim, milady. — Edith fungou de novo e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Deixe que eu lhe prepare um chá.

Abby fez com que Edith se afastasse do fogão e começou a se mover, lembrando-se de quando servia sua mãe. Edith quis impedi-la, mas Abby falou baixinho:

— Não se preocupe, sempre preparei o chá para minha mãe, especialmente quando ela não se sentia bem. Agora sente-se ali e isto estará pronto em um instante.

Depois de servir a governanta, ela dirigiu-se à sala de jantar. Brad ainda estava à cabeceira da mesa, tomando café.

— Levantou-se cedo, Abby? Dormiu bem?

— Queria agradecer a Edith por ter me ajudado.

— Ajudado?

Abby sorriu. Será que ele pensava que ela não agradeceria à governanta por sua ajuda?

— Ela foi muito atenciosa. O quarto escuro e a compressa me ajudaram demais e eu queria que ela soubesse disso.

Brad olhou para ela e Abby desejou por tudo saber o que se passava em sua mente. Finalmente ele perguntou:

— Você estava doente?

— Tive uma forte dor de cabeça. E Edith sabia exatamente o que fazer. Eu mandei lhe dizer que estava indisposta.

— Eu não sabia. Está se sentindo melhor?



— Muito melhor.

— Ótimo. Mandeï chamar uma costureira para você hoje. Recebemos alguns convites que teremos de aceitar e você deve ter um guarda-roupa apropriado.

Abby ficou irritada. Suas roupas eram de muito boa qualidade. A maioria delas havia sido feita por ela mesma ou por sua mãe, quando começara a lecionar. Claro que eram sóbrias, com exceção do vestido de casamento.

— Eu lhe agradeço, mas não preciso de roupas **novas**. Se formos a lugares mais formais, posso usar meu vestido azul.

— Abby! A condessa de Lynbrook não pode ir a um baile ou a um sarau usando sempre o mesmo vestido que usou no casamento. Além disso, você já o usou duas vezes e **penso** que nenhuma mulher da sociedade usa o mesmo vestido mais de uma vez.

Abby sentiu que perdia o controle.

— Não sou do tipo de mulher que usa um vestido novo a cada ocasião. Meus vestidos já foram usados diversas vezes e ainda estão novos. E pretendo usá-los muitas vezes mais.

— Mas estou falando de vestidos para ocasiões formais. Não quer manchar seu título, quer?

— Não ligo nem um pouco para o "meu título" — retrucou ela com desdém.

— Fala como uma americana típica. — Ele a observou por um instante, antes de prosseguir. — Por favor, não diga esse tipo de coisa perto de meu tio Francis. Não sabe a importância que ele dá às tradições. Aliás, para ele já foi um choque... — Brad interrompeu o que dizia, deixando-a no ar. — Vamos a um jantar que ele irá oferecer na semana que vem — avisou, procurando encerrar o assunto.

Bodkins chegou naquele momento.

— Milorde, a costureira chegou.

— Ótimo — disse Brad, fingindo animação e afastando-se da mesa.

— Mande-a aos aposentos da condessa. Lady Lynbrook logo estará lá.

Abby fez menção de protestar, mas Brad sussurrou ameaçador:

— Não diga uma palavra.

Não foi a ordem que a emudeceu, e sim a expressão de Brad.

— Coma. Quando terminar, suba ao seu quarto e deixe a costureira tirar todas as medidas necessárias.

Abby sabia que podia fazer um longo discurso, mas não tinha inclinação para isso. Olhou fixamente para a mesa. Mais uma vez lembrou-se da promessa que fizera à sua mãe e viu-se curiosa por saber o que o conde diria se viesse a descobrir seu segredo.



Não, ela nunca diria nada. Sua promessa jamais poderia ser quebrada. Aceitou uma xícara de chá e metade de uma torrada com manteiga. A última coisa que queria era ficar de pé por horas, com uma estranha a tirar suas medidas para roupas que não desejava. Relutante, levantou-se da mesa e seguiu para o quarto.

A costureira tinha espalhado belos tecidos coloridos por sobre a cama e desenhos de modelos estavam apoiados em seu armário. Abby suspirou, ansiosa por terminar com tudo aquilo.

— Vamos começar — disse à mulher.

— Condessa, estou honrada por ter sido escolhida para confeccionar seu novo guarda-roupa. Por favor, deixe-me ajudá-la a tirar seu vestido.

A mulher desabotoou e segurou o vestido, mas Abby teve a impressão de ter visto uma careta de desdém, quando a costureira o levantou-o nas mãos. Ficou enfurecida.

Mal ela começou a tirar suas medidas, Abby avisou secamente:

— Estou de luto, minha mãe faleceu há pouco tempo.

— Oh, sinto muito, milady! Então talvez cores mais escuras do que as que eu trouxe?

— Não!

Abby tremeu ao ouvir a voz masculina que inundou o quarto, e sentiu que o sangue lhe subia às faces. O que seu marido estava fazendo ali? Ela não estava apropriadamente vestida. Deu-lhe as costas enquanto procurava seu vestido.

— Abby, tenho certeza de que sua mãe entenderia — observou ele.

— Seu tom de pele não combina com roupas escuras.

— Milorde, o que tem em mente? — a costureira perguntou.

Enraivecida, Abby não se conteve e virou-se bruscamente para a costureira com um olhar fulminante, esquecendo-se de que procurava seu vestido. O que aquela mulher queria dizer, perguntando o que *ele* tinha em mente? Os vestidos eram para ela, mesmo que Brad estivesse examinando os modelos e remexendo os tecidos sobre a cama.

Brad se voltou para Abby, olhando-a com atenção, e novamente ela se deu conta de que vestia apenas uma combinação. Raiva e vergonha se misturaram e ela sentiu o rosto queimar.

Depois de alguns segundos, como Abby nada dissesse, Brad apontou para uma maravilhosa seda azul brilhante e voltou a falar com a costureira. Nem um nem outro pareciam considerar o fato de que seria ela quem usaria as roupas.

— Estou cansada de azul — Abby anunciou prontamente.



— O verde, então — Brad sugeriu.
— Quero uma cor mais escura, um violeta-escuro.
— Abby, você é muito jovem para usar violeta-escuro. Abby percebeu que sua opinião não seria considerada.

Apanhou seu vestido cinza e decididamente dirigiu-se para a porta.

— Vocês não precisam de mim — constatou e saiu do quarto.

Para seu desgosto, sua atitude foi aceita. Brad e a costureira continuaram animadamente a conversa sobre cores e modelos.

A semana seguinte passou num piscar de olhos. Abby teve algumas provas dos vestidos, Eileen voltou, e de repente já era o final da semana.

Ela se preparava para o jantar que o tio de Brad lhes ofereceria. Vestiu cuidadosamente o vestido em tecido perolado que Brad havia insistido para que usasse, e olhou-se no espelho, satisfeita com a própria imagem. Sentia-se como uma princesa. O vestido era lindíssimo e seus cabelos presos no alto da cabeça lhe davam uma aparência esguia e elegante. Seu rosto estava corado, e os olhos brilhantes.

Brad a esperava ao pé da escada e fez um gesto sutil de aprovação quando a viu. Ela não pôde evitar a sensação de calor que a invadiu, mais ainda quando teve de apoiar-se no braço dele para chegar à carruagem.

Francis St. James, tio do conde de Lynbrook, esperava por eles na varanda de sua casa.

— Bem, bem, meu sobrinho, então essa é sua esposa americana, agora condessa de Lynbrook.

Ele pegou a mão dela e curvou-se numa reverência, e Brad percebeu uma estranha expressão no rosto de Abby.

— Senhor, não está frustrado, não é? Talvez esperasse uma de nossas maravilhosas selvagens americanas... — ela disse em um tom sério e afetado.

Brad percebeu que seu tio corava e conduziu Abby para o hall, onde as apresentações continuaram. Ela cumprimentou dois condes e suas esposas, um barão, a esposa e a filha, com elegância e fluência, como se tivesse sido criada naquele mundo.

Nas três horas que se seguiram, Brad lutou contra um sentimento de orgulho, ao vê-la conversando com desenvoltura com várias pessoas, até mesmo sobre assuntos internacionais. A esposa de um dos condes era francesa, e Abby conversou bastante tempo com ela em sua própria língua, fazendo com que ele sorrisse de admiração.

Sua esposa seduzia a todos com seu charme e beleza.



No final da noite, juntou-se à filha do barão para um dueto de piano e o jantar foi encerrado com chave de ouro. Brad deixou a casa com muitas congratulações e diversos novos convites.

Sentou-se do lado oposto a Abby na carruagem. Queria lhe dizer o quanto se orgulhava dela, mas não encontrava palavras. Abby possuía a elegância de alguém que nascera naquele meio, mas afinal, ele lembrou a si mesmo, ela era filha de um conde.

Se tivessem se encontrado em circunstâncias mais favoráveis, Brad se perguntava se se sentiria tão atraído por ela como se sentia. Embora tentasse negar, sabia que ficara ligado em Abby desde o primeiro momento em que a vira.

Lembrou-se com ternura da conversa que ela tivera com Edith no dia seguinte à morte de Fiona e que ele ouvira sem que ela percebesse.

Abby era generosa e desprendida.

E havia o desejo! Oh, como ele a queria, quase com obsessão! Inspirou profundamente. O perfume dela, com aquele tom seco de flores selvagens, ativava todos os seus sentidos.

As lembranças de seu pai lhe vieram à mente e ele sacudiu os ombros, contrafeito. Jamais ficaria dependente dela. Droga! Era um homem maduro e tinha de manter o controle sobre si mesmo.

Absorto em seus pensamentos, Brad prestava pouca atenção à velocidade da carruagem e ao terreno acidentado da estrada quando uma das rodas passou em um buraco e deu um forte solavanco.

Desequilíbrio-se por um segundo e não conseguiu segurar Abby, que foi subitamente atirada contra ele no movimento. Segurou-a no momento seguinte, **mas** já contra seu peito.

Sentiu a pressão suave dos seios dela, tocou a pele macia dos braços nus... O desejo ardente o queimou. Tinha de beijá-la. Cedendo à tentação, puxou-a para seu colo e tocou seus lábios úmidos e macios. Abby a princípio se enrijeceu, mas quando Brad suavizou o beijo e a abraçou, tudo o mais desapareceu. Um beijo se uniu a outro e outro e outro... a urgência, o desejo de colar-se ao corpo masculino, eram mais fortes que tudo.

Brad sugava os lábios de mel, brincando, provocando-os com a língua, descobrindo o que a deixava arrepiada e sem fôlego. Queria aquela mulher por inteiro. Deixou que sua mão escorregasse pelo interior do corpete dela e se encaixasse suavemente sobre um dos seios, sentindo o mamilo enrijecer-se. Brincou com ele, roçando-os em movimentos provocantes.



Os gemidos de Abby aumentaram seu desejo e ele desprendeceu toda a parte de cima do vestido e do corpete, tocando cada milímetro da pele alva que se revelava enquanto o tecido deslizava pouco a pouco.

Traçava trilhas de beijos pelo rosto, pescoço e ombros, fazendo com que ela ansiasse pelo momento em que seus mamilos seriam docemente sugados.

Abby sentia-se totalmente envolvida por aquele homem. Inclina-se para ele, oferecia seu corpo ao prazer que ele lhe despertava e que sabia também provocar. Desejava aquilo por semanas, percebia agora. Não queria saber onde estavam não queria pensar em nada que pudesse impedi-la ou constrangê-la.

De repente Brad ajeitou seu corpete, cobrindo a pele que latejava ao toque dele. Ele a fez voltar ao assento original, e antes que Abby pudesse protestar, abriu a porta e saltou da carruagem.

Ela nunca sentira tão fortemente uma separação. Todo o seu corpo ardia, queria chorar de frustração por não poder continuar. Mas Brad a tomou nos braços e a carregou. Ela fechou os olhos e sentiu seu perfume másculo, uma mescla de conhaque e tabaco. Precisando da sensação daquele corpo forte junto ao seu, passou o braço por seu pescoço e se encostou ainda mais a ele.

Alguém abriu a porta, e nem mesmo nesse momento Abby abriu os olhos. E então eles estavam no caminho para a ampla escadaria. Uma porta se abriu e um toque de apreensão surgiu dentro dela. Mas lembrou-se do prazer que sentira na carruagem e relaxou novamente. Brad a deitou na cama com gentileza, e ela abriu os olhos, reconhecendo o ambiente familiar. Sentou-se apenas para observá-lo sair pela porta que ficara aberta. Ele a havia deixado. Outra vez.

Como podia tocá-la daquele jeito para, em seguida, rejeitá-la? Será que de alguma forma já descobrira seu segredo? Ela havia feito algo errado na festa? Reagira a ele de modo impróprio?

Lutou contra as lágrimas que embaçavam sua vista. Não, não iria chorar. Não por alguém como Bradford St. James, que não merecia suas lágrimas.

Ali estava ela, começando a gostar daquele homem. Era por isso que sofria tanto, não podia negar. E ele, em alguns momentos, parecia gostar dela também; era difícil de entender. Trouxera Eileen a Londres para lhe fazer companhia, insistira para que ela tivesse vestidos novos, beijava-a com desejo... Mas não a queria como esposa!

Abby se jogou na cama depois de tirar o belo vestido perolado, prometendo que não o usaria de novo.



Na manhã seguinte, esperou até ter certeza de ter ouvido o barulho da carruagem de Brad se afastando, antes de sair do quarto. Não tinha nenhuma vontade de vê-lo de novo. Se ele não a queria, daria um jeito de procurar seu irmão. Harry teria de ajudá-la a anular aquele casamento de mentira. E então ela voltaria para casa, para a América. A Inglaterra não era para ela.

O restante da semana custou a passar. Mais uma vez a costureira lhe trouxe vestidos para provar, e ela respondeu aos convites das senhoras que havia conhecido na festa do tio de Brad e fez longas caminhadas com Eileen pelo parque.

Até que chegou o final da semana e o dia do baile da alta sociedade para o qual Brad aceitara o convite. Abby usaria um vestido verde-safira, todo bordado com delicados fios de prata, também escolhido por seu marido. O espartilho e o corpete que Grace e Eileen a forçaram a vestir estreitava ainda mais sua cintura e elevava seus seios, expondo-os de um jeito que a fazia sentir-se indecente.

— Não posso usar isso — choramingou.

Sua mãe morreria novamente de vergonha se a visse daquele jeito.

— É o mesmo que todas as outras senhoras estarão usando, milady, está lindo! — Grace assegurou.

— Está muito elegante! — aprovou Eileen. — Leve um xale, se isso a fizer sentir-se melhor. Quando chegarem e a senhora vir as outras mulheres nem se lembrará dele.

Abby balançou a cabeça.

— Ele me deixa muito exposta. No jantar que fui nenhuma das senhoras estava usando nada parecido com isto. Vocês não podem me convencer que as damas inglesas vão nuas aos bailes!

— Oh, milady... Algumas delas parecem que vão cair para fora do vestido. E os homens adoram! Mas não é o seu caso. A senhora está perfeita! — Grace deu o toque final em seus cabelos, e Abby fez um muxoxo.

A batida na porta fez com que as três se virassem, sobres-saltadas.

— Entre! — disse Abby.

Brad abriu a porta e entrou no quarto. Trazia uma caixinha de veludo preto nas mãos.

— Se puderem nos dar licença. — Ele fez um gesto para Eileen.

Abby olhou em torno e percebeu que Grace já havia escapado pela porta no instante em que Brad entrara. Ela fez uma careta. Jamais se acostumaria com a relação entre os aristocratas e seus criados.

Eileen sorriu para Brad e apertou de leve os ombros de Abby, procurando transmitir-lhe segurança. Saiu em seguida.



Quando a porta se fechou, Brad se voltou para ela.

— Eu trouxe algo para você usar esta noite. — Ele lhe estendeu a caixinha de veludo.

Abby abriu-a e se deparou com o colar mais lindo que já vira. Eram safiras verdes, como que tecidas em uma rede de ouro, que brilhavam incrivelmente. Um enorme diamante ocupava o lugar de honra, no centro.

— Achei que combinaria com seu vestido — Brad murmurou com voz rouca, quase timidamente.

Abby fez um pequeno gesto, tentando lidar com o nó que se formara em sua garganta.

— É a coisa mais bonita que já vi na minha vida, Brad — disse, com voz fraca.

— Agora, vire-se para que possamos vê-lo em você. Obediente, ela virou-se de costas. Estremeceu quando ele encostou o metal gelado em sua pele, e depois quando seus dedos roçaram nela, causando-lhe pequenos arrepios nas costas.

— Bom... muito bom — foi tudo o que Brad disse, quando a virou novamente.

Abby aproximou-se do espelho da penteadeira. A chama das velas se refletia nas pedras preciosas, e ela podia ver Brad atrás de si.

— Oh, obrigada...

— E então? Podemos ir?

Ela concordou, engolindo em seco, e apoiou-se no braço do marido, saindo com ele do quarto, o xale completamente esquecido.

Quando o conde de Lynbrook chegou ao baile com sua esposa, muitos dos convidados já estavam lá. A notícia de que aceitara o convite de lady Emily Strathworth fez com que a curiosidade se espalhasse entre os membros da sociedade.

— Oh, esqueci meu xale! — disse Abby preocupada, quando se preparavam para descer da carruagem.

Brad olhou para ela, com expressão séria.

— Você está bem assim.

Poderia mencionar também que mal conseguira respirar ao lado dela no caminho, que estava tão maravilhosa que não queria que seus amigos e conhecidos colocassem os olhos nela, que já se arrependera por ter aceitado aquele convite... Mas não fez isso.

Contrafeito, Brad acompanhou-a ao salão de baile, com cara de poucos amigos. Apresentou-a aos anfitriões e... Isso foi tudo. Lady Strathworth imediatamente os separou, levando Abby pelo braço para apresentá-la a um grupo de convidados.



Brad viu-se sozinho e sem nenhuma vontade de procurar conhecidos. Resolveu caminhar pelas laterais do salão, onde tinha a chance de passar despercebido.

Não perdeu a esposa de vista. Enquanto a anfitriã passava com ela de um grupo a outro, Abby exibia o mesmo charme que lhe fora peculiar na festa de seu tio. Brad dividia-se entre a admiração e um mau humor ciumento. Abby era mesmo linda e elegante, reafirmou a si mesmo, mas era melhor dirigir-se à outra sala para uma mesa de carteados antes que decidisse carregá-la dali.

Ao entrar na sala de jogos, Brad teve a impressão de que as conversas pararam e que todos pareciam tentar olhar para ele disfarçadamente. Conhecia a maioria dos presentes e pensou que tinha sido o objeto das discussões que aconteciam naquela sala pouco antes o deixou desconfortável. Pensou em juntar-se a um grupo que estava em uma mesa ao fundo, mas optou por apenas cumprimentá-los rapidamente e voltar ao salão de baile.

— Droga! — disse a si mesmo, dirigindo-se a um dos ser viços de bar. O que esperava? Muitos ali tinham vindo especialmente para conhecer sua esposa e compreender por que ela morava com ele em Londres. Brad nunca fizera segredo de que quando se casasse deixaria a esposa em Gray Lands e viveria como solteiro em sua cidade. Os conhecidos haviam de querer saber por que não se gabava mais de sua independência.

Brad pegou um drinque e afastou-se um pouco do bar, procurando um lugar mais calmo para preparar seu cachimbo. De toda forma, não estava no melhor dos humores. A armadilha cuidadosamente planejada para pegar o ladrão que o desfalcava falhara. No dia seguinte sabia que encontraria novas notas que não bateriam com os livros dos navios. Mesmo absorto em seus pensamentos, percebeu dois conhecidos que pararam no balcão do bar. Os homens conversavam animadamente e não notaram sua presença.

— Esse casamento foi realmente uma surpresa.

— Mas com uma americana...

— É, mas que mulher! Foi fígado. Nunca pensei que ele se casaria assim tão rápido, pelo que dizia...

Um deles tirou um charuto e preparou-se para acendê-lo.

— Quer saber como é dormir com uma americana. Já ouvi dizer que são selvagens!

— Daqui a pouco ela estará disponível, escreva o que digo. Espere só que tenha o herdeiro dele. Porque o casamento deles não vai bem, isso é certo. Viu a carranca de Lynbrook quando chegaram?



Duvido que vá se manter interessado nela por muito tempo. Do jeito que é...

Brad fechou os punhos. A tentação de esmurrar aquele homem, ou melhor, os dois homens, era enorme. O suor escorria por seu rosto e ele respirava fundo, procurando se conter. Não queria dar ainda mais motivos para comentários, mas não se lembrava de já ter ficado tão furioso com alguém. Abby era dele, era sua esposa, e faria com que fosse sempre assim.

Suando frio, conseguiu esperar até que os dois homens se afastassem do balcão, e então voltou ao salão. Olhou em volta procurando por Abby. A anfitriã a estava apresentando a um dos grandes amigos titulados de Bradford, e parecia que o cavalheiro a estava convidando para dançar, já que se aproximaram de outros pares que dançavam. Brad afastou-se novamente para as laterais, para poder observá-los. Por sorte, lady Strathworth parecia ter uma inclinação por grandes vasos de folhagens e Brad se posicionou atrás de um deles.

Mal tinha parado e a voz estridente da esposa de um de seus amigos chegou-lhe aos ouvidos.

— É uma jóia caríssima. De alguma forma, ela o encantou. Uma outra voz mais jovem, que ele não reconheceu, sugeriu:

— Ela o fez cair em uma armadilha, isso sim. Fontes muito confiáveis me disseram que o meio-irmão dela os flagrou sozinhos em um quarto no Durley Inn. Lynbrook foi obrigado a se casar com ela.

— Será que está grávida? Lorde Lynbrook sempre foi um libertino mesmo!

— Quem sabe? — respondeu a primeira voz.

Brad procuraria se lembrar de alertar seu amigo sobre a tendência da esposa a esse tipo de comentários.

— E se ela tiver ganhado aquele colar de Carrington?

— Bem, não importa. Mas acho que logo teremos a notícia do nascimento do herdeiro.

— Por falar nisso, ouviu dizer que Carrington tomou a amante de Lynbrook?

— Quem será a próxima...

Brad não ouviu o final da frase porque as duas mulheres se afastaram. Mal podia conter a raiva. Ele e Abby eram o assunto da noite, e isso era insuportável. Respirando fundo, decidiu que já havia cumprido seu compromisso social. Podia ir embora dali.

Atravessou o salão, decidido a afastar sua mulher do grupo de admiradores que a cercava.



Quando se aproximou mais, reconheceu o homem que havia ouvido no balcão do bar. Os olhos dele estavam fixos no decote de Abby.

Brad se enfureceu. Tremia enquanto tentava manter seus passos sob controle para não correr em direção à esposa. Tinha de lembrar-se: qualquer destempero daria ainda mais munição para os comentários da noite. Já ao lado dela, disse simplesmente:

— Vamos embora.

Por um segundo, Abby olhou para ele surpresa, mas então percebeu sua expressão e pediu licença às pessoas com quem conversava. Brad agarrou seu braço e a trouxe para bem perto dele, guiando-a para a anfitriã. A despedida foi breve e ele levou Abby até a carruagem que os esperava, sem soltar-lhe o braço.

A cada passo, o ressentimento e uma raiva insuportável cresciam dentro dele. Abby era a responsável por tudo aquilo. Ele não queria ter se casado tão cedo. Ela devia ter lhe avisado logo que era irmã de Carrington e nunca deveria ter concordado em ir a seu quarto naquele hotel. Nenhuma dama teria concordado com uma proposta daquelas.

Ele a agarrou pela cintura e quase a empurrou para dentro da carruagem, sem se importar que sua atitude pudesse ser mal compreendida. Uma vez que a porta se fechou, não pôde mais se conter.

— Éramos o assunto de todas as rodas de conversas de todas as pessoas nesse maldito baile — explodiu, irritado.

— Certamente você sabia que isso iria acontecer — retrucou Abby.

— Afinal, é um magnífico conde da realeza! Eu ficaria mais surpresa se ninguém comentasse sobre nós.

— Você não sabe como me sinto em relação a fofocas, ainda mais sendo o centro delas.

— Oh, sei sim! Eu não estaria casada com você se não tivesse tanto medo do que as pessoas diriam a seu respeito.

— A meu respeito? — ele quase gritou. — Vamos relembrar a razão pela qual me casei com você: preservar a sua reputação! Afinal, não tenho dúvidas de que seu irmão ia exigir satisfações se eu me recusasse. E isso teria causado ainda mais falatório.

— Poderia ter me deixado em Gray Lands como planejava — ela disse com ironia.

Lembrá-lo do motivo que o fizera trazê-la para Londres aumentou ainda mais sua raiva. Brad olhou diretamente nos olhos dela, sentindo ferver o sangue por emoções que não sabia se conseguiria controlar.

— Precisava mantê-la a meu lado.



— Para quê? Segundo as damas com quem conversei esta noite, você já está sendo muito bem servido por suas amantes. Nossa anfitriã mesmo me garantiu que você tem pelo menos quatro, atualmente. Mas não se preocupe, asseguro-lhe que não me importo por saber de suas mulheres. Só me faça entender por que "precisava me manter a seu lado".

Abby olhava para Brad, esperando uma resposta, e sua expressão o enfureceu ainda mais. Não tinha o direito de condená-lo pelo que aquelas mulheres diziam.

— Não tenho nenhuma amante no momento. — Seu tom era contido, a raiva presente em cada palavra.

— Bem, mas já teve, e eu tive o prazer de ouvir isso de cada uma das mulheres com quem conversei.

Brad não respondeu. Se continuasse a discussão, não conseguiria mais se conter. Só podia contar os segundos até que chegassem em casa.

Quando a carruagem parou, desceu de um salto e esperou furiosamente agitado que ela fizesse o mesmo.

Diferente do que sempre fazia, ao se recolherem Brad abriu a porta de conexão entre os dois quartos e entrou sem bater no quarto de Abby, no exato momento em que ela acabava de tirar o vestido.

— Uma coisa que não posso aturar é ouvir meu nome desmoralizado na boca dos membros da sociedade — ele vociferou enquanto avançava em sua direção.

— Ótimo! E como acha que eu me senti? Estava ainda sendo apresentada aos membros da sua sociedade quando as outras adoráveis damas faziam fila por uma oportunidade de me contar suas libertinagens.

— Já lhe disse que não tenho nenhuma amante no momento!

— Não acredito em você!

— Não me importa. Você não tem mesmo nada a **ver** com isso — Brad disse ironicamente, segurando-a com força sem saber ao certo o que ia fazer. Queria apenas prendê-la.

— Bem, veremos se não tenho... — Abby começou a dizer furiosa, antes de ser calada por um beijo.

Brad soube, no instante em que seus lábios tocaram os dela, que estava perdido. Todo o desejo contido e todas as semanas de espera vieram à tona e superaram qualquer outro pensamento.

A princípio, Abby resistiu, retesando o corpo e tentando afastá-lo. Mas quando ele suavizou o toque, passando a acariciá-la com os lábios, ela se entregou ao prazer que a envolvia.



Queria tanto sentir aquele toque, havia tanto tempo... A forma como o beijava continha todo o seu sentimento, não queria disfarçar. Soltoou o vestido que ainda segurava para se cobrir, e envolveu o pescoço de Brad com os dois braços. Apertou-se contra ele sem nenhum pudor, ansiosa por sentir o corpo masculino junto ao seu.

Enchendo-se de coragem, começou a forçar o paletó para baixo.

Brad entendeu imediatamente seu gesto e em segundos o paletó estava no chão. Abby começou então a desabotoar a camisa, para poder sentir a pele nua sob seus dedos.

Ele levantou por um instante a cabeça e deu um profundo suspiro.

Colando novamente seus lábios aos dela, protestou contra o corpete apertadíssimo que Eileen e Grace haviam insistido para que ela vestisse, e que ele procurava penetrar com as mãos.

— Vire-se — murmurou contra os lábios dela, em seguida traçando uma linha de beijos ao longo do pescoço delicado.

Abby suspirou de prazer e virou-se, esperando que ele continuasse aquele caminho por suas costas.

O corpete caiu e Brad se manteve atrás dela, beijando suas costas, acariciando seus seios, abraçando-a. Abby se entregou às carícias, deliciada. Aos poucos foi se virando, buscando novamente o calor dos lábios dele. Beijando-o também no rosto e no queixo, alcançou a boca de Brad e mordiscou-a.

Excitada, Abby buscou-o com ansiedade e ele aprofundou o beijo, procurando por todo o calor de sua boca. Passou a língua pelos lábios dela, pelos dentes, tocou sua língua e convidou-a a brincar.

Abby respondia com avidez.

Então Brad interrompeu o beijo e ela entrou em pânico. Aquilo já tinha acontecido antes; ele a provocava e em seguida a rejeitava, e naquele dia ela não suportaria deixá-lo ir. Teve certeza de que iria embora quando deu um passo para trás.

— Não me deixe — pediu. — Não desta vez.

Brad olhou nos olhos dela, abraçou-a e pegou-a no colo. Com os lábios, voltou a acariciá-la e ela não conteve um gemido. Levou-a ao quarto dele, à sua cama. Não iria deixá-la. Abby sentiu a maciez do colchão, o perfume de Brad, o calor dele quando se deitou a seu lado. Brad apoiou-se em um braço e, com os lábios, começou a beijar um seio, enquanto acariciava o outro com a mão.

Os mamilos de Abby quase doíam, esperando que ele os sugasse. Uma ansiedade que nunca sentira vinha de dentro dela e era difícil suportar a espera. Apoiou-se na cabeceira da cama levantando-se um pouco, de forma a indicar a ele o que queria.



Estimulado, Brad passou finalmente a sugá-los com força, levando-a à loucura.

Abby queria tocá-lo também, proporcionar-lhe o mesmo prazer que sentia. Deixou que suas mãos passassem pelos pêlos escuros e macios do peito dele, pelos mamilos retos, pelas costas, abraçando-o. Quando escutou o leve suspiro que escapou de sua boca, Abby soube que Brad gostava do que ela fazia e isso a excitou ainda mais.

Brad era tão bonito, tão atraente! Desejando provar a textura de sua pele, começou a beijá-lo por todo o corpo, descobrindo-o, provocando, brincando com ele. Acariciou os músculos rijos de suas costas, a barriga... Estava envolvida nessa descoberta quando se assustou, percebendo que ele tocava a parte interna de suas coxas. Parou de se movimentar, receosa do que ele faria a seguir.

Quando o pânico ameaçava invadi-la, Brad pegou suas duas mãos e as beijou diversas vezes, mordiscando-as suavemente antes de voltar a seus lábios. A ternura dele era tanta que Abby pensou que jamais a machucaria, que nada do que pudessem fazer com aquele sentimento seria errado.

Percebendo que ela voltava a relaxar, Brad procurou se livrar das últimas peças de roupa que ainda se colocavam entre eles, e Abby o ajudou, confiante. Logo estavam nus nos braços um do outro, pele contra pele, e ela sentia um arrepio constante, uma vontade, que parecia lhe vir do fundo da alma, de se unir a ele.

Voltou a procurá-lo com os lábios, com as mãos. Não queria mais parar e explorava cada toque possível no corpo íôrte e másculo.

As mãos quentes de Brad também a acariciavam e Abby descobria milhares de pontos sensíveis, que a faziam reagir com mais e mais vontade. Quando os dedos inquietos a tocaram entre as coxas, Abby foi arrebatada por uma sensação que nunca sentira, gemendo de prazer, ofegante de desejo. Brad continuou a tocá-la de uma maneira absolutamente imprópria, ela chegou a pensar, mas deliciosa... Aos poucos ele foi ajeitando seu corpo sobre ela e começou a se mover ritmada-mente, beijando-a tão profundamente que ela sentia que sua boca fazia parte de seu próprio corpo.

Então Brad fez um movimento mais forte entre suas coxas e ela soluçou em antecipação. Alguma coisa estava acontecendo com ela, sensações se misturavam, até que todo o seu ser pareceu se concentrar na boca de Brad unida à sua e no ponto entre suas pernas.

Brad estava mergulhado no desejo. Ela o fazia provar o néctar da paixão, doce, feminina, incrivelmente autêntica. Qualquer tipo de pensamento racional o abandonara naquele momento.



Abby parecia saber o que ele desejava, seu toque inflamava mais e mais o fogo dentro dele, até que Brad percebeu que seria impossível se segurar, e forçou-se para dentro dela. Abby se retesou por um momento, e Brad se deu conta, vagamente, da resistência de sua virgindade. Ficou imóvel por um instante, dando a ela tempo para relaxar os músculos, e então, beijando-a, recomeçou a se mover suavemente dentro dela. Logo Abby passou a mover os quadris, no mesmo ritmo que ele, entregue às sensações novas que descobria. Finalmente, Brad a sentiu arquear o corpo e convulsionar em sua direção, apertando-o com força. Permitiu-se então respirar e satisfazer-se, experimentando junto com ela um prazer que nunca tivera em toda a sua vida.

Quando relaxou o corpo sobre o dela, estava ainda atônito com o que havia acontecido entre eles. Abby era virgem! Pelo menos até poucos instantes atrás... Não estava esperando um bebê de outro homem. Ele se condenou intimamente por ter, em algum momento, suspeitado da moral da esposa.

Rolou na cama e quando viu os olhos dela fechados puxou a coberta sobre ambos. Dormiria tranquilo pela primeira vez em semanas.

Trouxe-a para seus braços, respirou profundamente e relaxou, deixando que o sono viesse, com Abby envolta em seu abraço.

Quando Brad abriu os olhos, os raios de sol já atravessavam as frestas das venezianas. Ficou olhando para a mulher que dormia a seu lado, e uma emoção, que ainda não queria analisar, o inundou.

Abby estava se tornando cada vez mais importante em sua vida, e ele tinha dificuldade para encarar essa verdade.

Escorregou para fora da cama, com cuidado para não acordá-la. Lavou-se, barbeou-se, vestiu-se sem fazer barulho, só para ter a oportunidade de vê-la daquele jeito, desprotegida, entregue ao sono. Teve um inesperado sentimento de prazer. De alguma forma estava orgulhoso por tê-la ali.

Era melhor não dar asas aos sentimentos, Brad pensou, tratando de sair do quarto e da casa.

Chegou ao escritório com um sorriso no rosto e trabalhou por horas a fio, depois de enviar um recado ao joalheiro que lhe vendera o colar. Só bem mais tarde, percebendo o avançado da hora, pegou o chapéu e as luvas. Passaria na joalheria antes de ir para casa.

Saiu do escritório e fez um sinal para o cocheiro. Deu dois passos à frente e, ao ouvir o grito do cocheiro, recuou depressa. Um coche passou por ele disparado, a pouco mais de um palmo de distância.



Percebeu que o cocheiro usava um capote, um colarinho largo e um lenço que escondia seu rosto. Quando Brad desviou, mudou a direção do coche e voltou para atingi-lo.

Brad saltou para o lado. A lateral da carruagem não bateu nele por pouco. Atônito, observou vários de seus empregados correrem atrás do coche, mas não havia mais nenhum outro veículo na rua e, em alta velocidade, o condutor escapou.

Ele esfregou a roupa e cerrou os dentes. Até aquele momento não dedicara a devida seriedade ao assunto. Primeiro a roda da carruagem quebrada, depois o vinho envenenado, agora esse coche desvairado. Quem queria vê-lo morto?

— Alguém viu o rosto dele? Alguém o reconheceu?

Todas as respostas foram negativas. Brad liberou os homens e subiu em sua carruagem. Procurou refletir sobre todos aqueles acontecimentos, e a lembrança de Abby lhe voltou à mente. Não, ela não podia ser responsável por aquilo.

Por outro lado, tudo aquilo que estava acontecendo não era por acidente. Tinha de encontrar o culpado antes que fosse seriamente ferido.

Abby se sentou na cama e olhou ao redor do quarto de Brad, onde dormira. Vestiu o robe macio que ele havia deixado aos pés da cama, espreguiçou-se e gemeu ao sentir os músculos doloridos. Sorriu ao lembrar-se que finalmente era mulher de Brad, de verdade. Movendo-se devagar, chamou por Grace e escorregou para sua própria cama. Precisava tomar um banho.

Grace chegou, e antes que Abby terminasse de escolher as roupas que vestiria, os jarros de água quente e fria já a esperavam.

Escorregou para dentro da enorme banheira de cobre e mergulhou na água morna, suspirando de prazer. Recostou a cabeça na borda e deixou que seus pensamentos voassem. Brad rapidamente tomou o lugar de honra neles, e ela rememorou todos os momentos da noite anterior.

Será que Brad a tinha levado para cama apenas porque perdera o controle? Ou ele queria mesmo fazer amor com ela? Subitamente, saber de seus motivos pareceu-lhe essencial.

Os pensamentos fervilhavam em sua mente. Por dois meses, fora esposa de Brad apenas no papel. Aprendera que ele era sensível, generoso, e que se preocupava com seu bem-estar. Raramente exigia algo dela, tinha contratado Eileen para que ela pudesse conhecer Londres. Não o conhecia antes e agora o admirava. Não. Seu sentimento ia além da admiração.



Queria agradá-lo e queria despertar nele o desejo de agradá-la. Tinha de saber por que, quando ele se aproximava, seu coração disparava, ficava ofegante e um arrepio perpassava-lhe todo o corpo. A verdade a fez endireitar-se na banheira e água foi jogada para todos os lados com o movimento brusco. Abby piscou para tirar a espuma dos olhos. Tinha de admitir, ao menos para si mesma, que estava apaixonada. E precisava encontrar uma forma de descobrir se tinha a chance de vir a ser correspondida.

CAPÍTULO V

Brad já havia saído para o escritório quando Abby desceu para tomar o café da manhã. Bodkins estendeu-lhe o bilhete que ele deixara, e ela leu cuidadosamente o convite para que fossem à ópera naquela noite. Brad só lhe pedia que usasse o vestido verde-esmeralda, mas não explicava o por que.

Abby ficou algum tempo olhando para o recado, contente. Depois da ópera, iriam jantar com amigos!

Voltou ao seu quarto, dobrou o bilhete e colocou-o cuidadosamente embaixo da caixa do colar de safiras. Lembrou-se <l>; Brad com carinho. Ele escolhera o passeio que ela mais desejava fazer em Londres. Sabia o quanto era apaixonada por música... Imagens dos dois juntos na cama fizeram com que sorrisse, envergonhada.

Seus pensamentos foram bruscamente interrompidos por Eileen, que entrou rapidamente no quarto após uma rápida batida na porta.

Segurava um pedaço de papel na mão, semelhante ao que Abby recebera antes.

— Milady! Não vai acreditar no que acabei de receber!

— O que é? Conte logo!

— O visconde de Nettíeton quer que eu o acompanhe esta imite! — ela disse de uma vez só. — Vamos à ópera!

Abby sorriu.

— Eu também vou à ópera.

— Oh, isso é magnífico! Vamos juntas! — Eileen exclamou eufórica, acrescentando depois com uma careta: — Não sei o que vou usar...

As duas correram ao quarto dela e seus vestidos foram to dos colocados em cima da cama. Já que Abby planejava usai o vestido esmeralda, como Brad lhe pedira, escolheram para Eileen um vestido vermelho-cobre, de um tecido bordado com fios dourados. Era muito fino e parecia adequado à ocasião.

— Vai combinar maravilhosamente com seus cabelos c seus olhos!



— Abby disse, observando sua companheira e de pois o vestido. Rindo muito, as duas começaram os preparativos para a noite. Abby mal podia conter a excitação. Seu marido a levaria à ópera! Grace havia acabado de sair do quarto, depois de ajeitar os últimos cachinhos que caíam pelo rosto de Abby, quando ela ouviu uma batida na porta. Brad entrou em seguida, magnífico em seu traje de gala! Como era alto e esbelto, o smoking lhe caía com perfeição. Abby teve de se controlar para não correr até ele e jogar-se em seus braços. Pensando nisso e nas lembranças da noite anterior, enrubesceu. Oh, como poderia olhar nos olhos dele de novo? Estava morta de vergonha! Brad tinha outra caixa de veludo preto nas mãos.

— Para você, para que use com o vestido — ele disse com todo o seu charme, estendendo a caixinha a Abby.

A excitação misturada à timidez era tão grande que as mãos dela tremiam. Abriu a caixa e entendeu no mesmo instante por que ele lhe pedira que usasse o vestido verde. Em um ninho de seda branca brilhava uma esmeralda belíssima, pendendo de uma corrente. Uma fita atava o cordão a um jogo de anel e brincos maravilhosos. Voltou-se para ele e pensou ver um sorriso carinhoso... Dirigido a ela! Carinho, não amor, lembrou a si mesma. Que importava? Estava tão feliz naquela noite que não iria se entristecer por uma emoção que não tardaria a conquistar. Um dia, ele a amaria.

— Obrigada — agradeceu, com um sorriso.

— São do seu agrado?

— Oh, claro que sim!

Não podia pensar em palavras que expressassem o que sentia naquele momento.

— São... Lindíssimos! Nunca tive... Nunca ganhei nada tão lindo!

— Deixe que eu coloque em você.

Ela se virou de costas. Ainda se sentia envergonhada. Lembrou-se de como Brad tocara seus seios na noite anterior, e quando sentiu a ponta dos dedos dele roçando sua pele, estremeceu de prazer. Brad pareceu perceber. Terminou de abotoar o colar, beijou seu pescoço e deslizou as mãos pela seda do vestido, apoderando-se dos seios.

— Infelizmente, algumas coisas belas têm de ficar escondidas... — ele sussurrou em seu ouvido, fazendo com que o sangue de Abby queimasse nas veias.



Brad beijou-a no pescoço, no ombro nu, continuando a acariciar os seios. O desejo tomou conta de Abby, e ela voltou-se para ele. Ao ver o brilho em seus olhos, quis abraçá-lo com força e nunca mais deixar que se afastasse.

— Até há pouco eu só pensava na ópera...

— Teremos muito tempo quando chegarmos. Rápido, apresse-se! — ele brincou, dirigindo-lhe um sorriso provocante.

Abby lembrou-se que ele sorrisa para ela da mesma maneira na primeira vez em que haviam se encontrado e sentiu-se aliviada. Enfim, ele parecia ter relaxado novamente.

Ao pé da escada, Eileen e Nick os esperavam.

— Milorde, o vento está muito forte lá fora. Talvez a condessa deva levar algo para protegê-la. — Bodkins aproximou-se com um manto nas mãos.

— Obrigado, Bodkins. — Brad pegou o manto e a envolveu.

Abby sorriu. Obviamente aquilo fora planejado. Assustou-se apenas quando sentiu o manto em sua pele e observou-o de perto. Não era um dos seus, de lã e mais simples. Correu os dedos pelo tecido macio e suspirou de prazer. Era aveludado, de um verde mais escuro que seu vestido, e o acabamento e os detalhes delicados era feitos em um fino cetim prateado. Era muito elegante! E muito aconchegante... Como seu marido.

No teatro, Brad cumprimentou várias pessoas conhecidas antes de subirem as escadas para o camarote. Quando se sentaram, os músicos já estavam em seus lugares e o espetáculo teve início. Abby sabia de cor muitas das músicas cantadas, mas a emoção de ouvi-las naquelas vozes perfeitas e com a grandeza de uma orquestra era indescritível. Estava tão concentrada no que acontecia no palco que não prestou atenção aos sussurros atrás dela.

Brad tocou em seu ombro e avisou-a que um criado o esperava do lado de fora. Uma emergência parecia ter ocorrido e ele teria de descer. Ao final do primeiro ato, apressaram-se para fora do camarote. Nick e Eileen foram com eles, também preocupados. O homem esperava por Brad ao lado da porta lateral, usando a roupa mais suja que Abby já tinha visto.

— Sinto muito lorde Lynbrook, mas o senhor precisa vir rápido. Ó armazém velho está em chamas e eles têm medo que o fogo se espalhe e chegue ao novo. Temos de nos apressar!

Abby estremeceu ao ouvir as palavras do homem. Sempre que o fogo tomava conta de uma construção, o resultado era a destruição total dos arredores.



Brad voltou-se para ela:

— Preciso ir. — E, batendo no ombro de Nick, acrescentou, apressado:

— Deixe-as em casa, está bem?

Nick assentiu e Brad não olhou para trás.

— Não precisamos ir ainda — disse Nick, tentando manter um clima de tranquilidade. — Podemos esperar o final do espetáculo.

— Por favor, prefiro ir para casa — pediu Abby, sem tirar os olhos da porta por onde Brad havia saído.

— Milady, não se preocupe. St. James ficará bem, não corre perigo algum.

— Por favor, podemos ir?

Nick assentiu e conduziu Abby e Eileen pelo saguão do teatro. Já estavam na carruagem quando Abby lembrou-se de seu manto.

— Oh, não, deixei meu manto no camarote!

— Vou buscá-lo — Nick se prontificou, pulando da carruagem e parando um momento para explicar ao cocheiro.

Poucos minutos depois, Nick subiu na carruagem, sem nada nas mãos.

— Sinto muito, mas o manto não estava lá.

— Oh... Bem, obrigada de qualquer forma — murmurou Abby.

Estava certa de que deixara o manto em sua poltrona. Não sabia que iriam partir e por isso não o pegara quando desceram. Com certeza alguém o tinha roubado, mas em tão curto espaço de tempo?

Olhou para Nick e Eileen, que conversavam algo em voz baixa. Era fácil perceber a admiração e a amizade que nutriam um pelo outro. Será que algum dia conversaria normalmente com Brad? Abby deu um suspiro frustrado. Queria tanto ter ficado com ele naquela noite... Será que ele estava bem?

Finalmente chegaram à casa de Berkeley Square e Abby foi para seu quarto, sozinha e preocupada. Tinha o coração apertado e sabia que não conseguiria dormir. Não até ter certeza de que Brad estava bem e de que o incêndio estava controlado.

Sentou-se em uma poltrona próxima à janela, e por várias vezes cochilou, acordando assustada. A casa estava mergulhada no silêncio e na escuridão, e ela estava apreensiva.

Já era de madrugada quando Abby finalmente ouviu o barulho da carruagem de Brad. Ao ouvir os passos dele subindo a escada, correu para abrir a porta. Brad estava exausto, todo sujo e coberto de fuligem.

— Alguém se feriu? — Abby perguntou, aliviada ao ver que ele estava intacto.

— Não seriamente. Dois homens tiveram algumas queimaduras, mas nada mais sério. — Ele suspirou.



— Alan foi um deles, o que mais se machucou. Queimou as mãos tentando salvar alguns livros. O armazém velho está totalmente perdido, mas os homens salvaram o novo e os escritórios.

— Eu sinto tanto...

— Poderia ter sido bem pior. O armazém velho estava praticamente vazio. A maior parte das mercadorias que haviam chegado estavam no novo. Mas o fogo foi intencional. Dois dos homens viram quem começou tudo.

— Conseguiram prender a pessoa?

— Não. Escapou.

Abby percebeu o tom frustrado de Brad. Falar-lhe sobre o manto naquele momento seria absolutamente supérfluo.

— Vou lhe preparar um banho quente — ofereceu. — Gostaria de comer algo? Você não jantou.

Brad deu um meio sorriso.

— A não ser que tenha comido quando chegou em casa, você também não jantou.

— O visconde foi para lá? — Abby perguntou. Era a única forma de Brad saber que não haviam saído para jantar.

Brad assentiu.

— Ele foi ajudar. Não se preocupe. Tudo que eu preciso é de um banho. Abby encontrou Bodkins próximo à porta da entrada. Ele já havia sido avisado sobre o que acontecera. Explicou-lhe o que era preciso e voltou para o quarto de Brad.

— Algo mais que eu possa fazer? — perguntou, aflita por se sentir tão inútil.

Brad olhou para ela por algum tempo.

— Pode ir ao escritório amanhã? Parece que o patife queria destruir os livros de controle das mercadorias, usou-os para atizar as chamas, muitas de minhas anotações. Tenho a fatura das contas e as notas fiscais, mas tudo terá que de ser reorganizado e copiado. Alan não vai poder usar as mãos por algum tempo. Se você não se importar em me ajudar...

Abby abriu um largo sorriso.

— Claro que posso fazer isso. Estarei lá amanhã.

— Ótimo. Assim ficarei livre para fazer um inventário completo das mercadorias. Quero ter certeza de que nada mais está faltando.

— Acha que foi roubado também?

Brad fez um gesto afirmativo com a cabeça, e Abby sentiu que ele estava muito cansado para dizer mais alguma coisa. Deu um passo atrás, em direção à porta.



— Tenha uma boa noite. Descanse. De novo, ele apenas assentiu.

— Obrigado.

Abby sentiu-se condoída. Seu marido trabalhava duro, enquanto a maioria dos homens de sua posição gastava o tempo com jogos de cartas, bebidas e outras frivolidades. Tinha mais uma razão para admirá-lo.

Deitou-se, os pensamentos focados no homem que agora sabia amar. Faria tudo que pudesse para ajudá-lo. Como não conseguiu levantar-se cedo em função da noite passada em claro, Abby resolveu ir para o escritório só depois de almoçar. Era perto de uma hora da tarde quando ela e Eileen subiram na carruagem para ir ao escritório da companhia de navegação de seu marido.

— Podemos vir quantos dias forem necessários... — disse a Eileen, quando o cocheiro abriu para elas a porta do escritório.

Brad não estava lá, mas havia uma pilha de papéis em cima da mesa, com um bilhete ao lado. Suas instruções eram claras:

Copie cada uma dessas notas sem alterá-las. Obrigado.

Abby pegou a primeira delas, e outra, e mais outra. As notas haviam sido escritas por diferentes pessoas e muitas delas haviam sido riscadas e corrigidas. Vários números pareciam ter sido trocados, e por alguém que tinha uma letra grande e colocava bastante força na escrita. Abby achou estranho. Já havia visto a caligrafia perfeita de Alan e a letra delgada de Brad. Pegou a nota com as instruções e comparou. Outra pessoa havia corrigido as notas que ela e Eileen iriam copiar nos livros. Precisava lembrar-se de comentar aquilo com Brad. Será que cada um dos capitães tirava as notas para as mercadorias de seu navio? Bem, isso não importava. Brad havia sido claro quanto ao que deveria ser feito. Abby tirou o gorro e as luvas e começou a trabalhar.

Quase duas horas depois, espreguiçou-se na cadeira. Os efeitos da noite passada em claro se faziam sentir.

— Eileen, estou muito cansada, minha vista está embaralhada.

— Vamos interromper por hoje, então. — disse Eileen, com seu senso prático. — Podemos terminar amanhã.

Abby fez um gesto de concordância com a cabeça, soltando em seguida um longo bocejo.

— Mas vou deixar um recado para Brad dizendo o que conseguimos fazer hoje, e avisando que voltaremos amanhã. — Sentia-o exausta.

— Vou dormir um pouco logo que chegarmos.

— Não dormiu esta noite? — Eileen perguntou.

— Só consegui dormir depois que Brad chegou. — Abby se aproximou de Eileen e sussurrou: — O incêndio não foi acidental, foi criminoso. E



eles sabem quem é o culpado.

— Quem é?

— Brad não disse, mas ele conhece o homem.

Abby pressionou o mata-borrão sobre seu bilhete e levantou-se.

— Vamos para casa. Estou ficando zozza.

Logo estavam a caminho. Abby fechou os olhos e recostou a cabeça no banco almofadado da carruagem. Queria estar acordada quando Brad chegasse, mas não conseguia manter os olhos abertos. Teria de tirar um cochilo quando chegassem em casa.

Ela terminou por dormir o resto da tarde. Quando acordou, já passava muito da hora do jantar e Brad ainda não chegara. Convidou Eileen para jantarem juntas na saleta de estar contígua aos quartos, e ambas se recolheram cedo.

O sono não demorou a chegar para Abby naquela noite, apesar do cochilo. Não viu a que horas Brad chegou. Quando se levantou na manhã seguinte, eleja tinha saído para o armazém. Ao lado da louça de seu café da manhã, Abby encontrou uma outra caixinha de veludo, dessa vez com um broche. A figura de um navio estava desenhada em safira e pequenos diamantes simulavam ondas do mar. Era lindo! Pena que Brad já tivesse saído, pois gostaria de lhe agradecer adequadamente.

O dia estava muito frio e ela foi até a varanda aproveitar um pouco do sol da manhã. Conversava com Eileen quando viu que a carruagem de Brad retornava e ele descia dela como um furacão, andando com passos rápidos e tensos.

— Brad. — Abby levantou-se de um salto. — O que aconteceu? Brad olhou fixamente para ela, sem nada dizer. Ela parecia tão inocente, em um vestido azul-pálido que combinava com seus olhos... Sua vontade era de chacoalhá-la até que admitisse a razão por que havia alterado os números das notas fiscais que ele deixara para que passasse no livro. Em vez disso, ignorou-a e voltou-se para Eileen: — Senhorita, gostaria de lhe falar a sós. Eileen olhou para Abby e de novo para ele.

— Pois não, milorde.

— Fique aí — ele ordenou a Abby, enquanto conduzia Eileen para dentro de casa.

Esperou vê-la sentar-se e fechou a porta. Queria gritar "por quê?", mas primeiro tinha de descobrir o que Eileen sabia. Levou a moça até o escritório, bateu a porta com força, deu a volta por trás da escrivaninha e sentou-se, deixando-a em pé.



Encarou-a enquanto tirava os papéis do centro da mesa. Tinha perfeita noção do quanto suas ações a intimidavam.

— Fale sobre como chegaram ao meu escritório ontem.

— O que deseja saber, mi... Brad a interrompeu bruscamente.

— Não. Me conte como foi *antes* de chegarem ao escritório. Fale-me sobre todo o dia. A que horas você se levantou? A que horas Abby se levantou?

— Eu me levantei no horário de sempre, às seis horas. Depois que tomei meu café da manhã, fui ao quarto da con-dessa, que ainda dormia. Fui ao meu quarto, escrevi algumas cartas pessoais, saí do quarto e pedi que fossem enviadas.

— Foi ver minha esposa de novo?

— Não, milorde. Só a vi perto das onze horas. Ela havia acordado pouco tempo antes, tomou banho e se vestiu com a ajuda de Grace.

— Ela lhe disse que tinha acabado de acordar? Eileen pareceu confusa com a pergunta.

— Sim. Ela me disse que tinha acordado um pouco antes.

— E depois, ela trabalhou apenas duas horas antes de ficar cansada demais para continuar?

— Isso mesmo. Milorde, o que aconteceu? Brad ignorou a pergunta.

— Você esteve com Abby o tempo todo no escritório ou ela ficou sozinha?

— Fomos juntas, ela leu seu recado, e trabalhamos juntas nas notas fiscais.

— E saíram juntas?

— Sim, milorde. Como disse, trabalhamos por cerca de duas horas, e então Abby disse que estava cansada, que sua vista estava embaralhando, e nós saímos.

— Obrigado. — Brad se levantou. Eileen não sabia o que tinha acontecido. — Pode pedir à minha esposa que venha até aqui?

— Sim, milorde.

Eileen ainda parecia confusa, mas assentiu com a cabeça (i saiu.

Minutos depois, Abby bateu na porta e entrou.

— Eileen disse que queria me ver.

— Sim, quero falar com você sobre o trabalho que fez ontem. A que horas acordou?

Abby parecia embaraçada. Ou estaria se sentindo culpada?

— Perto de onze horas. Mal tive tempo para um banho rápido antes do almoço. Sinto muito. Não costumo dormir até tão tarde.

— E então, depois que você e Eileen almoçaram, foram para o escritório. Juntas?



— Brad, o que houve de errado? Fomos para o escritório, copiamos cerca de metade das notas e voltamos para casa, e, antes que pergunte, fomos juntas e voltamos juntas.

— Obrigado. Isso é tudo.

— Não vai me dizer o que houve?

— Não. — Brad se levantou bruscamente e fitou-a nos olhos. — Pode ir.

Abby retribuiu o olhar furioso.

— Não vou sair daqui enquanto não me disser o que houve.

Brad cerrou os dentes. O problema fora descoberto e remediado.

Felizmente, Alan não estava tão mal quanto pensou que estivesse.

Voltara ao trabalho, logo percebera o problema e correra a contar a Brad o que descobrira.

— Alan viu o que você copiou. Abby, por que alterou os números?

— Alterei os números?

— A maioria dos números que você copiou estavam alterados.

— Não mudei uma vírgula, suas instruções foram claras e eu fiz o que pediu. Copiei o que estava escrito nas notas para o livro. Se os números estavam alterados, outra pessoa fez isso.

— Fui eu que separei as notas. Fui eu que as coloquei em cima da mesa, escrevi o bilhete para você e o coloquei em cima do livro.

— E eu encontrei o bilhete ao lado do livro e fiz exatamente como me pediu.

— Como é? — Brad ficou alerta. — Onde disse que encontrou o bilhete?

— Estava ao lado do livro.

— Eu coloquei a pilha de notas na mesa, coloquei o livro em cima para segurá-las e depois deixei o bilhete em cima do livro.

Abby balançou a cabeça. Estaria tão cansada que não se lembrava de como os papéis haviam sido deixados?

Brad precisava conversar com Eileen novamente, antes que as duas tivessem chance de se encontrar. Era muita coincidência. Tudo havia começado depois da chegada de Abby, tudo acontecia quando ela estava por perto. Precisava descobrir o que havia de errado com aquela americana.

— Fique aqui — ordenou, ríspido, e saiu apressado da sala, sem dar tempo a Abby de dizer que percebera que as notas haviam sido corrigidas.

Infelizmente, Eileen não se lembrava de como haviam encontrado a pilha de notas. Poderia alguém ter entrado no escritório e alterado as notas antes que elas tivessem chegado? Em tão pouco tempo?



Abby não estava por trás daqueles roubos? E se não fosse ela, quem seria? E por quê?

O homem que ateara fogo no armazém desaparecera. Seus homens haviam procurado por ele em todos os lugares possíveis nos últimos dois dias. Se o patife tivesse se aproximado do escritório, algum de seus empregados teria visto. Não. Ele não podia acreditar que alguém houvesse ultrapassado sua guarda. Outra pessoa alterara aqueles dados, e fora uma pessoa conhecida de todos.

Enraivecido, Brad saiu de casa sem voltar a falar com Abby.

— Tom, vou caminhar um pouco. Me espere, por favor — ele falou ao cocheiro.

Não tinha nenhuma paciência para ficar sentado naquele banco enquanto seu mundo parecia se desorganizar. Foi descendo as ruas a passos largos. Sua mente fervilhava, tentando encontrar algum sentido em tudo que sabia sobre os últimos acontecimentos. Não encontrava respostas, e isso o deixava furioso.

O que faria em relação a Abby? A imagem dela não saía de sua mente. Ficara confusa quando ele começara a fazer perguntas. Podia muito bem ser a culpada. Podia ter alterado as notas para encobrir os roubos que fazia em conluio com um parceiro. A oportunidade que lhe dera não poderia ser melhor. \<) ele não teria descoberto nada se o estado de Alan fosse pior v ele e não tivesse conferido as anotações.

Lembrou-se da carruagem e do vestido rasgado. Nunca entendera aquilo. Suspirando frustrado, ele voltou à carruagem i' completou seu caminho para o escritório.

Já estava escuro quando Brad resolveu ir para casa. As docas não eram um lugar seguro à noite, mas ele deu pouca importância à sua própria segurança. Afinal, tinha três homens a esperá-lo, e a carruagem, a cem metros dali, na rua.

Trancando a porta, acenou para o vigia que contratara depois do incêndio e começou a descer a rua. Atraído pela luz de uma das tabernas, divisou uma mulher coberta por um xale. Continuou seguindo em direção à carruagem e reparou que, na verdade, ela usava um manto, muito fino... e muito semelhante ao que ele dera a Abby. As mulheres que andavam por ali não usariam uma peça tão fina, a menos que fosse roubada.

Ele se virou para trás e olhou para a porta por onde a mulher havia entrado. De repente, ouviu um estampido seco de pistola, e no mesmo momento uma dor aguda queimou seu braço esquerdo. Viu que a manga de seu casaco estava tingida de vermelho e toda a região ardia como se estivesse em carne viva.



Muitas pessoas se aproximavam rapidamente dele e terminaram por impedi-lo de voltar a ver a mulher, que instantes depois já desaparecera. Brad chegou a atravessar a rua, mas não a viu mais. Perto de onde ela estivera, um pequeno volume no chão, que a escuridão não o deixava identificar, chamou-lhe a atenção. Parecia tecido, e brilhava.

— Senhor, está ferido? — o primeiro homem gritou ao se aproximar de Brad.

— Vou sobreviver, Bob. Pegue para mim aquilo que está no chão — pediu, apontando para o volume. O cocheiro havia feito com que os cavalos parassem a seu lado.

— Milorde, o que aconteceu? Está ferido?

— Tom, pegue o que Bob está trazendo e me leve para casa.

Brad subiu na carruagem e sentou-se. Envolveu com o lenço o braço ferido. Alguém tinha atirado nele. Alguém queria vê-lo morto. Por Deus, por quê?!

A porta da carruagem se abriu e Tom lhe entregou o que Bob havia lhe dado. Brad segurou o veludo nas mãos, o coração apertado.

Como, por Deus, o manto de sua esposa havia ido parar ali? Era ela a mulher que ele avistara e que atirara nele? Teria dado o manto a alguém?

A quem? E por que ela parecia estar sempre envolvida naquelas armadilhas?

Sentado na carruagem, Brad segurava o manto de veludo nas mãos, frustrado e confuso. Seu braço queimava, mas a dor em seu coração era muito maior. Não podia acreditar que Abby estivesse envolvida em nada daquilo. Mas quem mais teria motivos para querer vê-lo morto? Era esse ponto que o incomodava. Tinha inimigos, todos os negociantes tinham, mas não podia se lembrar de alguém que o odiasse o suficiente para ser capaz daquele tipo de ataque. E, com a cabeça mais fria, não podia, não iria acreditar que Abby houvesse disparado aquela arma. Enrolou o manto e o deixou no banco em frente. Devia haver uma razão para que o manto tivesse ido parar nas mãos de um assassino.

Pouco tempo depois, a carruagem parou em frente à sua casa e Brad desceu. Estava se sentindo zozinho e lembrou-se que ainda não havia comido nada.

Bodkins abriu a porta, e com a agilidade que Brad tanto apreciava, percebeu a situação e perguntou:

— Milorde, precisa de um médico?

— Não, não foi nada sério. Só preciso que uma mensagem seja enviada, e algo para comer também ajudaria.



Deixou que Bodkins assumisse o controle, e logo estava limpo, vestido e com um curativo bem-feito no braço. Enquanto esperava por sua refeição, escreveu uma mensagem a um amigo e mandou que fosse enviada. A criada lhe trouxe pães e queijos sortidos, um prato de sopa e fatias de cordeiro assado. E não se esqueceu do vinho. Tudo ficaria bem.

— Milorde, deseja mais alguma coisa? — perguntou Bodkins, quando Brad terminou de comer.

— Quero ver minha esposa. E Bodkins... ela não deve saber o que aconteceu.

— Sim, milorde — o criado respondeu e fez uma mesura. Enquanto esperava por Abby, Brad embrulhou o manto e o escondeu atrás de sua cadeira. Não importava aquilo em que queria acreditar, precisava investigar se Abby tinha alguma ligação com os incidentes que vinham ocorrendo.

Ela já devia ter se recolhido, porque demorou algum tempo até ele ouvir uma batida suave na porta.

— Entre — ordenou.

Abby entrou no escritório e olhou para Brad. A expressão dele estava um pouco mais branda do que quando voltara antes, alterado. Naquele momento parecia cansado, abatido, e Abby

se perguntava por que ainda a olhava com ar de desconfiança. Ainda não tinha percebido que ela não alterara aquelas notas?

— Me desculpe pela demora — murmurou ela. — Eu estava dormindo e Bodkins teve de chamar Grace, que também estava dormindo, ela teve de se vestir e...

— Está bem, Abby — Brad a interrompeu. — Preciso lhe fazer uma pergunta sobre a noite da ópera. Depois que eu saí do teatro, vocês vieram embora imediatamente?

Ela respirou fundo.

— Não. O visconde teve de voltar até o camarote, porque, na confusão, esqueci meu manto. Mas ele não o encontrou.

Abby viu primeiro confusão, depois alívio, e então dúvida nos olhos de Brad.

— Não encontrou?

— Não. Já não estava lá.

Brad a olhava fixamente. Será que não acreditava que estivesse dizendo a verdade?



— Eu fiquei muito desgostosa por tê-lo perdido, Brad... Brad fez um gesto de pouco caso com a mão, encerrando o assunto. Abby notou as olheiras escuras ao redor dos olhos dele, e sentiu pena.

— Conseguiram encontrar o homem que provocou o incêndio? — ela indagou.

— Não. Ele parece ter sumido da face da Terra.

Abby suspirou, aliviada, ao constatar que Brad não estava zangado com ela por ter perdido o manto. O motivo de seu tormento, com certeza, era o incêndio no armazém.

— Eu lamento... Bem... Boa noite — disse em voz baixa, e deixou a sala. Brad se jogou na poltrona. Aquela mulher ainda o deixaria louco! Por que diabos fizera aquela cara de alívio quando ele dissera que o criminoso tinha escapado? Tinha de descobrir, a todo custo, se Abby estava, de alguma forma, ligada àquele homem.

— Foi como eu lhe disse. Quando ela percebeu que tinha esquecido o manto no camarote, eu voltei para buscá-lo, mas não estava mais lá. Você não está imaginando que ela tenha algo a ver com esse ataque, está? — Nick perguntou.

Brad lhe enviara uma mensagem e Nick tinha chegado ao escritório logo cedo. Havia lhe contado sobre o disparo da noite anterior e sobre o manto que o criminoso usava. Depois lhe perguntara sobre o manto de Abby.

Nick deu um suspiro profundo.

— Brad, sua imaginação está indo longe demais! Se tivesse visto como a condessa ficou depois que você saiu, a preocupação dela! Ela jamais lhe faria algum mal. Não percebe que olha para você com estrelas nos olhos?

Brad esfregou os olhos.

— Eu tenho tentado me convencer disso. Mas alguém quer me ver morto, entende? E tudo começou depois que ela chegou.

Nick se levantou e começou a andar de um lado para outro.

— Não há como Abby estar envolvida nisso. Brad, acho que está deixando de ver alguma coisa. Obviamente alguém quer matá-lo, isso está claro. E você já pensou o que essa pessoa pode fazer se não conseguir pegar você? — Nick parou em frente à mesa de Brad e inclinou-se na direção dele. — Ele pode tentar atingi-lo através dela. Acho que Abby não está segura em Londres. Talvez seja melhor você levá-la a Gray Lands e insistir para que fique lá.

Brad estava desconcertado. Não tinha pensado, nem por um instante, na segurança de Abby. Lembrou-se de Eileen.

— Se ela for, Eileen irá com ela.



Nick gemeu e Brad teve vontade de sorrir. Era muito bom que Nick tivesse encontrado o amor.

— Vou pensar nisso, Nick. Vou pensar.

O amigo se despediu e combinaram de se rever aquela noite no clube. Brad pensou em Abby. Tudo que queria era tê-la em seus braços, como naquela noite. Ainda não acreditava em como se sentira com Abby, em como tudo com ela era diferente, especial.

Queria conversar com ela, ouvir sua voz, fazê-la admitir que se sentia atraída por ele, que o desejava. Num impulso, levantou-se e saiu.

Depois de uma curta viagem, estava em casa. Como sempre, Bodkins o esperava. Mas Abby não estava em casa. Ela e Eileen haviam saído para uma caminhada no parque.

Brad pensou em enviar alguém para chamá-las, mas desistiu. Ele próprio iria até o parque e as acompanharia de volta.

O ar fresco e uma pequena cavalgada iriam ajudá-lo a clarear a mente. Mandou que selassem seu cavalo favorito.

Trocou o casaco por uma camisa e calça de montaria, e desceu os degraus de dois em dois. O pensamento de aproveitar o que restava do dia com sua esposa fez seu sangue ferver. Claude, o homem encarregado dos estábulos da cidade, o encontrou ao pé da escada.

— Milorde, Charger não está. Eu fiz como o senhor mandou.

— Claude, do que está falando?

— Da carta que sua esposa me mandou, milorde, avisando que o senhor queria que eu mandasse Charger de volta a Gray Lands.

Brad sentiu-se congelar.

— Qual carta?

— Aquela que dizia que Charger devia ser entregue a Ian.

— Você ainda tem essa carta?

— Não, milorde. Entendi o que sua esposa pedia e joguei fora. Enviei Charger para Gray Lands com Harry, da cozinha.

— Harry sabe cavalgar?

— Um pouco, milorde, mas Charger gosta muito dele, ele é bom com cavalos. O senhor não queria que o cavalo fosse para Gray Lands? Não sabia da carta? — Claude baixou os olhos, angustiado. — Eu devia ter confirmado, achei mesmo estranho... Mas como o senhor estava atribulado com o incêndio e parecia tão cansado... Não quis incomodá-lo...

— Claude, eu não queria que Charger fosse mandado para Gray Lands, mas estava mesmo planejando ir para lá. Venho com ele quando voltar. Claude pareceu visivelmente aliviado e Brad o dispensou antes de entrar em seu escritório. Dessa vez em sua própria casa?



Uma carta de Abby, dizendo que ele ordenava que seu cavalo fosse mandado para Gray Lands? Nunca pedira nada disso. Que coisa absurda! Impossível.

E Abby teria escrito a tal carta? Alguém queria de toda forma que ele pensasse que sua esposa estava pronta a destruir seus negócios, matá-lo, tirá-lo de Londres, só podia ser isso. Ele se jogou na poltrona e tamborilou com os dedos no tampo da mesa. Começava a duvidar de sua própria sanidade.

A batida abrupta de Bodkins à porta o fez saltar na cadeira.

— Entre!

— Milorde, precisa vir ao estábulo imediatamente!

A preocupação de Bodkins era evidente e Brad não perdeu um segundo. O que teria acontecido dessa vez? E onde diabos Estava Abby?

Seguiu o criado para o estábulo onde geralmente ficava Charger.

Encontrou Harry deitado na palha, com um remendo sujo envolvendo sua cabeça, segurando um dos braços como se sentisse muita dor.

Claude estava a seu lado.

— Disse que um bando o pegou há poucos minutos — Claude explicou.

— Apanhou muito, milorde, mal pode falar. Tudo que conseguiu dizer foi que ela queria vender o cavalo.

— Harry? Harry, você está me ouvindo? — Brad ajoelhou-se ao lado do rapaz.

Harry tentou erguer a cabeça um pouco, a expressão turva de dor.

Claude tinha razão, ele havia apanhado muito.

— Quando se sentir melhor, pode me contar o que aconteceu.

— Levaram Charger, milorde. Eles o levaram de mim. Disseram que milady queria vendê-lo.

— Está tudo bem, Harry. Conversaremos depois. — Brad se levantou e disse a Bodkins: — Chame um médico para cuidar dele, depois mande alguém ao parque. Quero Abby em casa agora.

Brad entrou em casa como um furacão. O que estava acontecendo ali?

Alguém tinha ferido seu empregado e seu cavalo se fora. Lembrou-se da opinião de Nick de que o bandido poderia querer atingi-lo através de Abby. E ela não estava ali, estava desprotegida no parque. E todos os acontecimentos a envolviam... E a história da carta e de querer vender o cavalo...

Ele nunca se sentira tão confuso e frustrado em toda a sua vida! K não tinha idéia de por que tudo aquilo estava acontecendo.

— Mandou me chamar, Brad?

— Abby, vamos voltar a Gray Lands amanhã de manhã.



Diga aos empregados que arrumem suas coisas e as de Eileen. Abby ficou parada, boquiaberta e confusa. E então subitamente pareceu decidir.

— Não vou a lugar algum antes que me diga o que está acontecendo.

Brad deu um suspiro. Não estava com disposição para discutir.

— Apenas esteja com suas roupas arrumadas.

— Não, até que eu saiba qual é o problema!

— Moça, você não me confronte! — retrucou ele, enfurecido

— Eu tenho o direito de saber o que está acontecendo! Além disso, não podemos ir. Aceitei convites para almoçar com algumas das senhoras que conheci, e também tenho um compromisso social na quarta-feira à tarde. Eileen e eu começamos a planejar um jantar para daqui a uma ou duas semanas. Eu ia falar sobre isso com você hoje à noite.

Brad estremeceu. Tinha de colocá-la a salvo. Nick estava certo. Harry já tinha pagado o preço de sua incompetência, e ele não queria que Abby fosse a próxima.

— Não, Abby. Iremos para Gray Lands logo ao amanhecer. Abby colocou as mãos na cintura. Como aquele homem se atrevia a obrigá-la a vir para Londres, e depois, justamente quando ela começava a se adaptar e a fazer amizades, queria levá-la embora de Londres? Que tipo de esposa ele queria?

Ela abriu a boca para protestar, mas antes que dissesse alguma coisa, Brad deu um passo à frente e a tomou nos braços, calando-a com um beijo. Ela se inclinou para ele, enlaçou o pescoço dele com os braços e todos os pensamentos sobre Londres ou Gray Lands foram banidos de sua mente.

O desejo tornou impossível que algo existisse além de seu marido e do prazer que ele lhe trazia. Abby gemeu baixinho ao sentir a língua dele procurando o calor de sua boca. Seus dedos acariciavam-lhe os cabelos, a nuca, os ombros...

De repente ele a ergueu do chão. Caminhou com ela, que, sem se importar com onde estavam ou com quem os estivesse vendo, beijou seu pescoço, seus ombros, seu peito. Os suspiros de Brad a estimularam a passar suavemente a língua por dentro de sua orelha, a mordiscá-la com suavidade. Podia ver claramente o quanto ele gostava disso.

Brad apressou-se escada acima, e Abby ouviu o som da porta abrindo e fechando em seguida. Estremeceu de prazer. Seu marido ia fazer amor com ela novamente. Desejava isso com toda a força de seu coração, como toda a energia de seu ser.



Os lábios de Brad ainda estavam nos seus, quando ele a colocou de pé e fez com que deslizasse por seu corpo excitado até o chão. Abby se agarrou à camisa dele para manter o equilíbrio, certa de que suas próprias pernas não a sustentariam. Aproveitou para desabotoá-la e fazer com que terminasse jogada no chão. O peito nu de Brad a deixava extasiada.

Não havia nada mais gostoso do que correr as mãos entre os pêlos macios ou aconchegar seu rosto a eles. Colocou-se atrás dele e acariciou-o por muito tempo, contente porque ele parecia novamente relaxado, entregue às suas carícias. Seus seios locavam as costas dele, excitando-a mais e mais.

De repente Brad virou-se e foi sua vez de despi-la. Desabotoando vestido, combinação, e tudo mais que se colocava entre eles, Brad inclinou a cabeça para morder os seios, os mamilos, provocá-la com as mãos e fazê-la gemer.

Abby teve vontade de abraçá-lo fortemente e unir seu corpo ao dele. Com cuidado, indicou-lhe que queria deitar-se, ao que Brad respondeu prontamente. Deitados lado a lado, Abby pôde então abraçá-lo. Beijaram-se com paixão, e Brad só deixou sua boca para novamente sugar seus mamilos. Ela se arqueava contra ele, completamente envolvida pelo fogo que crescia em seu íntimo.

— Gosta disso, minha condessa... Pois vai gostar ainda mais... A promessa, feita na voz rouca de Brad, fez com que Abby sentisse fortes arrepios pelo corpo todo. Ela tremia de excitação. Brad deixou seus seios e começou a lhe acariciar o ventre, beijando, mordiscando, traçando trilhas de prazer em todo o corpo. Ele ultrapassou o triângulo acima de suas pernas e acariciou da mesma forma a parte interna de suas coxas, até os pés. E então, quando ela estava pronta a implorar, começou a fazer o caminho de volta, aproximando-se mais e mais do centro de sua feminilidade.

— Agora — Brad murmurou, massageando-a primeiro com os dedos e tocando-a em seguida com os lábios e com a língua.

Abby sentiu que todo o seu corpo se contraía com a excitação. Brad fazia com a boca movimentos rítmicos e extremamente suaves, que a levavam à loucura. Quando percebeu que ria se aproximava do ápice do prazer, posicionou-se e penetrou-a devagar, começando novamente a dança do amor que havia lhe ensinado na noite do baile.

O ardor que Abby sentiu logo cedeu ao prazer de tê-lo dentro de si.



Instintivamente, começou a mover os quadris e as pernas, acompanhando sem esforço o ritmo de Brad, arqueando o corpo de encontro ao dele, suplicando para que ele consumasse logo o ato de amor, desejando senti-lo inteiramente dentro de si.

E então, mais uma vez, ela sentiu a maravilhosa contração de prazer, mesclando seu gemido suave com o suspiro rouco de Brad, sentindo-se fundir a ele.

Sem abrir os olhos, aconchegou-se nos braços de Brad e adormeceu.

Brad também pegou no sono, e acordou surpreso, com Bodkins batendo na porta para perguntar sobre o jantar. Sem levantar da cama, ele disse ao criado que não iria jantar, e voltou a se enroscar em Abby. Fechando os olhos, deu-se conta que não fazia mais diferença se iriam para Gray Lands na manhã seguinte ou não, se estavam ou não seguros em Londres. Pela primeira vez em muito tempo, ele se sentia completo, satisfeito, relaxado.

Quando Brad voltou a acordar, o quarto estava mergulhado na escuridão. Ele olhou para o relógio e viu que já era de madrugada. Com seu movimento, Abby se virou e abraçou-o, o que fez com que o desejo voltasse a fisgá-lo. Ele a trouxe para bem junto de si, acordou-a com beijos e fez amor com ela novamente, devagar e gentilmente. O tempo deixara de existir e só o mar de sensações em que estavam mergulhados importava.

Quando os primeiros raios da manhã se infiltraram pelas cortinas, Abby se virou e Brad sentou-se na cama. Não dormia daquele jeito desde que era menino!

E... pobre Nick! Brad não dera nenhuma atenção ao encontro que haviam marcado na noite anterior. Tinha de mandar uma mensagem ao visconde. Ainda restavam negócios a resolver antes de partir, e tinha de pedir a Bodkins que arrumasse suas malas. Não havia como seguir para Gray Lands antes do dia seguinte.

Olhou para a mulher que ainda dormia e sorriu. Era certamente uma mulher apaixonada. Ainda sorrindo, beijou-a.

— Abby, acorde. Temos muito que fazer.

Ela se espreguiçou e ele admirou as curvas com que tinha se deliciado horas antes. A tentação de tomá-la nos braços e começar tudo de novo era tão forte que ele se levantou de um salto.

— Bodkins virá preparar meu banho. É melhor você ir para o seu quarto.

Sem dizer nada, Abby saltou da cama, pegou o vestido, colocou-o em frente ao corpo e correu para seu quarto. Brad se divertiu com o jeito dela. Tinha um quê de timidez e de graça que ele adorava.



Sem se importar com a própria nudez, foi até a porta que dava para o quarto dela e disse:

— Abby, diga a Grace que arrume suas coisas e peça a Eileen que arrume as dela.

Abby apareceu na porta, o lençol enrolado em seu corpo como uma múmia, o cenho franzido. Quando o viu nu, desviou o olhar para o chão.

— Brad, Eileen não poderá vir conosco. Ela e o visconde Nettleton...

— Ela fez uma pausa. — Eileen terá de ficar aqui.

— Nick irá conosco também. Assim os dois continuarão juntos. Abby sorriu e voltou para seu quarto. Brad sentia o coração leve, enternecido. Sua esposa estava preocupada com a amiga. Nada em seu modo de agir tinha qualquer ligação com as constantes ameaças que vinha sofrendo.

Não, Abby não seria capaz de machucar ou de prejudicar alguém. Mas Nick tinha razão, ela podia ser o próximo alvo. Ele precisava tirá-la de Londres.

Com Brad, Eileen e Nick, a viagem para Gray Lands foi bastante diferente do que havia sido da primeira vez que a fizera. Na verdade, Abby se divertiu imensamente. Nick e Brad as mantiveram entretidas durante boa parte do dia, descrevendo as trapalhadas em que haviam se metido quando mais jovens.

O único desapontamento de Abby foi dividir um quarto com Eileen, e não com Brad, quando pararam para descansar naquela noite. Mas logo se lembrou que as suítes principais de Gray Lands também tinham portas de conexão.

Os três dias passaram rapidamente e Abby ficou deliciada ao avistar os muros de pedra de Gray Lands. Brad já havia mandado um criado na frente, levando a notícia de que chegariam logo, e Hannah já tinha aperitivos leves e de bom gosto sobre a mesa quando chegaram.

Depois disso, os convidados foram acompanhados a seus aposentos, e Abby e Brad se retiraram para as suítes principais. Com conexões. Que não foram necessárias, porque Abby logo descobriu que Brad queria que passasse a noite toda a seu lado, em seus braços, recebendo suas atenções.

Foram dias de sonho. Conversavam, brincavam, se amavam, e todas as preocupações foram esquecidas. Mas depois de dez dias em Gray Lands, Brad chamou-a ao seu escritório.

— Tenho de voltar para Londres — anunciou.

Abby olhou fixamente para ele. Não! Ela se lembrou do incêndio e um arrepio percorreu sua espinha.

— Precisa mesmo partir? — perguntou num fio de voz.



— Sim. E Nick também. Tenho muito que fazer. Dois de meus navios chegarão às docas nas próximas duas semanas, e eu preciso supervisionar a reconstrução do armazém.

— Tomará cuidado?

Brad fez um gesto com a cabeça e ela se jogou em seus braços.

— Não quero que vá. Não quero que fique longe de mim.

— Mas eu preciso, Abby. Voltarei o mais rápido que puder.

Ela levantou a cabeça para beijá-lo e suspirou. Ele iria, levaria Nick com ele, e ela e Eileen seriam deixadas para trás. E ficariam na varanda daquela casa enorme na manhã seguinte, acenando para eles enquanto se afastavam.

— Bem, milady, o que podemos fazer? — Eileen perguntou, sua voz não tão animada como habitualmente.

Abby enxugou as lágrimas, que não haviam parado de correr.

— Estou aberta a sugestões. Eileen sorriu.

— Bem, podemos ir perturbar meu irmão. Afinal, Ian só tem a obrigação de cuidar dos cavalos.

Abby olhou para a amiga com os olhos brilhando.

— Sabe cavalgar? Será que posso aprender?

— Bem — Eileen disse, fingindo tédio —, essa é uma coisa que podemos fazer. Ian e eu podemos lhe ensinar a cavalgar. Vamos lá, vamos ver o que arranjamos para você vestir. Podemos começar as lições hoje mesmo.

Uma semana se passou e Abby teve aula todos os dias. Já no final do mês sentia-se segura montando a égua gentil que Ian escolhera para ela. Ele era um excelente professor. Transmitia-lhe confiança, ensinava-a a conversar com os animais, dizendo-lhes o que queria. Abby mal podia esperar pela chegada de Brad, para que pudessem cavalgar juntos.

Havia recebido várias mensagens dele, todas muito curtas e sem nenhuma menção de quando retornaria. No segundo mês, mal contendo sua excitação, Abby teve certeza de que teria algo mais a contar ao marido. Hannah confirmou suas suspeitas. Esperava um bebê!

Eileen sugeriu que ela escrevesse a Brad e contasse a novidade, mas queria dizer-lhe pessoalmente, observar sua reação, abraçá-lo.

— Não é algo que se possa contar por carta.

Eileen discordou, mas Abby insistiu que assim faria. Na mesma tarde, recebeu mais um recado de Brad, ainda sem notícias de quando voltaria.



Desapontada, não viu a segunda carta também endereçada a ela. Somente mais tarde, quando Eileen lhe mostrou o envelope, Abby reparou nele. Aquela caligrafia lhe parecia familiar. Rasgou o lacre e leu a carta.

A princípio, não pôde acreditar no que estava vendo. Leu mais uma vez, e mais uma. Finalmente, dobrou o papel e o colocou sobre a mesa.

Eileen aproximou-se para pegá-lo, mas Abby gritou.

— Não! — E amassou o papel, apertando-o contra o peito. Eileen ficou parada na frente dela.

— Abby, seu rosto está branco como cera. O que houve?

— Nada — ela respondeu, quase sem respirar. Levantou-se, o papel ainda grudado a seu peito. — Vou para meu quarto. Preciso descansar. Sentia-se semi-anestesiada. Quando se viu sozinha, abriu novamente a carta e leu as palavras que a haviam aterrorizado pouco antes.

Minha cara senhora, conheço seu segredo. Já que minha vida foi destruída, é a senhora quem deve me dar recursos suficientes para meu sustento. Se não fizer isso, seu marido vai ficar cabendo de toda a sua história. Sei que o conde de Lynbrook a presenteou com várias jóias. Ficarei satisfeito com elas, por hora. Embrulhe-as e envie ao hotel cujo endereço está impresso no rodapé desta folha. Previno-lhe que não faça nenhum comentário a respeito com ninguém, ou as jóias não acalmarão meus atos. Poderei ficar tentado a fazer mais do que simples mente contar ao conde a sua história.

Não havia assinatura. Havia um nome e o endereço de um hotel no final do bilhete. Abby não conseguia mais fixar as letras no papel, porque chorava copiosamente. Não podia permitir que Brad ficasse sabendo de seu segredo, pensou, soluçando. Ele com certeza a afastaria. E ela sabia que já não poderia viver sem Bradford St. James.

CAPÍTULO VI

Abby sentia-se doente. Seu peito doía, o coração estava apertado.

Aquela ameaça a tirara totalmente de seu eixo.

Já não tinha mais nenhuma dúvida quanto à gravidez. Passava grande parte da manhã lutando contra um enjôo infernal. Eileen era muito atenciosa, mas não sabia de nada que realmente a ajudasse.

Não conseguia tirar do pensamento as exigências daquele patife.

Pensava em como ele poderia ter descoberto seu segredo, que quase sempre concluía que estava blefando. Mas como ter certeza? E como prever a reação de Brad ao descobrir a verdade?



Abby estava certa de que Brad sentia alguma coisa por ela, mesmo que não fosse amor. Sabia que gostava de fazer amor com ela, e tratava-a com consideração e cortesia. Tinha insistido para que Grace fosse com eles para o Norte, para que pudesse ter sua criada. Tinha uma mesada maior do que precisava e mais vestidos do que podia usar. Ele lhe dava quase tudo que seu coração desejava. Só não tinha sua presença. Por que não a queria com ele em Londres? Dissera que havia ficado assustado depois do incêndio criminoso, e que só teria confiança novamente quando apanhassem o culpado. Mas seria mesmo essa a razão?

Não podia conceber, principalmente agora que esperava um filho de Brad, que seu segredo significasse algo para de. Perguntava-se a todo instante se deveria simplesmente ignorar aquela ameaça. Não era a primeira vez que alguém tentava chantageá-la. O pai de Sally, na Filadélfia, havia tentado forçá-la a se tornar sua amante, antes que ela deixasse o país, e não havia obtido êxito. Por sorte, seu irmão a chamou da Inglaterra, mas, não fosse isso, Abby sabia que teria encontrado outras maneiras de sobreviver.

Sentia muita falta de Brad. Durante o dia, procurava diversas vezes as inúmeras janelas de Gray Lands, esperando avistá-lo no topo da colina. Passava grande parte de suas noites se revirando na cama, receosa de dormir e ter pesadelos. Em seus sonhos, Brad a segurava bem perto de si... Quase a beijava, quase fazia amor com ela, e ela acordava, febril, ofegante e atormentada. Queria seu marido, e o queria naquele momento.

Enquanto estava ainda indecisa quanto a ceder ou não ao chantagista, a criada veio lhe trazer uma nova carta. Percebendo que ela demorava a se decidir, o canalha reforçava sua ameaça, e dessa vez conseguiu deixá-la aterrorizada. Além de se dizer ciente de seu segredo, ele assumia a autoria de diversos atentados contra a vida de seu marido, que Abby nem mesmo suspeitava haverem existido. Falava de um vinho envenenado, da sabotagem na roda da carruagem, de um tiro no braço.

Você não sabe, mas tudo isso já aconteceu. Sou uma pessoa que prefere os atos às palavras, por isso não demore. Espero as jóias até amanhã. Depois parto para Londres. Minha pontaria pode ser bastante precisa quando eu quero.

Abby tremia e soluçava, desesperada. Precisava ver Brad, estar ao lado dele, garantir que estivesse bem. Não sabia o que fazer.



Percebera um curativo no braço dele, quando ainda estavam em Londres, mas Brad desconversara, explicando que era uma ferida simples que por alguma razão tinha inflamado. Precisava dar um jeito de descobrir se tudo que aquele homem dizia era verdade. Mas como? Se falasse a alguém das ameaças teria de quebrar a promessa que fizera à sua mãe. Isso era impossível.

No final da tarde recebeu uma nova mensagem de Brad. Nick viria visitá-las. Já estava em viagem e chegaria para o almoço do dia seguinte. Brad estaria ocupado com a chegada de novos navios e não poderia vir. Pedia que tivesse paciência e falasse a Nick sobre qualquer coisa de que necessitasse.

Infelizmente não era assim tão fácil, Abby refletiu. Não podia contar a Nick sobre o bebê e nem sobre aquelas horríveis ameaças. Mas poderia fazê-lo falar dos ataques que Brad sofrerá. Precisava fazer isso. Um pequeno truque talvez fosse necessário, mas ela arrancaria a verdade do amigo, de um jeito ou de outro.

Se tudo que aquele maldito dissesse fosse verdade, Abby não hesitaria em entregar-lhe as jóias. Não haveria mais em que pensar. Não podia permitir que ele fizesse qualquer coisa contra Brad, precisava protegê-lo.

Nicholas chegou já bem depois do almoço, e Abby não se agüentava mais de ansiedade. Seu prazo estava se esgotando. E ainda teve de esperar que ele almoçasse antes de pedir-lhe para acompanhá-la ao escritório.

— Visconde...

— Ora, Abby, me chame de Nick. Somos já bons amigos para continuarmos com essas formalidades.

Abby forçou-se a encontrar um sorriso em meio à aflição que sentia.

— Obrigada... Nick. Oh, me diga! Como está Brad? O que anda fazendo? Nick sorriu.

— Ele tem agido como um touro teimoso. Os homens que trabalham no armazém estão querendo distância dele. Pior: os que estão fazendo o telhado se recusaram a continuar se ele não os deixasse em paz. Ele foi duas vezes ao clube e saiu menos de cinco minutos depois. Tentamos voltar à ópera e ele teve de se controlar para só sair quando terminou o primeiro ato. E perdeu dinheiro no jogo de cartas. Abby, acredite-me, seu marido nunca perde dinheiro no jogo.

— Mas por que está acontecendo tudo isso? Ele não está bem? — Abby sentou-se na beira da cadeira, preocupada.

— Ele sente saudade de você, está inquieto, não se concentra — respondeu Nick gentilmente. E, como eu disse, é teimoso demais!



Disse que só vai sair de Londres quando concluir algumas tarefas, e não quer voltar atrás.

— Nick, o ferimento no braço... — Ela corou quando as sobrancelhas de Nick se arquearam. — Não está lhe trazendo problemas, está?

Ferimentos de bala infeccionam com muita facilidade, eu já vi quando menina pessoas morrendo de infecção.

Abby tentava falar rapidamente, como se o assunto fosse corriqueiro.

— Ele sente muita dor? Nick pareceu surpreso.

— Como você sabe que o ferimento foi causado por uma arma?

— Vejo esse tipo de ferimento desde que era menina — ela mentiu.

— Brad descobriu quem atirou? E quem sabotou a carruagem? Você acha que foi a mesma pessoa que fez tudo isso, Nick? Envenenou o vinho e tudo o mais?

Abby quase implorou para que ele não confirmasse aquilo.

— Não consigo saber. Parece que querem apenas assustá-lo, o veneno no vinho, por exemplo, foi suficiente para matar o gato, mas apenas o deixaria doente se ele tivesse bebido. Querem assustá-lo, mas ele já poderia ter morrido por essas loucuras!

Abby tremia tanto que mal podia disfarçar.

— Diga a ele para ter muito cuidado — pediu Abby, tentando não chorar.

Em seguida, pediu licença e se levantou abruptamente.

Não importava mais se Nick achasse seu comportamento estranho. Não agüentaria mesmo perguntar mais nada a ele. Tudo o que estava na carta realmente acontecera. Tinha de enviar as jóias o quanto antes. Lembrou-se da dor de Edith por Fiona. A pobre gatinha morrera por obra daquele patife!

Precisava ficar sozinha, refletir, pensar num jeito de convencer alguém a levar suas safiras a uma hospedaria a dez quilômetros de Gray Lands. Claro que não poderia ir sozinha. Teria de encontrar alguém que não lhe fizesse perguntas.

Muito longe dali, em Londres, Brad olhava para os papéis à sua frente. Mais uma vez o rosto de Abby surgia no lugar da página do livro onde ele deveria estar anotando mercadorias, datas, quantidades. Não era a primeira e nem seria a última vez que a saudade de sua esposa o atormentaria.

Como se não bastasse, o tempo todo lhe voltava também a imagem de seu pai fraco, envelhecido, consumido pelo vício. Naqueles dois últimos meses, Brad tinha revivido toda a melancolia de sua infância, todo o desgosto e raiva do pai por haver se entregado daquela forma à depressão.



Desde muito novo, prometera a si mesmo que nunca se apegaria a uma mulher como o pai fizera. Mesmo assim, não deixava de pensar em Abby nem por um instante, acordado ou dormindo. Não tivera mais uma noite de sono decente e nem cumpria adequadamente suas tarefas na empresa.

Não era difícil perceber que seus homens teriam trabalhado melhor se tivesse ficado no Norte. As atitudes que tomava só atrasavam as atividades.

Seus antigos planos para o casamento eram tudo, menos satisfatórios. Comprovou isso quando tentara ir à ópera com Nick na semana anterior. O primeiro ato não tinha acabado quando percebeu que não agüentaria ouvir mais uma nota. Havia saído correndo do teatro com Nick em seus calcanhares. Seu melhor amigo bem que tentara esconder o sorriso malicioso que tinha no rosto, mas Brad percebeu.

Pensando nisso, esmurrou o livro fechado. Por seu pai ou não, pelos problemas da companhia ou não, o fato era que Brad estava cansado de Londres, cansado de ir ao clube para que lhe perguntassem sobre a esposa, cansado de seus capitães perguntando sobre a saúde dela. Não fazia sentido continuar ali.

Podia jogar todos os planos que traçara no lixo. Precisava de Abby, e precisava dela naquele instante. Partiria na manhã seguinte. Iria para o Norte, para os braços de sua mulher.

Um pastor de gado de uma fazenda vizinha concordou em entregar o pequeno embrulho para Abby, a troco de algumas moedas que ela lhe daria quando voltasse. Estava se saindo bem em inventar histórias, mas daria tudo para não ter de fazer aquilo.

Pouco antes, quando pegara o colar de safiras, seu coração estava apertado. Fora a primeira jóia que Brad lhe dera e era a que ela mais estimava mais do que qualquer outra pedra.

Teve de fechar os olhos, respirar profundamente e lembrar-se de que o colar nada valeria sem Brad a seu lado. Juntou o broche ao colar e colocou tudo primeiro em um saquinho de veludo e depois em uma grossa bolsa de algodão cru.

Lutou contra as lágrimas ao entregar a bolsa ao jovem pastor. Passou-lhe as instruções necessárias e suspirou quando se afastou, rezando para que aquilo trouxesse alguma segurança a Brad.

Sabia, entretanto, que aquelas jóias não seriam suficientes. O canalha mencionara que sua vida fora destruída e que ela teria de lhe prover recursos. Do que estaria falando? Quem teria coragem para fazer tudo aquilo?



Era novamente tarde, e Abby surpreendentemente podia visualizar com clareza seu marido cavalgando pela estrada. Sabia que não podia ser verdade, ele não mandara avisar nada. Seu coração, seu corpo todo doía. Estava enjoada, precisava dos braços de Brad a envolvê-la.

Foi até a janela como de hábito e ficou atônita ao ver um cavaleiro solitário se aproximando da propriedade. Fixou o olhar até estar certa de não estar imaginando coisas. Quando foi possível ouvir o barulho, Abby já tinha arrastado a pesada porta de madeira da entrada e já descia os degraus da varanda, as lágrimas rolando sem cessar por seu rosto.

Brad desmontou e lhe deu um demorado beijo de boas-vindas.

Envolveu-a em seus braços enquanto ela se aconchegava, e beijou cada milímetro de seu rosto molhado.

— Não chore mais, minha condessa. Fique comigo...

Sem poder lhe obedecer, Abby soluçava. Brad tinha finalmente voltado para ela, são e salvo.

Entregaram o cavalo a Ian, e Brad a pegou no colo. Ela nem se lembrou de Nick ou de Eileen. Enquanto ele pedia que lhe preparassem um banho e subia a escada para a suíte, Abby apenas se aconchegava a seu peito. Depois de mais um longo beijo, Brad a soltou, e ela ajudou-o a se despir. Ele entrou na banheira e por um longo tempo ela apenas esfregou suas costas, em silêncio. Poder tocá-lo era tão magnífico que Abby desejou que o tempo parasse.

Tinha de contar-lhe sobre o bebê antes que se deitassem, porque senão ele descobriria sozinho. Seus seios estavam bem maiores e sua cintura menos delgada.

Abby saiu de sua posição e colocou-se na frente dele. Com um sorriso maroto, começou: —Tenho algo a lhe contar, . Ele apenas olhava para ela, atento.

— Estou esperando um bebê!

Abby não saberia descrever a expressão do rosto de Brad. Ele se levantou de imediato, derramando água para todo lado. Saiu da banheira e continuou a olhar para ela sem nada dizer, como se visse uma miragem e não pudesse crer.

Era verdade, já tinha percebido que ela estava diferente. Ele iria ter um bebê, seria pai.

— Desde quando? — perguntou ansioso. — Desde quando sabe disso?

— Há cerca de um mês...

— E não mandou me dizer?! Oh, Abby, eu teria vindo no mesmo instante!

— Está feliz?



— Estou maravilhado! — ele exclamou, e correu as mãos pela pequena saliência que se formava em sua barriga. — Para quando?

— Para a primavera. Final de março, começo de abril. Brad brincou:

— Foi na noite do baile?

— Provavelmente — ela respondeu. Na verdade, tinha certeza. Ele a abraçou carinhosamente. Depois se enxugou e tornou a pegá-la no colo, beijando-lhe os olhos, o rosto, o queixo e, finalmente, a boca. Abby esqueceu-se de Eileen, do jantar. Nem mesmo as ameaças daquele velhaco ocuparam espaço em sua mente, durante aquela longa noite de amor. Seu marido estava onde devia estar, em seus braços.

Na manhã seguinte Abby acordou em uma cama vazia. Teria apenas sonhado com Brad? Olhou em torno e, por sorte, UH roupas que ele tirara ainda estavam no mesmo lugar, senão teria gritado de desespero! Deixou a cama e correu ao seu quarto. Precisava se vestir, não queria perder um instante da companhia do marido.

Ele a esperava na sala de jantar, com um largo sorriso no rosto. Quando ela se aproximou ele acariciou sua barriga, mesmo com Eileen e Nick presentes. Ela ficou embaraçada, mas acalmou-se ao ver o sorriso radiante de Eileen. Seu filho era mesmo mais importante do que qualquer regra social. Brad indicou que se sentasse a seu lado para juntos tomarem o café da manhã. Quando lhe contaram que Abby aprendera a cavalgar, a preocupação tomou conta de seu rosto.

— Mas e o bebê? Não pode cavalgar nesse estado. Eileen sorriu.

— Se fosse assim, eu não teria nem um sobrinho, Brad.

— E apressou-se a falar do que as irmãs faziam durante a gravidez, para que ele se tranquilizasse.

— Só não é recomendável que ela caia do cavalo — observou Eileen.

— Com Emma não corro nenhum risco — garantiu Abby.

— Ian escolheu para mim a égua perfeita! Vamos dar um passeio mais tarde?

— Só se formos juntos, no meu cavalo — respondeu Brad.

— Nada disso! Vou cavalgar Emma, sozinha!

Brad não disse nada, porém mais tarde, naquele dia, tentou demovê-la da idéia.

— Apenas por ora. É muito perigoso — ele insistiu. — Você deve ter cuidado. Não sei o que eu faria se lhe acontecesse algo.

O coração de Abby ficou apertado. Era o mais perto que Brad chegara de dizer que a amava. Queria desesperadamente dizer-lhe como se sentia em relação a ele, mas não conseguia.

Brad e Nick estenderam sua viagem por mais quatro dias, mas depois disso tiveram de voltar.



Para Abby, aqueles foram dias mágicos e ela não se conformava em ter de se afastar novamente do marido.

— Logo estarei de volta. Deixarei tudo encaminhado em Londres para que possamos esperar com tranquilidade a chegada de nosso filho. Tenha mais um pouco de paciência...

Abby queria lhe dizer que tinha medo, que aquele homem ainda estava à solta, que algo poderia acontecer a ele. Mas não conseguiu, não podia se arriscar a revelar o segredo de sua mãe. Aquele canalha não tinha mais se manifestado. Levaria muito tempo para gastar o dinheiro que conseguiria por aquela jóia.

Brad estava extremamente mal-humorado no início da viagem.

Preocupava-se em deixar Abby e seu filho tão longe, queria ficar com ela. E se ela se sentisse mal em sua ausência? Não poderia demorar em Londres, precisava se organizar o quanto antes.

Percebendo o estado de espírito do amigo, Nick só falou de assuntos triviais nas primeiras horas, mas na tarde do segundo dia, sentiu que já não podia mais omitir o que ocorrera em Gray Lands.

— Quando cheguei a Gray Lands, Abby me fez algumas perguntas.

Brad sorriu. Podia imaginar as perguntas que ela fizera.

— Perguntou-me se o ferimento do tiro que você levou antes de ir para Gray Lands, ainda o incomodava.

Brad puxou as rédeas do cavalo e olhou diretamente para Nick.

— Ela falou em tiro? Nick assentiu.

— E isso não foi tudo. Perguntou também sobre o vinho e insistiu para que eu lhe dissesse se a roda quebrada da carruagem tinha sido acidente ou não.

— Então... — Brad disse.

— Eu achei estranho.

Brad fez com que o cavalo andasse lentamente por um instante e voltou-se para o amigo.

— Não diga mais nada a ela. Tenho certeza de que alguém em Gray Lands falou sobre o incidente da carruagem. Os criados gostam muito de Abby, não gostam de esconder-lhe nada. Mesmo sobre o veneno, o próprio Bodkins ou Edith podem ter dado com a língua nos dentes. E ela viu o curativo em meu braço antes de partirmos de Londres. Eu disse que era uma ferida antiga que tinha infeccionado, mas Abby é curiosa. Isso não deve tê-la satisfeito. Não é nada com que devamos nos preocupar. Tire isso da cabeça.

Brad estimulou o cavalo para frente, e eles passaram a conversar sobre as últimas fofocas londrinas. Estavam no final do último dia de viagem, quando Nick perguntou de repente:



— Brad, você sofreu mais algum ataque?

Atônito, Brad olhou para o amigo e então desviou o olhar. Desde que deixara Abby em Gray Lands nada mais acontecera a seus negócios ou a ele. Nada.

As dúvidas voltaram à sua mente e Brad amaldiçoou Nick. Tinha ficado extremamente feliz com as notícias que Abby lhe dera e não se lembrara daqueles incidentes enquanto estivera em Gray Lands.

Droga! Mais uma vez estava atormentado.

Passou o resto da viagem maldizendo Nick e duvidando de Abby. Era, de fato, estranho que nenhum ataque houvesse ocorrido na ausência dela. Mas, quem quer que fosse o responsável, mais de uma vez tentara comprometer sua esposa. O sujeito devia saber que ela não estava em Londres. Com certeza, para comprometê-la, teria de esperar até que ela voltasse.

Ou isso, ou fora Abby quem promovera todos aqueles incidentes. Os pensamentos ainda ocupavam sua mente quando chegaram a Berkeley Square. Brad estava com a pior dor de cabeça que já sentira na vida.

Mesmo depois de uma noite insone, ele teve de ir ao escritório. Ficou aliviado ao ver que, nos dias em que estivera longe, a reconstrução do armazém tinha progredido a ponto de seus homens já poderem transferir parte das mercadorias para lá.

Também teve uma reunião com o amigo que o estava ajudando a procurar o homem que incendiara o armazém. Harvey era um investigador aposentado e lhe oferecera seus préstimos. A investigação estava ainda incompleta, mas Brad ficou chocado ao ouvir que Harvey encontrara pistas do homem no Norte, não muito longe de Gray Lands. E que fazia algumas semanas ele estava novamente desaparecido.

Brad estremeceu. O que aquele salafrário estava fazendo perto de sua casa e de sua esposa? Ele não queria acreditar que Abby estivesse mesmo envolvida naquilo. Lembrou-se do tempo que passara ao lado dela, de sua felicidade ao contar-lhe que estava esperando um filho, da completa falta de egoísmo de seu amor. Não. Sua mulher não tinha nada a ver com aquilo.

Fazia já uma semana que estava em Londres quando o joalheiro que contratara para fazer as jóias de Abby foi lhe fazer uma visita.

— Lorde Lynbrook, sinto muito incomodá-lo, mas quando isto veio parar em minhas mãos, sabia que precisava falar consigo.

— Ridgeman, o que houve?

— Milorde, como lhe disse, isto veio para mim ontem à tarde.

— Colocou sobre a mesa uma caixinha cinza. — Achei que devia lhe mostrar.



Brad observou enquanto o homem manuseava a caixa e exibia o colar de safiras com que presenteara Abby.

— Pedi ao senhor que fizesse apenas um — disse receoso, antevendo o que viria a seguir.

— Eu o atendi, milorde. Veja aqui, na parte de trás. Esta é a minha marca. O senhor me pediu que fizesse apenas uma jóia e eu lhe asseguro que fiz somente esta. Alguém roubou esta peça.

— Ridgeman, onde a conseguiu?

— Um garoto levou-a ontem à minha joalheria, com um bilhete pedindo um certo valor pela jóia. Eu estava pronto para despachá-lo quando reconheci o colar. Ele voltará amanhã para buscar o dinheiro.

— Quanto ele pediu?

O joalheiro ficou com o rosto vermelho e murmurou. — Cento e cinquenta libras. Brad franziu o cenho.

— A pessoa que o roubou não faz idéia de seu valor, não é?

— Não, milorde. — O joalheiro parecia chocado.

— Quando é mesmo que o garoto voltará para buscar o dinheiro?

— Amanhã, senhor. Só não disse a que horas.

— Está bem. Vou lhe dizer o que quero que faça. Vou lhe dar o valor e um adicional pelo transtorno que isso vai lhe causar, mas quero um de meus homens em sua loja, antes mesmo que ela abra. Depois que você pagar, deixe apenas que meu homem siga o rapaz. Quero saber a quem ele vai entregar o dinheiro.

— Sim, senhor.

O joalheiro fez uma reverência e deixou Brad contemplando o colar. Tinha de haver uma explicação diferente daquela que lhe ocorria naquele momento. Ele voltou a embrulhar o cordão e guardou-o no bolso. No dia seguinte saberia quem levara a jóia.

Não podia ser Abby. Pelo amor de Deus, não podia ser Abby!

Brad mandou um bilhete para Harvey Prentice, o investigador, e o homem chegou em menos de vinte minutos. Brad explicou-lhe o que devia ser feito e o dispensou. Em seu coração, estava certo de que Abby não era responsável por aquilo. Ela não devia nem suspeitar que a jóia fora roubada, já que não tivera nenhuma ocasião para usá-la em Gray Lands.

Talvez houvesse mesmo deixado a jóia em Londres. A casa da cidade era mais acessível, seria muito mais difícil que alguém tivesse entrado na casa do Norte. Brad considerou seu raciocínio lógico, e, satisfeito, deixou o trabalho para encontrar Nick no clube.

Por volta de seis horas da manhã do dia seguinte, um dos marinheiros de Brad estava, a seu pedido, em um bar a pouca distância da joalheria.



Já era final de tarde quando o marinheiro voltou.

— Saí da loja há uma hora, lorde Lynbrook. Esperei, como me ordenou, que o sr. Prentice saísse atrás do garoto. Não tinha ninguém mais seguindo os dois.

— Obrigado, Sam — disse Brad, antes de mandar que ele voltasse ao navio. Sentou-se em sua poltrona e continuou a esperar.

Já passava da meia-noite quando resolveu desistir. Foi para casa e esperou a noite inteira, andando de um lado para outro do escritório. Caiu no sono pouco depois do amanhecer.

Bodkins o acordou às dez horas.

— Milorde, há um cavalheiro, Sr. Prentice, querendo lhe falar.

Brad se espreguiçou e olhou para o relógio na lareira.

— Peça-lhe que espere na sala. Já vou descer.

Saltou da cama com a certeza de que Prentice tinha o nome do homem que roubara o colar de Abby. Finalmente saberia quem era.

— Sinto muito, lorde Lynbrook. Nós o perdemos.

— Como? Onde?

— Ele saiu de Londres e foi em direção ao Norte. Parou em uma hospedaria na estrada e saiu pouco depois do amanhecer, continuando rumo ao Norte. Nós o perdemos pouco tempo depois. Desapareceu por entre uma trilha de árvores ao lado da estrada. Ainda tenho dois homens tentando descobrir alguma pista, mas, para ser franco, acho que não conseguirão.

Brad suspirou e agradeceu.

— Se descobrir alguma coisa, me informe imediatamente. Obrigado pelo favor.

O homem assentiu e Brad acrescentou:

— Se eu precisar de você de novo, entrarei em contato.

Depois que o homem partiu, ele mal continha sua raiva. O ladrão escapara de novo, bem embaixo do seu nariz! Troçava dele e isso o deixava furioso.

Na semana seguinte, Brad ainda continuou esperado por alguma notícia de Harvey Prentice, mas nada chegou. O criminoso havia conseguido o dinheiro que pedira e desaparecera com êxito. A fúria de Brad só aumentava. Estava planejando voltar a Gray Lands, quando Ridgeman, o joalheiro, pediu para lhe falar novamente. Dessa vez o homem trazia o broche que ele dera a Abby na noite do incêndio.

Brad quase explodiu de raiva. Conseguira controlar-se ao ver o colar, mas dessa vez disse palavras das quais até os marinheiros se envergonhariam.



Será que Abby estava usando as jóias para pagar o homem que o atacara? Pensava se o fogo no armazém estava mesmo ligado aos outros ataques. E se ela estava pagando alguém para lhe fazer mal, por que os incidentes haviam parado?

Só Abby poderia lhe dar a resposta. Isso significava seu retorno imediato a Gray Lands. Se ela estivesse usando as jóias para financiar a ruína dele, Brad reclamaria seu herdeiro e Carrington a teria de volta. Abby segurava mais uma carta nas mãos, a letra inconfundível fazendo com que seu coração disparasse de medo. Invasa pelo terror, ela olhava para as mãos, que tremiam, sem coragem de descobrir o que a mensagem continha.

Se ele pedisse mais dinheiro, teria de saber que ela não enviaria mais nada além do que já lhe dera. Jamais poderia lhe dar a esmeralda e os diamantes. Se o chantagista contasse a Brad seu segredo, era com aquela jóia que poderia financiar uma passagem de volta à Filadélfia para ela e para seu bebê.

Aquilo significava ignorar a mensagem que tinha em mãos. Mas de toda forma precisava saber seu conteúdo. Ela rompeu o selo e olhou para a caligrafia forçada das letras no papel.

Enchendo-se de coragem, começou a ler a mensagem. Sua visão foi aos poucos ficando borrada pelas lágrimas.

Recuse-se a me pagar e não terei alternativa a não ser enterrar precocemente seu marido. Claro que o farei saber com quem se casou antes de morrer. E saiba que há muito tempo planejo isso. Será considerada culpada por tudo o que ocorrer, já está tudo arranjado. Ou me paga, ou irá para trás das grades, acusada da morte de seu marido. Abby olhou para o papel, sem poder acreditar. Ele havia lhe contado o que fizera antes para que acreditasse que era realmente capaz de matar Brad. Que tipo de monstro escrevera aquela carta?

Depois de pensar alguns minutos decidiu que sua única alternativa era desaparecer. Se o patife não soubesse de seu paradeiro, não poderia extorquir-lhe e não teria interesse em prejudicar Brad. E se ela não estivesse mais na Inglaterra, não importaria mais que o marido soubesse de seu segredo.

Ou será que mesmo assim aquele monstro levaria a cabo sua ameaça e atentaria contra a vida de Brad? Não, ele estava apenas interessado no dinheiro. Em vez de enviar sua esmeralda e os diamantes, enviaria uma mensagem dizendo que partira e que ele não poderia mais ameaçá-la. Ela só podia rezar para que ele não pensasse em ferir um lorde da realeza apenas como vingança.



Torcendo para que sua lógica estivesse correta, Abby andava pelo seu quarto. Precisaria de ajuda para deixar Gray Lands. Mas de quem e como? Não havia ninguém em quem pudesse confiar.

Observou a pequena curva que se acentuava em sua barriga. Tinha de partir, pelo bem de Brad. Era a única forma de proteger seu marido. Tinha de encontrar um modo de partir para longe da Inglaterra e jamais ser encontrada novamente.

Foi nesse momento que Eileen bateu na porta e, embora Abby lhe pedisse para esperar, ela simplesmente entrou no quarto.

— Desculpe, Eileen, não estou me sentindo bem e queria ficar sozinha. Você se incomoda? — Abby disse com delicadeza, torcendo para que a amiga aceitasse sua desculpa e saísse.

— Sim, me incomoda. Não me importa o que esteja sentindo.

— Eileen se aproximou dela e apontou o dedo em sua direção. — Isso tem que parar. Recusa-se a fazer suas refeições comigo, lancha fora de casa e caminha por horas, e quando não sai, fica enclausurada neste quarto. Quero saber o que está errado e não vou sair daqui até que me diga.

— Eu... eu não posso — Abby sussurrou, apertando os lábios com força para conter as lágrimas.

Eileen alcançou uma das cadeiras que estava perto da janela e sentou-se.

— Então vou esperar até que possa.

— Eileen, sei que tem as melhores intenções, mas por favor, apenas me deixe sozinha.

— Não! — Eileen quase gritou, e ficou em pé de um salto. — Essa sua atitude é que vai deixá-la doente. Isso não é bom para o bebê. Vai me dizer, e vai me dizer hoje.

Abby balançou a cabeça e se voltou para a janela. Um soluço estava preso em sua garganta. Por mais que gostasse da amiga, não podia lhe revelar seu segredo. Nem a ela, nem a ninguém. E, a menos que o fizesse, nada daquilo faria o menor sentido.

— Bem — murmurou Eileen. — Parece que terei de escrever a seu marido e dizer-lhe que você está doente. — Ela escorregou de volta à sua cadeira. — Vou sugerir a ele que venha o mais rápido possível para Gray Lands, já que nenhum de nós consegue conversar com você.

Abby se virou rapidamente.

— Você não pode fazer isso!

— Oh, sim, posso e vou fazer, a não ser que me diga o que está errado. Abby, eu não sou tola. Tenho visto essas cartas endereçadas a você e sei que é por causa delas que está assim.



Agora me diga o que este escrito nelas e juntas pensaremos o que fazer.

— Vou apenas lhe dizer que preciso desaparecer daqui, ir embora, e que ninguém poderá me encontrar.

— Por Deus, Abby, por quê? — Eileen ficou desesperada.

— Eu não posso lhe dizer.

— As cartas. Me diga o que está havendo, alguém a está ameaçando?

— Eileen perguntou.

Abby olhou para a frente. Eileen jamais adivinharia o que estava acontecendo.

— Tem algo a ver com o conde?

Abby engoliu em seco e viu que Eileen levantou-se novamente, andou por um momento e então disse, ainda olhando para o tapete:

— Nessas cartas, alguém está ameaçando machucar seu marido? Sei o que houve com a carruagem e Ian me disse que ocorreram outros problemas em Londres. Pensei que você não soubesse.

— Eu não sabia, até que fiz o visconde confirmar as informações contidas nas cartas — confessou Abby e arrependeu-se em seguida. Não devia ter falado tanto.

— Está bem. Agora estamos nos aproximando. — Eileen recomeçou a andar. — Abby, o conde é um homem adulto. Ele pode se proteger.

— Ela olhou diretamente nos olhos de Abby e falou pausadamente:

— A única forma de esse homem ameaçá-la é se ele sabe de alguma coisa que você não quer que o conde saiba.

Eileen olhou para ela e Abby perguntou-se se ela tentava ler sua mente.

Abby também tinha certeza de que não havia dado nenhuma pista de seu segredo a ninguém.

— Já sei! — Eileen exclamou de repente. — Você não tem nenhuma relação com o conde Carrington.

Abby balançou vigorosamente a cabeça.

— Não! Harry Whitmore é mesmo meu irmão de sangue.

— Abby, não vou ficar aqui brincando de jogo de adivinha. Sei que estou perto, posso ver em seus olhos.

Eileen estava realmente perto da verdade e se havia alguém em quem ela podia confiar naquela casa, era naquela sua amiga.

Abby abriu seu armário e tirou as cartas de dentro de uma gaveta. Com relutância, estendeu-as a Eileen, que leu e releu as cartas.

— Qual é esse segredo a que ele se refere? Algo a ver com sua vida na América, não é?

— Ele sabe. — Abby respirou fundo e, em silêncio, implorou pelo perdão de sua mãe antes de confessar: — Minha mãe e o conde de Carrington nunca se casaram formalmente.



Quando minha mãe era jovem, na verdade uma menina, ela se casou com um caçador. Quando conheceu o conde, pensava que era viúva, que seu primeiro marido havia morrido nas mãos dos selvagens. Mas descobriu vários meses depois de sua cerimônia de casamento com o conde de Carrington, que o primeiro marido estava vivo. Na verdade, minha mãe me disse que seu primeiro marido tentou fazer com que ela comprasse seu silêncio. Eu não tenho a menor idéia de como o homem que escreveu estas cartas soube de tudo isso, mas na verdade, sou filha ilegítima e um conde não poderia jamais se casar com uma bastarda.

— Abby, o homem que escreveu estas cartas pode estar apenas blefando.

— Não. — Ela balançou a cabeça, enfática. — Tenho o pressentimento de que o primeiro marido de minha mãe vendeu esta informação para algum conhecido do homem que escreveu a carta, ou para ele próprio. Eileen leu as cartas mais uma vez e Abby viu quando seus olhos se encheram de lágrimas.

— Entende agora que tenho de partir? — murmurou. — Se esse homem não puder me achar, ele não terá como exigir nada e Brad estará a salvo.

— Oh, Abby, tem certeza? Por que não conta tudo ao conde? Ele a ama, não vai deixar que esse homem faça isso com você.

— Você não entende... Brad não me ama, foi forçado a se casar comigo porque pensou que eu era filha legítima do conde de Carrington. Quando descobrir que foi enganado, sei que vai me desprezar. Além disso, eu não posso contar nada a ele. Quando minha mãe estava morrendo, me fez jurar que nunca contaria a ninguém.

— Você contou para mim — disse Eileen com tranquilidade.

— Você estava já muito próxima com suas deduções — retrucou Abby, irritada. — Tenho de partir de Gray Lands. Preciso desaparecer. Me ajude, Eileen!

Eileen suspirou.

— Está bem. Vou ajudá-la. Mas apenas porque sei que, se não o fizer, você vai fazer alguma coisa que a colocará em risco, e ao bebê.

— Oh, obrigada! — Abby se levantou da cama. — Quero partir o quanto antes. — Foi até o armário e abriu sua valise.

— Não, deixe-a onde está. Levarei alguns dias para os preparativos. Vamos para a Irlanda, para a fazenda de minha família. Ninguém pensará em procurá-la lá.

Abby olhou para ela com os olhos arregalados.

— Você não irá comigo. Não deixará o visconde.



— Não deixarei é que vá sozinha. Claro que seu marido vai pôr as mãos nesse maníaco e então você poderá voltar Enquanto isso, ficará segura na Irlanda.

— Se você for comigo, sua família saberá e dirá ao conde Certamente não quero ninguém com raiva de você.

Eileen sorriu.

— Direi a Ian que vou à Irlanda para uma visita. Direi que preciso ver como estão nossos pais. Ele não vai lá há anos e sei que se sente culpado, por isso não conseguirá pensar em nada além do que eu disser.

— Tem certeza?

— Apenas esteja pronta para partir na sexta-feira pela manhã. Partiremos depois que Hannah sair para as compras Com ela fora o dia todo, ninguém suspeitará de nada. E guarde isso. — Ela estendeu as cartas de volta a Abby e se dirigiu para a porta.

— Sexta-feira então — Abby sussurrou quando Eileen saiu pela porta. Ela voltou a andar pelo quarto, sentindo o coração pesado de tanto sofrimento. Teria de partir. Não havia mais nada a fazer, mas como doía! Ela passou com cuidado as mãos pela barriga, conversando com o bebê.

— E a única coisa a fazer. Aquele homem não pode continuar me chantageando. Pelo menos seu pai estará em segurança. Depois que você nascer, viajaremos para a América, e eu conseguirei um emprego como professora. E então, quando você estiver um pouco maior, vou lhe contar sobre seu pai, sobre o quanto ele é maravilhoso e o quanto eu o amo.

As lágrimas corriam incessantemente sobre as faces de Abby e o nó em sua garganta lhe embargava a voz.

Na tarde seguinte, Eileen bateu novamente na porta do seu quarto.

— Eu disse a Ian que estou indo para casa. Ele disse que acha boa idéia eu ir antes que sua gravidez esteja mais avançada. Mas também disse que eu não devo me demorar. Todos os empregados parecem saber que há algo errado com você e estão preocupados. Ian contou que Grace disse a todos que você sente muita falta de seu marido, e eu comentei com Ian que não seria uma surpresa se você deixasse Gray Lands e fosse para Londres para encontrar seu marido.

— Ele acreditou em você? Eileen sorriu.

— Meu irmão nunca presta muita atenção ao que eu digo, a não ser que tenha algo a ver com os cavalos. Acho que ele só me ouvia com uma orelha. Quando descobrirem que você se foi, ele provavelmente se lembrará do que eu disse e tranquilizará os outros por algum tempo.



Abby tentou sorrir, mas seu coração só tinha tristeza.

— Mal posso esperar.

Eileen colocou uma mão no braço da amiga.

— Abby, tem certeza de que é isso que quer?

— É a única forma.

— E quanto àquele homem? Não recebeu mais nada?

— Já escrevi uma mensagem para ele. Ele não receberá minhas jóias e sim uma mensagem avisando-lhe que parti. Eu disse a ele que será acusado se algo acontecer a Brad, porque não estarei aqui para ser culpada.

— O que o conde vai pensar disso tudo? Você pensou nisso?

— Sim, é só no que tenho pensado. Também deixei uma carta para ele. Disse que estou morrendo de saudades da América, me sentindo enclausurada aqui sem nada para fazer. Disse-lhe que estou voltando para a América.

Abby não mencionou que escrevera também ao visconde de Nettleton, implorando-lhe que cuidasse de seu marido, mas que jamais mencionasse esse pedido.

— Você disse isso ao conde?! — Eileen gritou. Abby fez um gesto afirmativo.

— O correio de Londres é muito lento. Já teremos partido há dias quando ele receber essa carta. Bem, estou pronta. Está tudo em ordem para amanhã?

Eileen assentiu e desejou boa-noite a Abby. Na manhã seguinte, Abby e Eileen observavam juntas quando Hannah saiu para as compras.

— E melhor irmos — Abby murmurou. — Quero estar bem longe daqui quando alguém perceber que partimos.

— Eu já avisei Hannah que vou visitar meus pais. E já que você tem ficado distante de todos, eles levarão pelo menos até a noite para descobrir que você não está em casa. Mas não vamos perder tempo. Já tenho nosso transporte.

Abby estava assustada.

— O cocheiro não fará perguntas?

— Não. — Eileen sorriu. — Expliquei-lhe que você insistiu em me acompanhar. Depois que meu navio partir, você ficará na cidade fazendo compras. Já disse a ele que você está grávida e que não agüentaria outra viagem hoje mesmo. Por isso voltará amanhã.

— Você pensou em tudo, não foi? Realmente sinto muito por você e o visconde não poderem se ver por algum tempo.

— Abby — disse Eileen, muito séria. — Preciso mesmo de algum tempo longe de Nick. Eu... Eu fico fora de mim quando estamos juntos.



Preciso de um tempo para que nos acalmemos. Portanto, não se preocupe comigo.

Um garoto do estábulo apareceu para carregar a bagagem. Pareceu surpreso ao ver Abby, mas era muito educado para perguntar qualquer coisa. Ele as seguiu até a pequena cabana que Abby tinha visto quando chegara pela primeira vez a Gray Lands. Colocou as duas valises na carruagem e então elas partiram. Abby não reconheceu o cocheiro e também não entendeu o que dizia, pelo forte sotaque. Eileen conversou com ele tudo o que era necessário, e o homem pareceu ficar satisfeito com as explicações dela.

Depois que chegaram à doca, dispensaram o condutor e esperaram alguns minutos até embarcar. O navio zarpou ao cair da noite, e Abby ficou por muito tempo observando a Inglaterra desaparecer de vista. Prometera a si mesma que não choraria, mas seus olhos ficaram úmidos quando pensou em seu marido e no futuro que poderiam ter tido juntos. Felizmente para ela, Eileen parecia ter compreendido como se sentia, pois não puxou nenhuma conversa nas primeiras horas da viagem.

Bem mais tarde, fez um comentário sobre o tempo.

— Eu não acredito que estamos com esse tempo no fim de novembro. Geralmente só faço essa viagem nesta época do ano se tiver acontecido alguma emergência. O mar fica furioso, nem se vêem barcos de pesca. Começo a pensar que esta viagem tinha mesmo que acontecer.

Brad leu a carta de Abby sem acreditar em uma palavra do que estava escrito. O que a tinha levado a escrever tamanha bobagem? Havia algo muito errado, e não tinha nada a ver com aquele sentimento de estar se sentindo uma prisioneira. Abby amava Gray Lands, e havia dito isso muitas vezes enquanto cavalgavam pelos campos, quando ele estivera lá da última vez. Não, não havia uma palavra naquela carta que fosse verdadeira.

Brad juntou rapidamente algumas roupas e mandou aprontar a carruagem. Partiu para Gray Lands meia hora depois que a carta lhe chegou às mãos.

A viagem para o Norte era bastante quente naquela época do ano. Ele se lembrou das histórias contadas por seus capitães sobre viajar através do oceano no final da estação, e desesperadamente rezou para que Abby não tivesse tentado ir para a América.

Mais uma vez as dúvidas o assaltaram. Ela estava fugindo porque era culpada de alguma coisa? Cada dúvida trazia em si uma certeza de que ela não podia ser responsável por nenhum mal.



Brad até acreditava que ela o estimasse muito, que sentisse afeição por ele, talvez até amor. Ela com certeza não planejava nada contra o homem que amava. Com certeza, nada daquilo fazia sentido.

A cada quilômetro que vencia, se atormentava pelo manto, pelo alívio de Abby quando lhe dissera que haviam perdido o rastro do homem que ateara fogo no armazém, pelas jóias. Ele sempre voltava às jóias. Parou apenas uma vez para trocar os cavalos e se refrescar. Quando a noite caiu, acendeu as luzes da carruagem e seguiu em frente. Viajou a noite toda. Finalmente, depois de três dias de viagem, chegou a Gray Lands. Hannah veio encontrá-lo, os olhos inchados.

— Oh, milorde recebeu a mensagem. Ela não voltou milorde.

— Que mensagem? E o que quer dizer com "ela não voltou"?

— Eu lhe escrevi dizendo que milady havia partido e que Eileen também partiu.

— Partiu?

— Sim, milorde. Na última sexta feira, no mesmo dia que Eileen.

— Eileen foi com ela?

— Oh, não, milorde. Eileen foi visitar os pais. Brad ficou olhando para ela por um longo momento.

— As duas partiram no mesmo dia?

— Sim, no mesmo dia. Mas Eileen foi para a Irlanda. Não sabemos para onde foi a condessa. Ian conversou com o garoto que carregou a bagagem até a carruagem e com o homem que as levou à cidade. Mas o homem disse que milady planejava ficar na cidade por uma noite e retornar no dia seguinte. Mas não foi o que ela fez. — Hannah começou a soluçar e Brad bateu amigavelmente no ombro dela.

Tentou reunir as informações que Hannah lhe passou. Alguma coisa parecia muito irreal naquela história. Abby não o deixaria assim.

Mandou que Hannah chamasse Ian. Disse a Grace que procurasse qualquer coisa diferente no quarto da condessa, e que queria saber exatamente o que ela levava consigo.

Ian chegou e os dois homens se retiraram para o escritório.

— Me conte o que Eileen lhe disse — Brad ordenou.

— Milorde, minha irmã disse que iria à casa de nossos pais, visitá-los. Eu disse a ela que não se demorasse porque milady não parecia bem.

— Não parecia bem? Explique-se, homem!

Ian descreveu o comportamento de Abby naquelas duas últimas semanas e Brad se sentou, sentindo-se congelar. Algo muito sério havia acontecido à sua esposa, mas o quê?

— Não ocorreu a ninguém que eu devia ser comunicado sobre o que estava acontecendo?



— Eileen ficou de perguntar a milady o que estava acontecendo e então, se julgasse necessário, escreveria ao senhor.

— Parece que sua irmã resolveu ir além de sua função — Brad disse, furioso.

— E antes que me pergunte, milorde, eu encontrei o homem que as levou à cidade e também o menino que levou as malas. Eu ainda achava que Eileen tinha levado a condessa com ela, mas o cocheiro disse que não, que milady tinha planos de ficar na cidade.

— Duvido disso — Brad falou secamente. — Ian, primeiro quero falar com o garoto do estábulo e depois quero falar com sua irmã. Tão logo quanto possível partirei para a Irlanda. Pode me levar até seus pais?

— Estou pronto para ir quando desejar, milorde.

— Quero saber o que Abby levou com ela, e então partiremos. Ian foi cuidar dos cavalos e da carruagem enquanto Brad andava pelo escritório, esperando o menino e Grace. Conversou com o menino e não obteve nenhuma informação nova. Aguardou então por Grace.

— Por que ela demora tanto? — ele rosnou enquanto abria a porta. Precisava correr dali para a Irlanda. Queria saber o que Eileen lhe diria. Tinha quase certeza de que a moça sabia exatamente o paradeiro de Abby.

— Finalmente! — Brad quase gritou ao avistar Grace descendo as escadas.

— Milorde, ela levou quatro vestidos e um casaco, seu casaco antigo. A sra. Overmyer disse que eu devia entregar isto ao senhor. — Grace estendeu a ele um maço de cartas. — Ela acha que pode ajudar. E este envelope chegou esta manhã.

Brad pegou os envelopes da mão de Grace e ficou olhando pela porta aberta. Quatro vestidos para uma viagem de duas horas não faria mesmo sentido.

Observou os papéis em suas mãos, o nome de sua esposa na frente dos envelopes e teve medo. Sentiu que estava prestes a conseguir a peça que faltava em seu quebra-cabeça.

Algo naquela escrita lhe pareceu familiar. Curioso, começou a abrir os envelopes um a um. Leu o que estava escrito e resolveu sentar-se para ler o que chegara naquele dia. Continha uma série de injúrias que o revoltaram. Aquilo explicava a partida de sua esposa. As coisas que aquele louco dizia ser capaz de fazer faria qualquer mulher fugir apavorada.

Olhou para o papel em sua mão. O que na forma de escrever daquele homem lhe parecia tão familiar?



Logo se lembrou do bilhete que acompanhava o vinho. Era realmente o mesmo homem. Um canalha que havia ameaçado e atemorizado Abby! Mandou um recado a Ian dizendo que partiriam dali a uma hora. Tinha ainda algumas coisas a fazer. Primeiro, precisava de Nick e de Bodkins. Os dois poderiam viajar juntos. Então, mandaria informar Harvey Prentice. O investigador devia mesmo procurar por aquele trapaceiro nas proximidades de Gray Lands.

Por alguma razão, tinha certeza de que Eileen levara Abby com ela para a casa de seus pais. Mesmo assim, odiava a idéia de que sua esposa estava viajando pelo mar da Irlanda naquela época do ano.

Leu e releu aquelas cartas, imaginando qual seria o segredo que Abby escondia e que a fizera entregar suas jóias. Ou ela estava apenas preocupada com ele? Qualquer segredo que pudesse guardar não tinha a menor importância frente à preocupação que ele sentia com sua segurança. Na verdade, sabia tudo o que precisava saber sobre sua esposa. Oh, aquele crápula podia estar prejudicando seu filho! Abby queria aquela criança, ele estava certo disso. Se a perdesse ficaria ainda mais deprimida do que ficara com as cartas.

Rapidamente escreveu mensagens chamando as pessoas que precisava, e mais uma vez olhou para os envelopes à sua frente. De repente, bateu forte em sua testa lembrando-se finalmente por que aquela escrita lhe parecia familiar da primeira vez que a vira. Sempre checava os livros dos capitães e aquela era a caligrafia de Rolarde. O capitão com certeza queria atingi-lo, mas por quê? Não tinha motivos. E há quanto tempo ele planejava tudo aquilo? Por que envolvera Abby naquela história suja? Brad lembrou-se de que a esposa tinha ficado incomodada com a atitude dele naquele jantar. Oh, por que não lhe dera ouvidos? Mas tudo parecia tão improvável!

Ele terminou as mensagens e correu para o estábulo. Queria partir imediatamente.

— Mas, milorde, não conseguiremos embarcar tão cedo! — Ian gritou, tentando ultrapassar o barulho do vento e dos cavalos.

— Conseguiremos, sim. Nem que eu vá nadando!

Não se importava se tivesse que pagar a todos os pescadores da cidade. Tinha a firme intenção de encontrar alguém que o levasse às praias da Irlanda ainda naquele dia.

O sol já nascia quando Brad encontrou um homem disposto a fazer a travessia. O tempo estava mais claro e Brad usou esse argumento para persuadir o homem a velejar com aquela maré.

Já a bordo da embarcação, Ian admitiu que não se sentia bem no mar.

— Meu amigo, preciso que me leve à casa de seus pais.



Terá de suportar isso — Brad afirmou enquanto subiam a bordo. Ian engoliu em seco e saltou do deque. Brad tentou diminuir a apreensão do companheiro.

— Não precisaremos voltar imediatamente se Abby estiver lá. A afirmação de Brad não pareceu confortar Ian de forma alguma. Não havia o que fazer. Ian tinha de vir, tinha de guiá-lo à casa de seus pais. E era bom que Abigail St. James estivesse lá, senão, aí sim, Ian e Eileen descobririam o que era mal-estar.

Ele andava de um lado a outro enquanto a embarcação avançava contra as ondas. Não tinha sossego. Ian havia se deitado, mas Brad planejava ficar exatamente onde estava. Não havia a menor chance de que fechasse os olhos naquela noite.

Pensava em Abby e no quanto devia ter ficado aterrorizada ao receber cada uma daquelas cartas. A aflição dela lhe cortava o coração. A dor que devia ter sentido se transformava em sua dor.

Bom Deus, quando aquela mulher passara a significar tanto para ele? Ele tencionou o corpo e olhou para as estrelas que brilhavam no céu. Seu coração pertencia àquela mulher. Ele, Bradford St. James, conde de Lynbrook, se apaixonara por uma americana atrevida.

Tudo o que já havia dito sobre casamento, e sobre como manter uma mulher apenas para garantir seus herdeiros, re-verberava em sua cabeça. Como tinha sido tolo!

Não importava que seu pai tivesse amargado sua vida em função de sua mãe. Brad sabia que, com a experiência dele, poderia se tornar ainda mais forte e não cometer os mesmos erros. Se Abby o deixasse, sofreria imensamente, mas não beberia até a morte. Seu tio Francis o preparara para enfrentar os altos e baixos da vida. Enfim, era um homem diferente de seu pai e precisava se conscientizar disso!

Mas Abby não o deixaria. Estava certo disso e de nada mais. E, quando a tivesse em seus braços, iria lhe dizer no primeiro instante como se sentia a seu respeito. Também lhe diria que o segredo era dela e que poderia mantê-lo. Não se importava com o que quer que fosse, não poderia significar nada. Nada!

Brad conversou consigo mesmo a maior parte da noite. Aquela viagem nunca terminaria cedo demais para ele. Olhava apenas para a frente. O capitão lhe assegurara que, se o vento continuasse naquela direção, aportariam de madrugada... Não tão cedo quanto Brad desejava, mas o mais cedo possível.

A brisa suave da madrugada batia em seu rosto no porto, e Brad e Ian se dirigiram para a pequena vila rodeada por montanhas.

—A fazenda fica uns cinco quilômetros à frente, milorde, na costa.



Meu pai ama pescar! — Ian gritou por sobre o barulho dos cascos dos cavalos. — Apenas mais meia hora, milorde.

Brad desistiu de tentar estimular o animal que cavalgava. Estava indo o mais rápido que podia. Não podia mais suportar a ansiedade, desde que pisara na Irlanda. Abby tinha que estar ali.

Depois de alguns minutos, Ian apontou à frente.

— A casa de meus pais — anunciou. Brad olhou para a casa.

— Não é muito cedo para batermos, é? — perguntou receoso. Ian sorriu.

— Não, milorde. Vê a fumaça na chaminé? Minha mãe já está preparando o café da manhã. Venha, vamos descobrir se sua esposa está aqui.

Por alguma razão, Brad hesitava. E se Abby não estivesse ali? Teria perdido um tempo valioso para alcançá-la. Vinha dando como certo que ela estava com Eileen. E se ela tivesse feito o que dissera no bilhete? E estivesse àquela hora em um navio rumo à América?

Ele desmontou e esperou que Ian batesse na porta. Eileen apareceu ainda de penhoar. Seu rosto perdeu toda a cor ao vê-los. Brad olhou para ela por algum tempo e, finalmente, se encheu de coragem:

— Onde está Abby?

CAPÍTULO VII

Abby levantou-se de um salto da cama que dividia com Eileen. Seu coração disparou ao reconhecer a voz de Brad. Ficou paralisada de medo. Ele a tinha encontrado!

Antes que pudesse se vestir, ouviu passos pesados subindo a escada. Atemorizada, tentou imaginar qual seria a reação dele quando a visse. Em segundos teve a resposta. A expressão dele era de pura preocupação. Apertou-a tão fortemente em seus braços que ela teve dificuldade para respirar.

— Graças a Deus que a encontrei. — Ele deu um profundo suspiro.

— Vai me contar com todas as letras o que achava que estava fazendo quando saiu de Gray Lands daquela maneira.

— Você não devia ter vindo. Não posso voltar... — ela disse, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Por que não confiou em mim, Abby? Por que não me falou daquelas cartas? — ele foi dizendo com tristeza.

Ela apenas balançou a cabeça, baixando novamente os olhos. Tinha um nó na garganta e não conseguiria falar. Não podia responder àquelas perguntas, não sabia como dizer.



Queria tanto poder se aconchegar em seus braços, apoiar a cabeça em seu peito, ouvir seu coração bater com a certeza de que estava vivo ao seu lado.

— Abby, você não entende? Sou responsável por você. Sou aquele que deve protegê-la, manter esse maníaco longe de você. E você me tirou esse direito.

Ele continuou esperando e Abby hesitou. O silêncio entre eles parecia se tornar sólido, pesado. Ela procurava o que dizer, querendo evitar qualquer caminho que a levasse a confessar o segredo de sua mãe.

— Era eu quem devia protegê-lo — ela murmurou. Brad balançou a cabeça.

— Nada vai me acontecer. Já sei quem é o homem que a ameaça. E o capitão Rolarde, de quem você ficou desconfiada, lembra-se? E também sei que o que quer que ele esteja usando para ameaçá-la não é importante.

Abby ficou olhando fixamente para Brad, até que conseguiu respirar e suspirou. Sentia que a força lhe voltava aos joelhos. Ele ainda não sabia de seu segredo.

Queria confessar logo, queria dizer-lhe tudo, mas tinha prometido à mãe, e ainda temia que ele a rejeitasse quando soubesse que era filha ilegítima.

Deixar Gray Lands e Brad fora a coisa mais difícil que já fizera na vida. Sabia que não poderia fazê-lo de novo, mesmo que sua vida dependesse disso.

— Capitão Rolarde? Por que ele está fazendo isso?

— Eu não sei, mas quando o pegarmos, descobrirei. Abby se encolheu. Quando isso acontecesse, o capitão contaria tudo a Brad. Como ele reagiria?

Antes que tivesse chance de dizer qualquer coisa, Brad a trouxe mais para perto de si e murmurou:

— Abby, seu segredo é seu segredo. Não me importa o que esse homem sabe a seu respeito. Eu sei de tudo o que me importa. O que quer que ele tenha usado para ameaçá-la, pelo que me diz respeito, pode morrer com você. Algum dia, se quiser me contar, muito bem, mas agora, tudo o que me importa é voltar a Gray Lands com você. Quero que nosso filho nasça lá.

Brad sorriu e Abby sentiu-se derreter.

— Tem certeza de que não se importa? Realmente não se importa?

— Sei tudo o que preciso saber. Qualquer coisa que tenha acontecido na América antes de nos conhecermos não me importa em absoluto. Agora, voltará para a Inglaterra comigo?



Abby percebeu sua dúvida e uma parte dela se alegrou. Talvez, ele não se importasse mesmo com seu passado. Ela começou a ter esperanças. Mas o que aquele homem poderia ainda fazer para atacá-lo?

Brad a puxou para mais perto e Abby se aqueceu com aquela proximidade. O cheiro do mar combinado ao perfume de Brad fazia com que ela percebesse o prazer que sentia ao estar com o marido. Apertou-se a ele o quanto pôde. Amava-o, mesmo que não pudesse dizer-lhe.

Então subitamente lembrou-se das jóias, e se afastou bruscamente dele. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu dei a ele minhas jóias.

— Eu sei. — Brad fez uma pausa e colocou a mão no bolso. — E eu as guardei para você.

Ele estendeu para ela o saquinho de veludo negro. Abby abriu-o e colocou a mão dentro, tirando suas safiras e o broche intactos.

— Não pode ser! Como...

Brad colocou o dedo em sua boca, forçando-a a calar-se.

— Não deixe que ninguém as tire de você de novo. Eu lhe dei e são suas.

Abby estendeu a bolsa de volta a Brad, ainda emocionada. Era ainda mais gostoso ganhá-las novamente.

— Fique com elas.

— Apenas até chegarmos em casa. E quero partir assim que nos digam que bons ventos sopram para a Inglaterra.

No dia seguinte o mar estava tranqüilo. Tanto Ian como o marinheiro concordaram que um mar tão brando naquela época do ano era uma dádiva! Não houve qualquer contratempo na viagem de volta para a Inglaterra, e quando atracaram e iniciaram seu caminho de volta a Gray Lands, Brad prometeu a si mesmo que faria com que o restante da gravidez de Abby fosse aquela dádiva, aquele mar plácido e aquela brisa suave que os trouxera de volta.

Eles chegaram à propriedade antes do almoço. Brad desmontou e ajudou primeiro Eileen a descer, depois Abby. Sorriu satisfeito ao ver que Nick abria a porta da frente e parava a poucos passos da casa. Entretanto, a reação do amigo não foi a esperada.

— Onde diabos vocês estavam? Querem me matar de preocupação?

Abby grávida, todos desaparecem! Hannah disse que você saiu às pressas para a Irlanda, Brad! — Nick parecia irritado, com as mãos na cintura. — Quero saber o que está acontecendo. Recebi esta carta de Abby, e quando chego aqui vocês haviam partido... para a Irlanda! Estão bem? O que aconteceu?



Nick estava tão ansioso que não parava mais de falar. Brad deixou Abby por um instante e abraçou-o.

— Calma, meu amigo. Estamos todos aqui. Mas que carta de Abby? Assim que terminou de pronunciar estas palavras, Brad notou o rosto pálido de sua esposa.

— Vamos todos entrar — decretou, apoiando o braço de Abby e conduzindo-a para dentro de casa.

Mais uma vez, Hannah tinha os olhos inchados, mas já sorria através das lágrimas.

— Oh, milady, que bom vê-la! Está tudo bem? E o bebê? Abby respondeu sorrindo e agradecendo, emocionada com a preocupação sincera de Hannah. Brad deixou que Eileen e Abby a confortassem, e foi seguindo na frente com Nick para o escritório.

— E Bodkins? — Brad perguntou depois que fechou a porta.

— O que tem Bodkins?

— Esperava que tivesse vindo com você. Mandeí mensagens a vocês dois.

— A única mensagem que recebi foi de Abby. Ela disse que estava partindo para a América e me pedia que o protegesse. Agora, por que ela está partindo, e se está partindo, por que está aqui? E pelo amor de Deus, me diga por que tenho de proteger você?

Brad sentia-se satisfeito e preocupado ao mesmo tempo. Abby pedira a Nick que cuidasse dele! Respirou fundo e contou a Nick sobre as chantagens que ela recebera.

— O canalha listou todos os incidentes que aconteceram, incluindo o incêndio no armazém, e disse que era o responsável por tudo.

— E é mesmo o capitão?

— Parece que sim.

— Mas por quê? Por que razão ele iria querer destruir *você*, e seu casamento, incriminando Abby? Não faz sentido.

— Mesmo assim, temos um vigarista para apanhar. Pedi a Harvey Prentice que viesse porque tenho o pressentimento de que ele vai agir novamente. Desta vez quero estar pronto para ele.

Harvey Prentice continuou procurando por Rolarde com a ajuda de seus homens, mas o canalha sabia como se esconder. Não tiveram mais nenhuma notícia dele nas semanas que se seguiram.

O Natal chegou e o coração de Brad se enchia de ternura ao ver a excitação de Abby. Como ela parecia gostar daquilo! Cada preparativo era para ela uma festa! Perguntou-lhe se costumava celebrar a data com sua mãe, e ela respondeu com um sorriso tímido:

— Fazíamos o que era possível...



Contagiado pelo espírito natalino, ele a encheu de presentes. Roupas, jóias, pequenos bibelôs e uma bela edição de um livro pelo qual ela se apaixonara. Além disso, fez várias encomendas para o enxoval do bebê, incluindo um lindo berço em madeira trabalhada. Abby lhe deu um novo cachimbo, diversos livros e um cachecol macio que ela mesma tricotara.

A noite de Natal deixou lembranças maravilhosas para todos, e para Brad em especial. Abby havia tomado a iniciativa de que fizessem amor e ele ainda se perguntava *como* sobrevivera à emoção daquela doce sedução. A cada dia se convencia ainda mais de que sua esposa era uma mulher especial, e de que tê-la a seu lado era tudo o que podia desejar. Nick teve de partir no segundo dia do Ano Novo e levou diversas mensagens de Brad para o escritório em Londres. Abby disse mais de uma vez ao marido que compreenderia se ele tivesse de acompanhá-lo, mas Brad assegurou que não tinha qualquer intenção de deixá-la novamente sozinha em Gray Lands.

Quando se despediram, Abby percebeu que Eileen não desceu e isso a deixou preocupada. Já havia notado um clima estranho entre ela e Nick. Pareciam mais contidos. Depois que o amigo partiu, ela perguntou a Brad:

— Você percebeu a tensão entre Nick e Eileen?

— Eles têm uma decisão a tomar. O tempo está passando e precisam saber se querem ficar juntos para toda a vida ou não. Isso acontece em geral com os casais, condessa. Nem todos se casam forçados!

— Oh, Brad! Nunca teria me escolhido, não é?

— Esqueceu que fui eu quem se aproximou de você? Mas fui amarrado para a igreja! Abby, Nick e Eileen terão de lidar com seus próprios problemas. Não podemos interferir.

— Mas Eileen parece tão triste...

— Os caminhos do amor não são suaves... — ele disse e a beijou.

Abby imaginou se Brad estaria se referindo a eles. Amor? Será que algo mudara dentro dele depois daquele momento no altar?

Quando tinham voltado a Gray Lands, Brad insistira que deviam dormir na mesma cama, e, a despeito de Abby estar ficando maior e mais inquieta a cada dia que se passava, continuava desejando-a perto de si.

Ele e a esposa dormiam perfeitamente encaixados e ele adorava acordar de manhã e perceber por vezes os movimentos do bebê. Mais de uma vez ele próprio recebera um chute do pequeno.

— Um rapaz decidido... Ou uma moça geniosa...

— ele brincava com Abby.



No final de janeiro, Brad percebeu que sua esposa cochilava quase todas as tardes, coisa que antes não tinha o hábito de fazer. O mês de fevereiro passou voando, e ele a via com as pernas para cima, o rosto exausto. Sua inquietação e a ansiedade pelo nascimento do bebê aumentavam a cada dia. Tudo o que desejava era que ela e o bebê tivessem uma boa hora.

Pela primeira vez em sua vida, ficava aterrorizado de preocupação por uma mulher. Mulheres morriam nos partos. E ele não podia perder Abby. Lembrou-se da dor que sentira quando ela fora embora. O que faria se ela lhe fosse tirada?

A parteira vinha visitá-la quase todas as semanas. Tranqüilizava-os quanto à saúde de Abby e do bebê, mas Brad decidiu que sua esposa precisava de mais do que uma parteira. Quando as chuvas anunciaram a chegada de março, mandou chamar Thomas Donnell, um amigo seu médico conceituado, que trabalhava na Escócia.

Abby passara por uma aflição muito grande e ele não conseguira ainda colocar um fim na história com aquele patife. Não tinha havido mais qualquer aborrecimento, mais nenhuma mensagem, mas Brad sabia que ela ainda estava apreensiva. Perguntava-se se o homem tinha saído do país e ficava furioso por não poder dizer que um ponto final havia sido colocado.

Thomas Donnell chegou no meio de março, e Brad apresentou-o a Abby como um visitante, mas um excelente médico. Passavam horas conversando no escritório, e Brad ficou alegre quando Thomas prometeu permanecer com eles até que seu filho nascesse. Sua presença o deixava bem mais sossegado.

Os dias transcorriam tranqüilos; eles passeavam, jogavam cartas, Abby fazia tricô com Eileen. Algumas noites depois da chegada de Thomas, estavam jantando quando Abby pareceu assustar-se. Ficou de pé prestando atenção por alguns segundos e voltou a sentar-se.

Brad se levantou e correu para o seu lado.

— O que foi?

— Nada. — Ela sorriu.

Os criados trouxeram a sobremesa e mais uma vez Abby se levantou.

— Não me diga que não está sentindo nada.

Ela segurou de leve em seu braço e falou baixinho:

— Acho que está chegando a hora de você ser papai...

Por um momento, Brad ficou olhando para ela, estupefato, depois pegou-a nos braços e caminhou para as escadas a passos largos, chamando Thomas, Eileen, Hannah, Grace, Bodkins, todos os que lhe vieram à mente.



Quando Abby já estava acomodada na cama, Eileen voltou-se para o conde.

— Venha, milorde, vamos tomar um cálice de conhaque. Abby, você nos dá licença?

Brad olhou para Eileen e pela primeira vez fez o que ela dizia. Thomas sorriu e se aproximou de Abby.

— Minha senhora, não acho que precisará de mim neste momento.

Vou estar com seu marido, mas lembre-se, qualquer dúvida, qualquer coisa que precisar, me chame.

Em menos de cinco minutos, Brad já tinha voltado para o lado de Abby. Quando as contrações ficaram mais freqüentes, ele prometeu a si mesmo que não teriam outro filho. Não a deixaria passar por aquilo de novo.

Sete horas depois, Thomas colocava uma linda menina nos braços de Brad, uma coisinha pequena que chorava a plenos pulmões! Com o rostinho ainda inchado, era uma réplica perfeita de Abby, exceto pelos cabelos, que eram pretos como os seus. Brad olhava para o bebê em seus braços, olhava para sua mulher que sorria, e sabia que nada jamais se compararia à emoção que sentia naquele momento.

— Tem uma linda filha, Brad—Thomas comentou ao pegar a pequena dos braços do pai e colocá-la junto da mãe. — Ela agora vai mamar, mamãe.

Abby segurou a filha e sorriu para os dois homens. Estava muito cansada, e muito feliz! O pequeno embrulhinho em seus braços era apaixonante! Como Thomas tinha dito quando a recebera em suas mãos, era uma mocinha bonita e saudável!

Deram-lhe o nome da avó e da futura madrinha. Margareth Eileen Saint James estava com quase dois meses quando foi batizada por Nick e Eileen. A cerimônia foi seguida por um almoço com o tio de Brad e os amigos mais próximos.

Abby logo sentiu falta dos padrinhos, que haviam desaparecido logo depois das fotos.

— Acha que conseguirão se entender? — perguntou a Brad. Ele deu de ombros.

— Espero que sim, mas Eileen é tão teimosa quanto Nick. Não espere muito.

Os dois voltaram tão sorridentes no final da tarde que Abby não ficou surpresa quando Nick anunciou:

— Eileen vai me dar a honra de se tornar minha esposa. Todos gritaram e se abraçaram. Brad correu a conseguir as bebidas para mais um brinde especial naquele dia.



— Aos noivos!

A rotina da casa se tornou totalmente diferente depois da chegada de Maggie, que era como Brad chamava sua filha. Todos viviam em função dela, de seus horários e de seus desejos. Abby não quis que Brad contratasse uma babá, queria ocupar-se da filha ela mesma. Quando se sentia cansada pela falta do sono, Brad, Eileen, e até mesmo Bodkins, disputavam os cuidados da pequena.

Abby ainda tinha medo daquele homem, que parecia ter desaparecido da face da Terra. Maggie consumia a maior parte de seu tempo, mas ela ainda se perguntava se o louco poderia cumprir suas ameaças e ferir o pai de sua filha, ou contar-lhe seu segredo. Brad parecia fascinado por Maggie, mas Abby se arrepiava quando pensava em qual poderia ser sua reação.

Acalmava-se pensando no que ele lhe dissera, que nada do que o homem revelasse teria importância. Ao mesmo tempo, sabia que era uma obrigação para um conde preservar a honra de sua família. Um casamento com uma mulher bastarda feria todos os seus princípios. Mas havia Maggie! Brad não poderia mandá-la embora. A filha necessitava dela e ele a amava demais para separá-la da mãe. Com o tempo, Abby passou a deixar com maior frequência que Bodkins, Eileen e Hannah dividissem com ela e Brad os cuidados com Maggie. Sabia que a filha tinha o direito de desfrutar também do amor deles.

Além disso, fazia-lhe muito bem sair para caminhar, e visitar pessoas que moravam nos arredores da propriedade. Antes do nascimento de Maggie, quando sua barriga não estava ainda tão grande, acostumara-se a ir à vila, levando cestas cheias de alimentos para famílias que estivessem passando por necessidades, fitas de cabelo para as mocinhas, brinquedos e guloseimas para as crianças, parando para conversar aqui e ali.

— Nunca mais vi a Sra. Wilson, acho que vou visitá-la amanhã — ela comunicou a Brad certa noite, após o jantar. — Sabe quem é não? Aquela senhora que perdeu o marido recentemente. A filha dela mora em Londres. Prometi que a visitaria de vez em quando.

Brad concordou.

— Apenas não se canse muito. Abby sorriu carinhosamente.

— Sim, senhor.

Era um lindo dia de verão e Abby insistiu com Ian que preferia caminhar. A brisa era suave, o sol não estava tão quente e o caminho era plano. Saiu de casa logo após o almoço, dizendo que visitaria a Sra. Wilson e que retornaria a tempo da próxima mamada de Maggie.



Brad acostumara-se a trabalhar em Gray Lands. Alan passara a fazer freqüentes viagens para Londres e gerenciava seus negócios tão bem quanto ele. Depois de comprovado que era mesmo o capitão Rolarde o autor daqueles roubos, Brad conseguiu descobrir quem operava sob suas ordens e foi obrigado a dispensar dois de seus homens. Dali em diante, a companhia prosperava e Brad não tinha maiores motivos de preocupação. Podia então passar mais tempo com a filha.

Naquele dia, trabalhou por mais ou menos uma hora depois do almoço. Abby tinha saído, e quando Maggie acordasse ficaria com ela até seu retorno.

Com a porta do escritório aberta, ouviu o chorinho da filha e foi buscá-la em seu berço. Caminhou com ela pelo jardim, aproveitando para conversar com seus empregados, olhar as novas folhagens que haviam sido plantadas, mostrar seu cavalo à bebê, que não lhe prestou nenhuma atenção.

O tempo passava, e Abby demorava para voltar. Brad começou a ficar ansioso porque Maggie logo teria fome. Voltou com ela para a sala de estar e continuou aguardando. Os minutos se transformaram em uma hora. Maggie começava a reclamar de fome.

Mais uma hora se passou e a preocupação de Brad se transformou em medo. Bodkins pediu que preparassem uma papinha doce para a bebê e, por algum tempo, ela pareceu satisfazer-se.

Onde estava Abby? Chamou alguns empregados e pediu-lhes que a procurassem pelo caminho. Eileen e Grace foram à vila para conversar com a velha senhora que Abby planejava visitar, mas ela não estava lá. A Sra. Wilson disse a Eileen que Abby de fato passara algum tempo em sua casa, tomaram uma xícara de chá e depois ela tinha partido. Não, a Sra. Wilson não sabia se Abby planejava ir a algum outro lugar.

Já desesperado, Brad mandou Ian parar em cada uma das casas que a esposa costumava visitar. Ninguém vira Abby. A noite caiu e Brad organizou uma busca pelos campos próximos à estrada.

— Talvez ela tenha se sentido mal e se perdido.

Ele procurava por todas as alternativas, mas não conseguia descobrir o que acontecera. Exausto, voltou para casa para saber se os empregados haviam recebido alguma notícia, e para ver Maggie. Ela estava gritando. A papinha não a satisfazia mais. Sua filha estava com fome e sua esposa desaparecera. Brad esforçou-se para que o pânico não o dominasse. Abby nunca deixaria a filha esperando por vontade própria. Alguma coisa acontecera.

O céu começava a se tingir de tons de rosa e laranja com o nascer do sol, mas Brad ignorava o espetáculo de cores.



Por toda a noite andara de um lado para outro na sala de estar de Gray Lands.

O que poderia ter acontecido a Abby? A distância entre sua casa e a vila era de menos de dois quilômetros. Como podia ter desaparecido? Teria caído desmaiada em algum lugar que ninguém vira?

Brad não queria acreditar, mas a hipótese mais provável era de que houvesse sido raptada por aquele maníaco. Estaria ferida? O coração dele doía. A dor que sentira ao saber que havia partido meses atrás, numa tentativa de protegê-lo, retornou. Seu maior medo era agora real. Alguém havia tirado Abby dele, ou pior.

Subiu novamente as escadas para ver a filha. Bodkins conseguira uma ama-de-leite no vilarejo, mas Maggie não tinha aceitado bem a mãe substituta. Chorara por mais de uma hora e acabara adormecendo de cansaço.

Ele entrou no quarto e ficou ao lado do berço. Mesmo dormindo, a filha parecia impaciente, como se soubesse que a mãe não estava ali. Brad estava certo de que por sua própria vontade Abby não se afastaria dele nem da filha. Mais uma vez passou os dedos pelos cabelos, inconformado.

Por sorte, Harvey Prentice abrira um escritório perto de Lancaster, que ficava bem mais perto de Gray Lands que

Londres. Brad tinha enviado uma mensagem para ele horas atrás e esperava que o investigador já estivesse chegando. Prentice saberia organizar as buscas. Tinha de saber!

A voz de Bodkins interrompeu seus pensamentos turbulentos.

— Milorde — o criado disse com a voz muito baixa para não acordar Maggie. — Harvey Prentice chegou.

— Obrigado, Bodkins. — Brad foi imediatamente para a porta.

— Você o levou para o escritório?

Bodkins assentiu e Brad o deixou olhando a filha agitada.

— Harvey. — Brad cumprimentou o investigador.

— Problemas, milorde?

— O maior de todos! — respondeu Brad, demonstrando toda a sua aflição. — A condessa foi caminhando para a vila ontem à tarde e não voltou.

Harvey ficou olhando para o chão por alguns instantes, antes de falar:

— Se o nosso chantagista é o responsável, logo receberemos um pedido de resgate.

— Resgate? Acha que aquele canalha seqüestrou minha mulher?

— Por alguma razão, milorde, ele parece ter algo contra o senhor e a condessa.



Tudo que ele fez contra o senhor envolveu também sua esposa. Eu sei que não há nenhum sinal, mas penso que ele ainda está por aqui, e sei que estamos lidando com um lunático.

Brad sentiu um arrepio de terror atravessar-lhe o corpo. Um lunático? Ele ficou olhando para o homem à sua frente. Respirando fundo, forçou-se a relaxar.

— Resgate. Bem, estou disposto a pagar quanto ele quiser Prentice. Quero minha esposa de volta.

— De qualquer forma, milorde, farei novamente o caminho que ela fez e conversarei com as pessoas que ela visitou na vila. Preciso que alguém me acompanhe alguém que conheça os moradores.

Brad se virou para a porta.

— Bodkins!

Quando o criado surgiu na porta, ordenou:

— Chame Ian, o Sr. Prentice precisa dele.

Ian e Prentice partiram em menos de cinco minutos, e Brad voltou a andar de um lado para outro em seu escritório. Ouvia as pequenas e grandes reclamações de sua filha e seu coração se apertava. E se... Não, ele não se permitiria pensamentos negativos. Abby logo voltaria. Ela *precisava* voltar. Estava com seu coração...

No final da tarde, quando Brad conversava com Harvey sobre a busca no vilarejo, Hannah entrou correndo no escritório.

— Milorde, aqui! — Hannah entregou-lhe um envelope.

— Dois fazendeiros, em seu caminho para a fazenda, nos entregaram isto. Ian não os deixou partir para que o senhor pudesse conversar com eles.

— Harvey — Brad chamou e estendeu-lhe o papel. — Você vai lidar com isto.

— Claro, milorde, mas primeiro vamos ver o que diz a carta. Brad desenrolou o papel e ficou olhando para ele por vários segundos.

— Maldito! — resmungou por entre os dentes e estendeu a mensagem ao investigador.

Harvey leu rapidamente e olhou para Brad.

— Isso é estranho. Eu não esperava uma assinatura, mas isto não é um pedido de dinheiro. — Harvey cocou a cabeça.

— O senhor deve ir às ruínas de Burnes Abbey amanhã ao meio-dia e levar sua filha?



Antes que Brad pudesse responder, um grito ecoou pela casa. Brad tinha esquecido que Nick combinara de vir visitar Eileen e ela devia ter lhe contado. Segundos depois, Nick irrompeu pela porta do escritório.

— Bodkins me disse que receberam uma mensagem. Brad se sentiu compreendido ao ver a expressão indignada de seu amigo. Harvey olhou para Brad e, quando ele assentiu, estendeu a mensagem ao visconde.

— Conversarei com os fazendeiros, meu senhor, mas não espere muito — ele murmurou, enquanto saía pela porta.

Nick olhava para o bilhete.

— A vida dela está em perigo, quer você vá ou não. Na verdade, acho que ele vai tentar matar todos vocês.

Brad se encolheu.

— Sei disso. — Ouvindo os chocalhos com que tentavam acalmar Maggie no andar de cima, ele subitamente teve uma idéia. — Meu amigo, temos preparativos a fazer.

Depois que os dois homens combinaram seus planos, Brad mandou uma mensagem a McPherson, e em meia hora já tinha doze homens em seu escritório, em compenetrado silêncio, aguardando suas ordens. Ele lhes agradeceu por terem vindo. Não era necessário explicar o que havia ocorrido, já que todos no vilarejo sabiam que a condessa tinha sido raptada.

Já de noite, estava tudo pronto. Brad andava sem parar de um lado para outro na frente de sua casa, olhando os homens que estavam prontos para partir.

— Ian, tem certeza de que os homens entenderam o que devem fazer? Os lábios cerrados de Ian confirmaram sua tensão.

— Eles entenderam. Os pastores vão partir agora. McPherson orientou que tragam seus rebanhos. Eles devem estar nas proximidades das ruínas de Burnes Abbey já esta madrugada. Como a lua está cheia, não terão dificuldades.

Nick deu um passo à frente.

— Vou partir agora. Ficarei esperando por vocês na praia. Tente não se preocupar demais. Logo teremos Abby de volta.

A expressão de Brad era sombria.

— Espero que esteja certo. Você acha que todos esses homens parecem pastores? Se o maníaco achar que está sendo cercado, perderemos Abby com certeza.

— Brad... — Nick bateu em seu ombro, procurando transmitir-lhe segurança — Os homens sabem o que fazer. Repassamos o plano diversas vezes e eles são capazes. Sabem do risco que a condessa corre.



Estou indo. Tenho algumas coisas para organizar antes de encontrá-los.

Brad mal conseguiu agradecer e observou os homens que se afastavam, antes de olhar para Ian. Os dois homens subiram juntos a escada da casa. Uma vez lá dentro, Brad apontou para Eileen, que estava no hall de entrada com a bebê nos braços.

— Não deixe Maggie um instante fora de sua vista, Eileen, não importa o que aconteça ou quem venha aqui!

Lan tinha uma expressão preocupada.

— Tem certeza de que quer que eu fique? Não é melhor que eu vá para protegê-lo?

— Gostaria muito que estivesse comigo, Ian, mas se Abby não estiver lá e esse maldito quiser chegar até nossa filha, alguém vai precisar contê-lo. Espero que guarde Maggie com sua vida, Ian.

Brad se virou rapidamente para que Ian e Eileen não vissem as lágrimas que inundavam seus olhos.

Brad passou aquela noite ao lado do berço da filha. Ela parecia perceber sua tensão, pois chorava sempre que tentava pegá-la no colo. Ele cochilava, tamanho seu cansaço, mas tinha incessantes pesadelos. Tentou convencer a si mesmo que todos aqueles homens sabiam o que fazer. Mesmo assim, não sabiam o que o maníaco planejava. Será que já tinha ferido Abby? Esse era o maior temor de Brad.

A madrugada foi longa. Grace insistiu em acompanhá-lo.

— Milorde, o maníaco achará estranho se não houver uma criada para segurar o bebê.

Eileen concordou com ela, e finalmente Brad aquiesceu. Grace iria com ele. Claro que o bebê que seguraria não seria mais do que pedaços de tecido arrumados de forma a se parecerem com uma criança dormindo. Brad só podia torcer para que o bandido não pedisse para ver a criança. De forma alguma colocaria Maggie em risco.

O sol estava brilhante, a manhã dourada, apesar da dor que Brad sentia ao ajudar Grace a entrar no pequeno barco que os levaria através da baía. Ele também se sentou, e assim que a vela foi içada, pegou o leme. Acenou para as pessoas que haviam ido desejar boa sorte. Diversas mãos ansiosas empurraram o barco para as ondas, enquanto vozes suaves diziam:

— Deus os acompanhe!

Um vento ligeiro os ajudava a deslizar pelas águas. Quando se aproximou da praia, viu sua carruagem, algumas ovelhas dois homens conduzindo o rebanho para a estrada que levava às ruínas de Burnes Abbey. Suspirou com certo alívio.



Nick e os homens estavam em posição.

Brad ajudou Grace a descer na margem e logo estavam também a caminho das ruínas. Brad olhou para a velha senhora que segurava as rédeas do cavalo atrelado à carroça.

O disfarce de Nick era excelente. O visconde era exatamente uma velha senhora, usando um vestido cinza surrado e um lenço velho por sobre um gorro na cabeça. Nick olhava para frente, sua atenção nos carneiros e nos dois homens que os conduziam adiante.

Ninguém diria que ali não estavam um pastor, sua mulher e seu ajudante. Brad inspirou profundamente, tentando relaxar. Rezava para que o maníaco não entrasse em pânico ao ver os pastores levando o rebanho para pastar.

Levou quase uma hora para que Brad e Grace alcançassem as ruínas. Brad sabia que tinha de ir a pé. Nick e o rebanho estavam a uma distância de quinhentos metros deles, quando puderam distinguir alguns muros caídos que já faziam parte das ruínas. O coração de Brad estava disparado. Se algo acontecesse a Abby, não sabia se conseguiria continuar vivendo. Pela primeira vez em anos, Brad começou a rezar, andando sem firmeza em direção às paredes de pedra.

Deixou Grace na base das ruínas, com o pequeno embrulho em seu colo, tentando esconder a ansiedade ao olhar furtivamente para a paisagem devastada. Queria fazer parecer que procurava sua esposa quando, na verdade, procurava o grupo de homens armados que devia estar se aproximando.

Dirigiu-se para o centro do antigo convento, por entre as pilhas de fragmentos de pedras. O sol da manhã projetava sombras através dos arcos da antiga construção, mas Brad não podia distinguir nenhuma forma ou som humano naquele lugar.

Onde estava Abby?

Conseguiu entrar no saguão abobadado e, mantendo-se na sombra da passagem, entrou em uma das antigas divisões.

Avistou-a antes que ela o visse. Estava amarrada a um dos pilares no centro da sala que já não tinha teto nem proteção. Pensou desde quando ela estaria ali e seu coração se apertou.

Respirou fundo e olhou em torno. O brilho do sol que penetrava ali era muito forte e ofuscava sua vista, mas ele conseguiu divisar a silhueta de um homem escondido em um canto da sala. Passou a manter sua atenção na direção do homem.

Logo Abby percebeu que ele estava ali e o choro angustiado dela cortou-lhe o coração.



— Oh, não, Brad! Você não devia ter vindo. Ele vai nos matar!
Brad deu mais alguns passos a frente.
— Vincent, saia de seu esconderijo, agora! — ele gritou, ignorando as súplicas de Abby.
O homem permaneceu nas sombras.
— Não pode mais me dizer o que fazer Lynbrook! Quem está no controle sou eu!
— Só um homem pode ter controle de alguma coisa. Apareça e aja como um homem!
Brad ouvia as sinetas do rebanho à distância. Os homens estavam se aproximando. Tinha de se colocar entre Abby e Vincent Rolarde.
— Onde está a criança? — o capitão quis saber.
— Espera lá fora, com a babá — disse Brad.
Seu coração batia na garganta. Não tinha qualquer intenção de deixar Abby à mercê daquele bandido para chamar Grace e seu pequeno embrulho.
— Quando soltar minha esposa, vou buscar a criança.
— Quero a criança agora! — Vincent deu um grito agudo e pela primeira vez Brad viu a pistola engatilhada em sua mão.
— Olhe, eu trouxe a criança. Você disse que soltaria minha esposa se eu seguisse suas instruções. O bebê está aqui, agora solte a condessa.
— Condessa... — ele escarneceu. — Ela não pode ser uma condessa. Nem sua, nem de ninguém.
— Do que está falando?
— De sua *condessa*, milorde. Com certeza quer saber o que sei sobre sua esposa. — Vincent saiu da escuridão.
Brad olhou para Abby e percebeu como seus ombros tremiam. Vincent tinha a intenção de contar seu segredo, quer Brad desejasse ouvi-lo, quer não.
— Não me importa o passado de Abby, Vincent. Ela é minha esposa, minha condessa e mãe de minha filha. Nada do que disser poderá mudar isso.
Ele olhou para Abby e seu coração doeu. Ela parecia ter sumido contra aquele pilar de pedras.
— Não é sua condessa porque não pode ser uma condessa! — A voz estridente e enlouquecida do homem chamaram novamente a atenção de Brad. — O velho conde não se casou com a mãe dela. Sua falsa condessa é uma bastarda! Bastarda!
Não pode ser uma condessa! Foi forçado a casar-se com uma bastarda!
— A voz de Vincent ecoava pelas ruínas.
— Eu lhe disse Vincent, isso não faz diferença.



Abby está casada comigo, agora. E minha esposa, minha alma gêmea, a mãe de minha herdeira. Casou-se comigo legalmente e por isso é uma condessa. As condições de seu nascimento em nada importam.

— Nãaaoo! — Vincent grunhiu.

— Não importam! — Brad gritou de volta.

— Não acredita em mim, não é? Eu sei de tudo sobre ela. O marido da mãe dela me explicou como ela se casou com o conde, ainda casada com ele. — Vincent apontou para Abby. — A mãe dela era casada antes de conhecer o conde. Sua mulher é uma bastarda!

A risada cruel ecoava violentamente nos muros de pedra do convento.

— Eu já disse que isso não importa! — Brad gritou de volta. — Solte a *condessa*. — Ele colocou uma grande ênfase no título.

— Não até que eu veja a criança — Vincent retrucou com rispidez.

Brad percebeu que Abby se dobrava contra o pilar. Ele ouviu os pequenos soluços e percebeu quando seus ombros se encolheram com a dor. Como gostaria de lhe dizer que não havia com que se preocupar, que Maggie estava em casa com Eileen e Ian, que o que Grace segurava lá fora era um pequeno embrulho de tecido. Mas qualquer coisa que dissesse para tranquilizá-la provocaria a fúria de Vincent. Ela teria de continuar naquele sofrimento.

Brad apontou para o norte, longe do pilar onde Abby estava, na direção de Vincent. De alguma forma tinha de se colocar entre aquele homem e sua esposa.

— Por quê, Vincent? Por que está fazendo isso? — Brad olhou para Abby, que parecia ter recuperado um pouco de suas forças. Deus, como ele queria abraçá-la e lhe dar garantias de que tudo ia ficar bem!

— Responda Vincent! Se pretende nos matar, como Abby diz, quero saber por quê.

— Não pode imaginar senhor? — o homem provocou, agitando a pistola na direção de Brad.

— Não, não posso. Terá de me dizer. — Brad deu mais um passo na direção dele. Estava quase emparelhado com Abby.

— Não chegue mais perto!

— Estou esperando que me diga a razão de tudo isso. — Brad avançou mais um passo.

— Eu disse para parar! — Vincent saiu novamente das sombras.

— Por quê, Vincent? Apenas me diga por quê?

— Mandou-me embora.

— Mandei embora? Quando o mandei embora? Você quis sair, eu não queria isso. Disse que precisava de tempo para se refazer.

— Não desta vez. Antes... Muito antes...



Brad olhou fixamente para o homem, sua mente procurando recuperar antigas ordens que pudesse ter dado. Nunca ordenara que o capitão se afastasse, que fosse embora.

— Está bem. Quando o mandei embora?

— Depois que meu menino nasceu. Mandou-me embora. Tive de deixar minha mulher e meu filho. Morreram porque você me mandou para o Caribe para entregar sua maldita carga! — ele gritou, enlouquecido.

— Foi sua culpa, tudo sua culpa. Se eu tivesse ficado em Londres ainda estariam vivos, mas estão mortos, mortos! Você não merece uma família. Logo também estarão todos mortos!

Brad balançou a cabeça. Lembrava-se inclusive de ter sugerido ao capitão que ficasse em casa quando ele mencionara que a esposa não se sentia bem. Ela ainda estava de resguardo e Brad teve receios por isso. Lembrava-se de que Vincent insistira em seguir com o navio, dizendo que sua família ficaria bem.

— Vincent, eu não o mandei partir, você...

— Mandou, sim! — ele não o deixou terminar. — Mandou-me para o mar. Disse-me para ir. Perderia meu navio se não levasse sua carga. Me fez partir! Foi sua culpa! — A voz estridente do homem ecoava em cada pedra das ruínas.

O barulho das sinetas do rebanho se misturava aos gritos de Vincent, e Brad viu quando as ovelhas de McPherson se aproximaram do antigo jardim e se moveram em direção à antiga construção. Nick praticamente se arrastava, curvado ao lado do homem mais alto. Mais um grupo de homens e ovelhas se aproximava pela direção oposta. Elas de repente já tomavam conta dos jardins, da passagem, da sala.

A sala se tornou um caos e Nick pulou em cima de Vincent. Brad correu para alcançar Abby. Os balidos das ovelhas se misturaram aos gritos desesperados de Vincent, e o estampido seco de um tiro de pistola cortou o ar.

Quando viu que Nick não fora atingido, Brad apressou-se a desamarrar Abby. Finalmente ela estava livre. Ele a enlaçou em seus braços, jurando a si mesmo que nunca mais se afastaria dela.

— Ele não machucou você, machucou? Está ferida? — perguntou com aflição, examinando-a.

Antes que ela tivesse chance de responder, ele a abraçou novamente, beijando-lhe o rosto.

— Oh, meu Deus, Abby! Não sei o que teria feito se você estivesse ferida! Meu amor pode me perdoar por deixar esse lunático se aproximar de você? Diga que me perdoa.

Abby se apoiou nele.



— Maggie. Quero nossa filha! — ela falou, desesperada. Brad sorriu.
— Não está aqui. Está em casa, com Eileen e Ian.
— Oh, meu Deus! Graças! Você disse...
— Eileen arrumou pedaços de pano para parecerem um bebê. Maggie está em casa, meu amor, segura!
Abby soluçava, abraçada a ele.
— Está em casa, em casa... — Ela chorava encostada em seu peito.
Brad a soltou e se afastou um pouco.
— Um tiro foi disparado, Abby, preciso ver se há alguém ferido.
Ele a pegou nos braços e levou-a até a carroça.
— Nick? Eu não vi Nick. Brad brincou:
— Como não viu nossa adorável senhora?
— A velha senhora? Com as ovelhas? Brad assentiu e Abby sorriu.
— Eileen nunca acreditará nisso.
Eles alcançaram a carroça e Brad a colocou no lugar do cocheiro.
— Volto logo.
Ela observou enquanto ele voltava às ruínas, suspirando aliviada.
Maggie estava a salvo, Brad estava a salvo e ele ainda dizia que seu passado não o interessava. Ela teria de perguntar-lhe novamente quando voltassem. Seria difícil apagar aqueles últimos dois dias de sua mente.
Pensara no começo que Vincent queria apenas dinheiro. Mas quando ele demonstrou a raiva que tinha de Brad e a levou para as ruínas, teve certeza de que queria matá-los, a ela, Brad e Maggie.
Estremeceu só de lembrar do momento em que Brad dissera que a filha deles estava perto dali com a babá. Sabia que Brad nunca colocaria Maggie em perigo, mas estava tão desesperada que não foi capaz de raciocinar.
De repente, Brad voltou para o lado dela com uma expressão sombria.
— Vincent está morrendo — disse em voz baixa. — Quando Nick saltou sobre ele, ele disparou a pistola. Atingiu o próprio estômago. Não há nada que se possa fazer. Nick está com ele.
Brad subiu na carroça e abraçou Abby. A tensão dos últimos dois dias pareceu se dissolver em lágrimas nos olhos dela.
— Não chore, meu amor. Essas lágrimas doem aqui. — Ele apontou para o coração.
Abby respirou fundo e tentou limpar o rosto.
— Estou feliz porque tudo terminou. Vincent era doente. Você sabe disso, não?



— Ele enlouqueceu. No fundo, não pôde se livrar da idéia de que a esposa tinha morrido por sua própria culpa, porque não ficara ao lado dela. Sem conseguir suportar isso, escolheu um culpado, que fui eu. Abby encolheu os ombros e se afastou dele o suficiente para poder ver seus olhos.

— Você estava dizendo a verdade quando falou sobre o meu passado? Minha mãe não sabia que seu primeiro marido estava vivo quando se casou com meu pai. Pensou que estivesse livre; ele já havia desaparecido muito tempo antes. Eu não podia lhe contar, me perdoe! Prometi a ela pouco antes que morresse. Me perdoe...

— Abby. — Brad puxou a cabeça dela para seu ombro e a beijou.

— Isso não importa nem um pouco. O que eu disse a Vincent era verdade. Você está casada comigo agora, é mãe de minha filha e é minha condessa. Tem o meu coração com você. Se for embora, o levará junto... Amo você, Abby, você é minha vida. Eu só quero ir para casa. Nick e os outros podem cuidar das coisas por aqui.

Abby soluçava quando voltou a olhar bem dentro dos olhos dele.

— É verdade que me ama?

— Com meu coração e minha alma — Brad respondeu simplesmente.

— Sabe que também o amo, não é?

— Eu esperava que sim — ele murmurou, os lábios já bem próximos aos dela.

Foi um beijo profundo e carregado de emoção. Mas Abby se afastou, sorridente.

— Vamos para casa? Maggie sentiu minha falta?

— Acho que sim... Talvez... Um pouco...

Abby o empurrou, fingindo-se ofendida. Depois voltou a abraçá-lo enquanto ele sorria e segurava as rédeas, colocando a velha carroça em movimento.

No percurso de barco, ela se lembrou do dia em que, chegando à Inglaterra, tinha se confundido com o bilhete de Harry e ido para o endereço errado. O universo havia conspirado para que encontrasse o amor de sua vida.

Tinha um marido maravilhoso a seu lado, uma filhinha esperando por ela, amigos que realmente a estimavam... Uma vida cheia de amor. Não podia querer nada mais.

Três meses depois

Abby estava ainda muito excitada para pegar no sono. Virou-se para o marido.

— Foi um lindo casamento, não foi?

— Foi, sim — respondeu Brad, aconchegando-se mais a ela.



— Eileen estava linda!
— Não tanto quanto minha noiva.
— Oh, você é suspeito! E Nick! Como estava nervoso! Brad riu e Abby esperou por seu comentário.
— Nervoso não é bem a palavra. Acho que estava aterrorizado!
— Oh, Brad, com certeza não! Acha que ele tem tanto medo do casamento? Eileen é maravilhosa... E ele convive conosco.
Brad ergueu a cabeça para fitá-la.
— Fomos um grande estímulo, não fomos? — Ele a abraçou ainda mais forte e colou os lábios em seu ouvido. — E agora... O que acha de providenciarmos um irmãozinho para Maggie? Precisaremos de uma nova comemoração daqui a alguns meses...
Abby inspirou profundamente.
— Bem, meu marido, vou ter de pensar por um dia ou dois antes de lhe dar uma respos...
Ela não chegou a terminar a frase. Os lábios quentes de Brad pousaram sobre os seus e, em poucos instantes, só a paixão deles continuava a existir.

